

Shirley do Socorro Magalhães Monteiro

**A produção de pequenos objetos de madeira. Um estudo de caso: a empresa “Móveis Souza”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), área de concentração em Antropologia, junto ao Departamento de Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, como pré-requisito para obtenção do grau de mestre em Ciências Sociais (ANTROPOLOGIA), sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Diana Antonaz.

Belém-Pa  
Fev/ 2006

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
(Biblioteca de Pós-Graduação do CFCH-UFPA, Belém-PA-Brasil)

---

Monteiro, Shirley do Socorro Magalhães

A produção de pequenos objetos de madeira. Um estudo de caso: a empresa “Móveis Souza”/ Shirley do Socorro Magalhães Monteiro; orientadora, Diana Antonaz. Belém, 2006

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2006.

1. Artesanato - Pará. 2. Trabalhos em madeira - Pará 3. Produtos reciclados - Pará. 4. Trabalho familiar. I. Título.

CDD - 20. ed. 745.5

---

Shirley do Socorro Magalhães Monteiro

**A produção de pequenos objetos de madeira. Um estudo de caso: a empresa “Móveis Souza”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), área de concentração em Antropologia, junto ao Departamento de Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, como pré-requisito para obtenção do grau de mestre em Ciências Sociais (ANTROPOLOGIA), sob a orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Diana Antonaz.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Banca examinadora em:

Banca examinadora:

---

Dra. Diana Antonaz (UFPA)

---

Dra. Claudia Leonor Lopes Garcez (Museu Emílio Goeldi)

---

Dr. Jorge Hernandez - Instituto de Estudos Superiores da Amazônia (IESAM)

---

Dr. Roberto de Araújo Oliveira Santos Júnior (Museu Emílio Goeldi)

Belém-Pa  
Fev/ 2006

Aos meus pais,  
Olinda Monteiro e João Carlos Monteiro.  
Com meu amor

## **Agradecimentos**

Aos meus pais Olinda e João Carlos pelo apoio, dedicação, amor e incentivo que sempre recebi.

Aos meus irmãos Pedro e João pelas conversas, sugestões e informações.

Aos meus sobrinhos queridos Ingrid, Wendell e Laura pelas brincadeiras e os momentos alegres.

Ao meu namorado Eurípedes que sempre esteve perto do meu coração e presente em minha vida, pelo amor, apoio, companheirismo e amizade que foram fundamentais nesta etapa.

À família de Eurípedes pelo auxílio e compreensão nos momentos em que precisei, recebendo carinho e amizade de todos, especialmente de D. Conceição que sempre fazia, além disso, almoços e lanches saborosos.

À família da empresa “Móveis Souza”: Seu Sebastião, D. Graça e Marcos que me receberam e permitiram que eu pudesse desenvolver meu trabalho de campo na movelaria.

A todos os especialistas que entrevistei em seus locais de trabalho que cederam seu tempo e se dispuseram a colaborar permitindo que os entrevistasse.

A todos os professores e funcionários do mestrado de antropologia.

Aos colegas do mestrado de antropologia pelas contribuições.

À professora Dra Claudia Leonor Lopes Garcez (Museu Emílio Goeldi) por se dispor a analisar ainda na fase de construção este trabalho fazendo várias sugestões para seu aperfeiçoamento.

À professora Dra Diana Antonaz minha orientadora neste trabalho, pela acolhida que recebi neste novo ramo do conhecimento que é a antropologia, que desde a seleção para o mestrado, acreditou em minha proposta de trabalho e na minha capacidade em desenvolvê-lo, pela orientação acadêmica recebida, por respeitar meu ritmo de trabalho e meus limites, por entender a minha cabeça (entre os desenhos, projetos, pesquisas, números, etc.), pela acolhida (gestos e olhares falam mais que palavras), pelo ser “humano” que você é. Muito obrigada.

À Fundação de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudo concedida.

## Resumo

MONTEIRO, Shirley do Socorro Magalhães Monteiro. **A produção dos pequenos objetos de madeira. Um estudo de caso: a empresa “Móveis Souza”**. Belém, 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais - Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2006

A pesquisa foi organizada em torno da produção de um pequeno objeto de madeira, procurando-se acompanhar sua biografia, desde o lugar de sua criação e fabricação – a empresa “Móveis Souza” -, onde trabalham o proprietário e um dos filhos, ambos marceneiros, e a esposa do primeiro, na administração. A criação do objeto, vista como arte pelo proprietário, e o tipo de organização da pequena empresa revelam-se condições indispensáveis na produção do pequeno objeto. Mostra-se em que circunstâncias a empresa passa a utilizar sobras de madeira e como esta decisão implica no início de um processo de ambientalização da produção, que por sua vez se constitui em um dos elementos centrais de invenção do regional. A introdução do design no estado do Pará, media a invenção de um regional paraense e amazônico.

**Palavras -chave:** Classes populares, trabalho familiar, Amazônia, pequenos objetos de madeira, regional paraense, reciclagem.

## **Abstract**

MONTEIRO, Shirley do Socorro Magalhães Monteiro. **A produção dos pequenos objetos de madeira. Um estudo de caso: a empresa “Móveis Souza”**. Belém, 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais - Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2006

This research was organized around the production of a small wooden object, so as to try to depict its biography, from a point of observation at enterprise “Móveis Souza”, where it is conceived and made. In achieving the production of this object cooperate the owner and his son, as well as the wife of the former who manages the family business. Object creation, which means art to the owner, as well as the specific work organization constitute unique conditions which are essential to achieve the production of such object. Moreover, the circumstances in which the owner starts using wood residues, and how this decision attaches environmental quality to production, which on its turn is the central elements connected to the invention of a regional production. The introduction of design in the state of Pará mediates the invention of Pará and Amazonian regional products.

**Key words:** popular classes, family work, Amazonia, small wooden objects, Para regional products, recycling.

## **Lista de desenhos**

Desenho – 01: Croquis da Planta de Situação da Empresa “Móveis Souza” – p.56

Desenho – 02: Croquis da Planta – baixa da Empresa “Móveis Souza” antes da mudança da família para a empresa. – p.57

Desenho – 03: Croquis da Planta – baixa da Empresa “Móveis Souza” após a mudança da família para a empresa – p.58

## **Lista de fotografias**

Foto 01 – Componentes da família da empresa “Móveis Souza” que trabalham na movelaria: Marcos, D. Graça e Seu Sebastião. – p.49

Foto 02 – Espaço da loja da Empresa “Móveis Souza”: Alguns móveis expostos e D. Graça sentada à mesa onde as visitas e clientes são recebidos. – p.59

Foto 03 – Acesso ao espaço de fabricação a partir do espaço da loja. – p.60

Foto 04 – Cozinha. – p.61

Foto 05 – Cozinha: Estante de ferramentas. – p.61

Foto 06 – Depósito: Varal de roupas. Em segundo plano estão sobras de madeiras e partes de móveis. – p.62

Foto 07 – Depósito: Varal. Em segundo plano partes de móveis. – p.63

Foto 08 - Depósito recebeu máquina de lavar após a mudança da família para empresa. Na lateral do banheiro estoque de sobras de madeiras de serraria de exportação. – p.63

Foto 09 – Vista do quintal a partir do espaço da fabricação. – p.64

Foto 10 – Quintal: Comunicação da empresa e a casa que anteriormente era ocupada pela família. – p.64

Foto 11- Sobras de madeiras de serraria de exportação utilizadas na produção de móveis. – p.68

Foto 12- Sobras de madeiras da produção dos móveis utilizadas na fabricação de pequenos objetos. – p.71

Foto 13- Resíduos de madeiras da produção de móveis guardados em uma caixa para serem reaproveitados por meio de colagem. Marcos mostra através da união de duas peças a possível criação de um novo pequeno objeto. – p.72

Foto 14 - Mesa criada com tronco de árvore. – p.73

Foto 15 - Mesa para telefone criada a partir de tronco de árvore. – p.73

Foto 16 – Fruteira na sua dimensão total. – p.94

Foto 17 – Fruteira fechada. – p.94

Foto 18 – Seu Sebastião com a pistola de ar comprimido que é utilizada para pintar a fruteira. – p.96

Foto 19 – Máquina utilizada na fabricação de móveis: Juntora tem a função de “fatiar a madeira”. – p.97

Foto 20 - Seu Sebastião utilizando a “Esquadrejadeira” máquina utilizada na fabricação de móveis, tem a função de “esquadrejar” o desenho na madeira, ou seja, colocar o desenho no esquadro segundo o ângulo de 90°. – p.97

Foto 21 - Seu Sebastião utilizando a Topia, máquina com a função de tornejar a madeira e fazer baixos relevos. – p.98

Foto 22 - Seu Sebastião utilizando a serra de fita, máquina para serrar madeira. – p.98

## **Lista de quadros**

Quadro 01- Crescimento da Fábrica de Móveis (Movelaria - Empresa “Móveis Souza”) – p.48

Quadro 02 - Atividades cotidianas da família na Fábrica de Móveis (Movelaria - Empresa “Móveis Souza”) - p.52

Quadro 03 – Distribuição das tarefas em eventos (Feiras) – p.55

Quadro 04 - A Fábrica de Móveis (Movelaria – Empresa “Móveis Souza”) com vínculos com a casa – Comparações entre os ambientes da fábrica e de uma casa. – p.65

Quadro 05 – Descrição do objeto: Fruteira. – p.93

## **Lista de abreviaturas e siglas**

AIMEX - Associação das Indústrias Exportadoras de Madeira do Estado do Pará.

ALBRÁS - Alumínio Brasileiro S/A.

AMA - Associação dos Moveleiros de Marituba.

CEFET/PA – Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará.

CEMPRE - Compromisso Empresarial para Reciclagem.

CNI - Confederação Nacional da Indústria.

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento, Científico e Tecnológico.

COPAM - Comércio de Papéis e Aparas Mooca Ltda.

COSIPAR - Companhia Siderúrgica do Pará.

CVRD - Companhia Vale do Rio Doce.

DCT – Diretoria de Ciência e Tecnologia.

DPHAC – Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Estado do Pará

FEMATEC - Feira de Móveis, Artefatos de Madeiras e Tecnologias Apropriadas

FIEPA - Federação das Indústrias do Estado do Pará.

FUNTEC – Fundo Estadual de Ciência e Tecnologia.

FUMBEL – Fundação Cultural do Município de Belém.

IBAMA - Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

IDEPAR - Instituto de Desenvolvimento Empresarial do Pará.

IEL – Instituto Euvaldo Lodi.

IESAM - Instituto de Estudos Superiores da Amazônia.

LPF - Laboratório de Produtos Florestais

NAAC - Nippon Amazon Aluminium Co. Ltd.

ONGs - Organizações Não Governamentais.

ONU - Organização das Nações Unidas.

PET – Tereftalato de Polietileno

PIPES – Programa de Iniciação à Pesquisa.

P.P.D - Programa Paraense de Design.

P.P.T.A - Programa Paraense de Tecnologias Apropriadas.

SAGRI – Secretaria Executiva de Agricultura do Pará.

SEBRAE/PA - Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa.

SECTAM - Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente.

SEICOM - Secretaria Executiva de Indústria, Comércio e Mineração.

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

SESAN - Secretaria de Saneamento.

SETEPS – Secretaria Executiva de Trabalho e Promoção Social

SINDMÓVEIS - Sindicato das Indústrias de Marcenaria do Estado do Pará

SUDAM - Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia.

UEPA - Universidade Estadual do Pará.

UFPA - Universidade Federal do Pará.

UFSM – Universidade de Santa Maria.

UNAMA - Universidade da Amazônia.

## Sumário

Dedicatória	iv
Agradecimentos	v
Resumo	vi
Abstract	vii
Lista de desenhos	viii
Lista de fotografias	ix
Lista de quadros	xi
Lista de abreviaturas e siglas	xii
<b>Introdução</b>	16
A biografia dos objetos na trajetória pessoal	18
Observar o concreto	23
<b>Capítulo I: Mudando para Belém</b>	30
A família de Seu Sebastião	30
A família de D. Graça	42
<b>Capítulo II: A arte da marcenaria na empresa “Móveis Souza”</b>	47
O crescimento da empresa e a inserção do proprietário nas atividades da movelaria	47
A divisão do trabalho na movelaria	49
Participação em feiras e eventos	53
O espaço físico da Fábrica de Móveis	55
<b>Capítulo III: A ambientalização da produção na empresa “Móveis Souza”</b>	67
Entre estratégias de reprodução e etiqueta ambiental	67
A ambientalização do setor industrial no Pará	75
O processo de ambientalização e a identificação do regional	84

<b>Capítulo IV: Os artífices do regional paraense</b>	87
A arte dos marceneiros nos pequenos objetos	88
Descrição do objeto – Impressão geral produzida pelo objeto: as pessoas que o constroem, o que ele representa para as pessoas da movelaria	90
Características fundamentais da tecnologia do objeto – Os problemas de construção e de tecnologia	93
Etapas da experiência de construção do objeto	94
Processo de fabricação do objeto (Atualmente)	95
A intervenção dos especialistas	99
O design enquanto elemento de mediação e tradução	101
A reprodução do regional	104
Traduções e apropriações do regional e de seus elementos constitutivos pelos profissionais da empresa “Móveis Souza”	105
<b>Considerações Finais</b>	108
<b>Referências</b>	111
<b>Anexos</b>	
A – Diagrama 01 de parentesco da empresa “Móveis Souza” – funções da família quando a empresa começou a crescer	121
B – Constituição da República federativa do Brasil 1988. TÍTULO VIII DA ORDEM SOCIAL CAPÍTULO VI – DO MEIO AMBIENTE – Art.2225 e §§ 1º a 6º	122

## Introdução

Esta dissertação versa sobre os pequenos objetos de madeira, classificados, no mercado, como “artesanato regional paraense”. Dois temas centrais se entrecruzam na dissertação: o primeiro remetendo aos objetos – e particularmente a seus artífices - e o segundo a uma classificação de uma forma particular de consumo, que poderíamos chamar, em linguagem contemporânea, de “politicamente correta”.

O estudo dos objetos e de suas relações está inserido em uma área temática da antropologia denominada “cultura material”, na qual tem sido abordada tradicionalmente a alteridade cultural lida nos objetos deslocados das chamadas sociedades exóticas e antigas para as coleções dos museus dos impérios coloniais.

Outra vertente da cultura material, que remete imediatamente às categorias *regional, popular, tradição e nacional*, é abordada nos estudos de folclore, também denominados em estudos mais recentes de “tradições populares”. Burke<sup>1</sup>, em seu trabalho a respeito da cultura popular, ilumina o seu processo de invenção na Europa central, que conta, para isso, com uma intensa atividade dos intelectuais dos séculos XVIII e XIX<sup>2</sup>, que percorrem estradas, campos e montanhas em busca das manifestações culturais dos camponeses. A coleta sistemática, a reinterpretação e a tradução realizada pelos intelectuais acaba sendo reconhecida como arte popular genuína, associada à tradição de uma região e constituinte da nacionalidade, conforme mostra Thiesse em seu livro sobre a constituição das identidades nacionais na França<sup>3</sup>. Nas cidades, Burke nos mostra como as elites se apropriam “do popular”, nas ocasiões em que elites e povo se misturam em festas religiosas e profanas, e ainda, como pessoas das camadas populares entram com sua cultura pela porta dos fundos das mansões burguesas, ao servirem aos senhores e ao educarem seus filhos. No Brasil, segundo Vilhena<sup>4</sup>, localiza projeto semelhante dos intelectuais, no interior da Comissão Nacional do Folclore, instituída nos anos 50, apontando, no entanto uma contradição. Por um lado, os intelectuais da

---

<sup>1</sup> BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

<sup>2</sup> Época em que são constituídas as nações na Europa

<sup>3</sup> THIESSE, Anne-Marie. *La création des identités nationales (Europe XVIII-XX)*. Paris: Éditions du Seuil, s/d.

<sup>4</sup> VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e Missão. O Movimento Folclórico Brasileiro, 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte/Fundação Getulio Vargas, 1997.

Comissão em seu trabalho de coleta das tradições populares buscavam a unidade da nacionalidade, por outro, deram-se conta, no entanto, que ser brasileiro implicava acima de tudo grande diversidade cultural. Localizaram nas origens mestiças da cultura e na percepção de um país subdesenvolvido, a base de uma unidade nacional constituída de diversidades regionais, o que se contrapunha ao desenvolvimento, enquanto identidade da nação a ser construída segundo os desígnos do Estado.

Se por um lado, como já apontado, a cultura material é associada principalmente às sociedades antigas, de que se ocupa a arqueologia, e por outro, às sociedades distantes (no sentido geográfico e simbólico que remete ao estranhamento), nos últimos anos, a antropologia tem se voltado para este tema a fim de pensar as sociedades contemporâneas. Dentre estes, Strathern<sup>5</sup> inclui na rede de relações humanas os objetos, configuração a que atribui a denominação de “socialidade”. Appadurai<sup>6</sup>, na introdução do livro por ele organizado aborda os mecanismos sociais e políticos que regulam “o gosto”, o comércio, e o desejo, de forma a demonstrar como as pessoas atribuem valor aos objetos. Já em 1979, Bourdieu<sup>7</sup>, publicara o livro *La distinction*, no qual correlaciona gostos a estatuto social, evidenciando-o igualmente como linguagem expressiva de aspirações e pretensões da pessoa. O tema do consumo é objeto de uma das antropologias contemporâneas, que tem como referencial o livro pioneiro de Douglas e Isherwood<sup>8</sup>.

No caso que me proponho a estudar, o *design* desempenha um papel central e é a partir deste ponto de vista que inicio a minha viagem antropológica em direção ao pequeno objeto de madeira. Narotzky<sup>9</sup> chama atenção que o design se vê crescentemente imbricado com a etnografia, com os estudos de consumo e com a cultura material, apropriando-se de novos temas.

---

<sup>5</sup> STRATHERN, Marilyn. “Parts and wholes. Refiguring relationship in a post-plural world”. Ed. Adam Kuper *Conceptualizing society*, London and New York, Routledge, 1992.

<sup>6</sup> APPADURAI, Arjun. “Introduction: commodities and the politics of value” In: Appadurai (org) *The Social Life of Things – commodities in cultural perspective*, Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p 3-63

<sup>7</sup> BOURDIEU, Pierre. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Éditions de Minuit, 1979.

<sup>8</sup> DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD Baron. *O mundo dos bens. Para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro : UFRJ, 2004.

<sup>9</sup> NAROTZKY, Viviana. *Stories of things: history of design and material culture*. The open university, 2002. Disponível em < <http://www.glaadh.ac.uk/documents/narotzky>> Acesso em 10.01.2006

### **A biografia dos objetos na trajetória pessoal**

Graduei-me em arquitetura em 1993 pela Universidade Federal do Pará (UFPA), mas já no período acadêmico trabalhei como bolsista de iniciação científica<sup>10</sup> em uma pesquisa no Departamento de Arquitetura intitulada "Contribuições para o conforto ambiental das edificações na Amazônia". Esta pesquisa consistia em oferecer alternativas de conforto térmico obtido pela dimensão de uma parte do telhado chamada beiral (prolongamento do telhado, que vai da parede para a parte externa da edificação), utilizando madeira. Em função desta pesquisa estudei os diversos tipos de madeira da região amazônica, suas cores, texturas, como são trabalhadas, onde são empregadas, características mecânicas. Tive a oportunidade de ser supervisionada por dois professores que voltavam seus interesses para o que poderíamos chamar de uma "arquitetura social" voltada para buscar soluções adequadas à região para as camadas menos favorecidas da população. Foram eles os professores José de Andrade Raiol e Milton Monte.

Já graduada, trabalhei durante um ano (1994 - 1995) com eles na Secretaria de Estado de Obras Públicas (SEOP), onde já estava estagiando desde 1992, mas com a mesma filosofia de trabalho característica dos dois professores, já descrita anteriormente. Com a minha saída da Secretaria em 01/ 1995, ingressei no Curso de Especialização oferecido pela Universidade Federal do Pará (UFPA) "Preservação e restauração do patrimônio arquitetônico", no período: 2º semestre 95 a 1º semestre de 1996, onde fui contemplada com bolsa. Neste curso desenvolvi um trabalho intitulado "Solar do Barão do Guajará": uma proposta de intervenção restaurativa, desenvolvido conjuntamente com a professora Elna Trindade (professora do Curso de arquitetura da UFPA), que também era aluna do curso. Ficamos 9 (nove) meses neste solar, pesquisando a edificação, sua história, seus móveis em madeira, assoalhos em madeira com cores diferenciadas, forros e telhados todos em madeira, com técnicas construtivas que hoje não se usam mais. Em resumo, pesquisamos tudo ou quase tudo referente ao solar. Conseguimos fazer um bom trabalho. Infelizmente, até hoje, o solar não foi completamente restaurado.

Após esta experiência trabalhei de 1997 a 1999 em órgãos de patrimônio arquitetônico: Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Estado do Pará

---

<sup>10</sup> 1990 – 1991 Programa de Iniciação à Pesquisa (PIPES) e 1991-1993 Conselho Nacional de Desenvolvimento, Científico e Tecnológico (CNPq).

(DPHAC) e Fundação Cultural do Município de Belém (FUMBEL). Na FUMBEL trabalhei na proposta preliminar de um inventário do Patrimônio Cultural na Ilha do Mosqueiro. Eu estava na equipe de arquitetura, à qual havia sido atribuída a tarefa de empreender o cadastro das edificações (medidas minuciosas da edificação, detalhes em desenhos, objetos, fotos, etc...) de interesse histórico, afetivo, cultural da ilha. Outras equipes (história, turismo, sociologia, educação ambiental, assistência social) colaboravam no inventário. Nesta experiência, observei que muitos moradores das edificações visitadas possuíam objetos, móveis antigos em madeira, que sabiam que eram antigos por haverem pertencido aos seus ascendentes, mas desconheciam seu valor artístico, técnico e histórico. Então senti a necessidade de conhecer mais sobre a história dos móveis. Porém, em Belém, até então não havia cursos voltados para esse tema. Tomei conhecimento, então, de um curso de especialização a ser promovido pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) em “design do mobiliário”, que enfocaria o uso da madeira e no qual seriam ministradas disciplinas do meu interesse profissional<sup>11</sup>. O objetivo do curso era formar profissionais para “agregar valor”<sup>12</sup> à madeira do Estado do Pará, produzindo móveis e objetos para que esta não deixasse o estado em sua forma bruta, retornando como objeto manufaturado (qualquer que fosse) de alto valor.

Submeti-me ao processo de seleção, sendo aprovada. O curso era todo voltado para a transformação da madeira, inclusive o trabalho final, realizado juntamente com dois outros colegas,- Pedro Ivanildo (Arquiteto, professor do Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará - CEFET/PA) e Marcelo Gil (Arte Educador, artesão da cerâmica) -. O nosso trabalho consistiu em projetar uma linha regional de mesas e cadeiras para sala de jantar denominada “açai”. Para isso, utilizamos palha e madeira, explorando o contraste de cores, o uso do vidro e uma forma diferenciada nas cadeiras. Utilizamos uma peneira<sup>13</sup> como base para o design. Este trabalho ficou no nível de projeto, sem que pudéssemos construir um protótipo. Mas é algo que os colegas e eu pensamos em fazer para participar futuramente de algum concurso.

---

<sup>11</sup> Este curso teve o apoio de várias instituições, entre elas a Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (SECTAM).

<sup>12</sup> Esta categoria circula entre profissionais da academia e do governo estadual. São aparentes as suas dimensões econômicas e políticas, conforme será visto no capítulo 4.

<sup>13</sup> Elemento usado para amassar o açai, muito consumido no estado do Pará.

Em 2001, comecei a trabalhar no P.P.T.A/DCT.<sup>14</sup> Meu irmão trabalhava no setor oleiro cerâmico, como Engenheiro Químico, e soube de que o setor joalheiro precisava de alguém que tivesse especialização em design. Levou o meu currículo, que foi analisado pelo coordenador do programa e secretário adjunto da SECTAM, professor Claudio Ribeiro. Em virtude de minha experiência com a madeira fui integrada ao setor moveleiro.

O setor moveleiro trabalhava com a região da Grande Belém (Belém, Marituba, Ananindeua), Paragominas e Tomé-Açu. Quando me integrei à equipe do setor, já havia sido feito o diagnóstico nas empresas, onde foram constatadas as dificuldades dos moveleiros, suas necessidades quanto à capacitação tecnológica, grau de escolaridade, tipos de móveis que produziam, se aproveitavam resíduos, caracterização da empresa (formal/informal), utilização de serviços terceirizados, situação do imóvel (alugado, cedido, próprio), grau de instrução do proprietário, envolvimento comunitário (entidades de classe); produção - linhas de produto/ mercados atingidos, matéria-prima (origem e proveniência, espécies utilizadas, outros materiais), desenvolvimento tecnológico (equipamentos utilizados e processos produtivos, índices de acidentes, idade média dos equipamentos, informações ou dados que influenciaram no desenvolvimento do produto, fontes de informações tecnológicas).

Com base nas conclusões deste diagnóstico (feito em todas as empresas em que o setor se propunha a trabalhar) foram norteadas as intervenções do P.P.T.A no setor moveleiro, ou seja, uma gama de ações a serem desenvolvidas no período de 2 (dois) anos, período de financiamento das bolsas do CNPq.

O setor moveleiro, como outros setores, era composto por profissionais de diferentes áreas do conhecimento: (2) arquitetos, que trabalhavam com projeto de móveis e organização de feiras e eventos; (1) arquiteta que trabalhava com pesquisa para cartilhas de design e mais tarde com projetos de pequenos objetos de madeira; (1) engenheira florestal; (1) engenheiro mecânico com mestrado em engenharia de produção, juntamente com (1) estudante de engenharia de produção (estes tratavam de máquinas e tempo de produção) (1) profissional de “chão de fábrica” (com habilidade na operação de máquinas de movelaria, e na confecção de

---

<sup>14</sup> PPTA -Programa Paraense de Tecnologias Apropriadas, programa financiado pelo CNPq em convênio com a Secretaria Executiva de Tecnologia e Meio Ambiente (SECTAM) –na Diretoria de Ciência e Tecnologia (DCT) existiam 6 (seis) setores: o setor oleiro-cerâmico, o de floricultura, o joalheiro, o fruticultura, o setor social (que dava apoio a todos os outros) e o setor moveleiro. A criação do P.P.T.A. foi uma iniciativa do professor Claudio Ribeiro (Engenheiro Químico, professor da UFPA) e do professor Nilson Pinto, também da UFPA.

pequenos objetos); (1) Gerente do setor (engenheira civil e arquiteta, presidente do Sindicato das Indústrias de Marcenaria do Estado do Pará, fez parte comigo da turma de especialização de Design na UEPA), sendo também dona de uma movelaria. A equipe era bastante coesa e quando nos eram atribuídas tarefas desafiadoras, todos se empenhavam para obter bons resultados. Foi o setor que mais produtivo do P.P.T.A, possivelmente devido à influência da gerente no setor moveleiro do Estado e junto aos empresários.

Quando entrei (05/2001) para a equipe, como já mencionei, o diagnóstico já havia sido realizado e comecei a participar de reuniões com moveleiros, feiras, cursos, workshop, e tive mais contato com a sua realidade, seus problemas, percebi que queriam um diferencial para o seu produto através do design. Como pouco conheciam a respeito do tema, propus uma cartilha com noções básicas sobre o assunto, que, no entanto, só foi publicada em dezembro de 2002. Como fiquei diretamente responsável pela cartilha, dediquei-me exclusivamente a esta tarefa.

Vale ressaltar que todos os setores tinham seu espaço físico na SECTAM, só o setor moveleiro (logo após o meu ingresso na equipe) teve como sede o próprio sindicato das Indústrias de Marcenaria do Estado do Pará: uma sala grande, com frigo-bar, condicionador de ar, 2 (dois) computadores, em um local privilegiado da cidade –estávamos bem instalados em relação às pessoas dos outros setores. Liberada da cartilha, a equipe toda foi visitar algumas movelarias, inclusive a da chefe. Foi a primeira vez que entrei em contato com fábricas de móveis de médio porte. Observei (em todas) grande acúmulo de peças de madeira de tamanhos pequeno e médio. Logo minha chefe e meus colegas viram o meu interesse e começamos a discutir a elaboração de projetos para o aproveitamento destas sobras. Mas era necessária uma pessoa que fizesse os experimentos, concretizasse os projetos dos objetos, transformasse o que estava no papel em objeto palpável, conhecesse máquinas, e assim foi contratado um operário de “chão de fábrica”. Os primeiros protótipos ficaram prontos para a exposição do CNPq. Embora ainda precisassem de ajustes, o interesse de pessoas que os queriam comprar era grande, acontecendo o mesmo com os moveleiros, que queriam saber se os projetos, as idéias e a tecnologia lhes seriam repassados. Foi um trabalho de equipe, mas que precisava ser melhorado. Verificou-se que as dificuldades estavam principalmente no acabamento e nas ferramentas utilizadas.

Em nossos primeiros projetos usamos como diferencial as cores das madeiras amazônicas, mas a equipe toda sentia a necessidade de buscar, como referência para o design, elementos da cultura da nossa região (região Amazônica, do Estado do Pará), pois também observávamos nos trabalhos dos produtores, dos artesãos, esta necessidade. Vejo, agora, o quanto esta necessidade foi construída<sup>15</sup>.

No mês de outubro de 2002, venceram as bolsas dos profissionais mais antigos do setor, da Engenheira Florestal e da Gerente do setor, e houve um certo esfriamento do processo de trabalho na equipe, uma vez que mudanças estavam ocorrendo. Em dezembro de 2002, participei, na UEPA, de um curso de criação/criatividade em um projeto de produto com o professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Vidal Gomes Negreiro. Uma das atividades do curso consistia em fazer vários estudos para o projeto de produtos. Fiz uma pesquisa rápida nas lojas locais e percebi não haver descanso de pratos e de panelas em madeira, existia só um modelo de uma grande empresa (Tramontina). Então fiz várias propostas (mais de 60) de modelos de descanso de pratos e de panelas usando sobras de madeira (em cores diferenciadas) e alguns com corda, para enviar para o professor Vidal em Santa Maria e para mostrar para o gerente do setor moveleiro, que naquele momento era o Engenheiro Mecânico (com mestrado em engenharia de produção), Marcelo Araújo. Na primeira oportunidade, levou as propostas para o professor Cláudio Ribeiro que gostou da idéia e pediu que os objetos fossem produzidos. Claudio Ribeiro é um personagem central na viabilização dos pequenos objetos de madeira, e na divulgação do design no estado. Embora falasse pouco, percebia-se o entusiasmo com que se referia aos progressos do P.P.T.A. Em fevereiro de 2002, o programa que havia sido considerado modelo nacional pelo CNPq, com as mudanças governamentais, entrou em uma era de incertezas. O período de concessão das bolsas estava terminando. O coordenador, que teria gostado de manter a equipe, tentou obter algumas bolsas de menor valor de outras fontes, mas mesmo assim, muitos foram obrigados a sair. Com essas mudanças, eu acabei sendo designada pelo professor Cláudio para assumir o setor. Selecionamos 32 (trinta e duas) peças, que ficaram prontas com data para serem entregues, pois em 1º de maio de 2003 venceria a minha bolsa, e juntamente com outros colegas, saímos dos setores do P.P.T.A. O setor moveleiro do programa praticamente acabou meses após este acontecimento. Antes da minha saída foram repassados os projetos deste último trabalho (descanso de pratos e de panelas) aos moveleiros de Tomé-Açu, aqui de

---

<sup>15</sup> Trato disso nos capítulos 3 e 4.

Belém, e aos de Paragominas. Hoje o P.P.T.A. ainda tenta se manter, mas pelo que soube o setor moveleiro não funciona como antes, apenas um profissional (assistente social) mantém o setor. Em outubro de 2003, tive a oportunidade de ver todos os pequenos objetos (faltaram alguns) expostos na Feira da Madeira, e muita gente querendo comprá-los como objeto de decoração, não só como descanso de pratos. Muitos queriam informações a respeito do aproveitamento de resíduos.

Após minha saída da SECTAM, decidi que faria uma pós-graduação onde pudesse aliar o design, toda minha experiência profissional com design de pequenos objetos em madeira vivenciada no P.P.T.A. e a cultura material. Consultei, por e-mail, a esse respeito o professor Vidal, que me sugeriu consultar livros de antropologia, o site do CNPq sobre o assunto. Este foi o percurso que me levou à antropologia, dentro do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Em linhas gerais, o tema de minha dissertação possui uma relação estreita com minha formação profissional, desde a graduação (trabalho com madeiras, questões referentes a cultura regional, etc...) até a minha experiência no P.P.T.A, e inclusive hoje na pós-graduação, onde apresento o resultado desta pesquisa. O relato aqui feito mostra também uma pouco da história de implantação do design no estado, assim como da invenção do pequeno objeto de madeira. Retornarei aos personagens aqui citados, - os intelectuais que de alguma forma estão relacionados com o pequeno objeto de madeira - no capítulo 4.

### **Observar o concreto**

A minha inserção, aqui descrita em detalhe, permitia que eu começasse minha pesquisa já conhecendo os agentes e as instituições que se relacionavam com o pequeno objeto. Se isso podia me ajudar a queimar algumas etapas da pesquisa, por outro lado apresentava inconvenientes, como de achar a priori que conhecia as relações que me propunha a estudar, e de compartilhar categorias e códigos com outros profissionais, o que implicava duplo esforço de desnaturalização, além das pessoas junto as quais conduziria a pesquisa, me verem “a priori” como arquiteta e designer. Além de construir a pesquisa, fazia-se necessário construir a antropóloga.

As decisões a respeito de como conduzir a pesquisa têm a ver com este diagnóstico prévio feito em conjunto com a minha orientadora. Decidi, desta forma realizar observação prolongada junto à única pequena empresa do setor moveleiro que produzia pequenos objetos de madeira, e tentar restituir o ponto de vista daqueles que concebem e fabricam o objeto, traçando a partir daí toda a malha de relações. Propus-me, no trabalho de campo a questionar permanentemente a minha condição e como era vista pelo outro. Procurei objetivar os dados e estabelecer correlações entre eles, conforme recomenda Bourdieu<sup>16</sup>. Como a observação no meu caso e para a minha pesquisa era absolutamente crucial, resolvi fazer o estudo aprofundado de um caso. A forma como procedi vem relatada a seguir.

Iniciei a minha pesquisa de campo no Sindicato das Indústrias de Marcenaria do Estado do Pará (SINDMÓVEIS) em julho de 2004, após um contato prévio. Neste primeiro dia fui recebida pela secretária do sindicato que me atendeu muito bem. Notei que o fato de ser conhecida pelo nome, ou seja, dela saber que eu havia trabalhado com a presidente do sindicato em anos anteriores naquela sala, facilitou o acesso a informações. Neste primeiro encontro recebi uma lista das empresas associadas e soube, com o auxílio da secretária, quem estava trabalhando com sobras de madeiras e quem estava fabricando pequenos objetos. Apenas uma empresa produzia pequenos objetos, era a “Móveis Souza”, e eu conhecia a família do proprietário, mais de perto sua esposa, D. Graça, com quem havia tido contato no período em que havia trabalhado no P.P.T.A., quando o setor moveleiro ocupava a sala do sindicato.

Ainda neste primeiro dia de trabalho de campo no sindicato, alguns associados começaram a chegar no meio da tarde, pois seria realizada uma reunião urgente para resolver assuntos sobre uma exposição que ocorreria durante todo o mês de julho de 2004 em Mosqueiro. D. Graça chegou para esta reunião, eu aproveitei para falar com ela. Fui bem recebida e combinamos de conversar daí a uma semana, em sua casa.

No dia previsto para o encontro, telefonei para D. Graça, mas quem atendeu foi Marcos seu filho caçula, que me informou que a mãe havia saído para ir a uma reunião na Secretaria Executiva de Indústria, Comércio e Mineração (SEICOM), a fim de tratar da participação da empresa na exposição de Mosqueiro. Como este era o último dia em que ela

---

<sup>16</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/ Editora Bertrand Brasil S.A., 1989.

estaria em Belém antes da exposição, apresentei-me para Marcos e perguntei se ele poderia me ajudar. Expliquei que estava fazendo mestrado em antropologia na Universidade federal do Pará (UFPA), falei do trabalho que pretendia desenvolver e porque procurava os membros da movelaria “Móveis Souza”. A conversa foi longa e Marcos ficou de me receber na movelaria. No dia marcado ele estava ocupado, pois iria fazer algumas medidas na casa de um cliente. Assim, só consegui ser recebida uma semana mais tarde.

No dia 15/07/2004 iniciei meu trabalho de campo na movelaria. Neste dia conversei com Marcos e Seu Sebastião falou rapidamente comigo, pois iria levar alguns móveis e pequenos objetos de madeira para a Feira de Mosqueiro. Já nesta ocasião, percebi que não poderia usar o gravador. Havia barulho de máquinas no local<sup>17</sup>, por isso a observação foi fundamental – as entrevistas, as conversas informais, o resultado das observações na empresa e durante a visita às feiras foram anotadas em meu caderno.

Houve um dia em que achei que poderia colocar em risco a minha pesquisa, mais precisamente a relação com as pessoas com quem trabalharia: Marcos no meio da entrevista trouxe-me uma xícara de café com leite. Eu agradei, mas não aceitei, pois meu organismo apresenta uma certa intolerância à lactose. Percebi que a recusa gerou certo mal-estar, uma desfeita e ao mesmo tempo uma surpresa. Acho, que do seu ponto de vista, deveria estar infringindo alguma regra não explicitada no sistema de obrigações de dar, receber e retribuir. Possivelmente Marcos via a possibilidade de que eu oferecesse alguma contribuição profissional à movelaria. O fato de eu não aceitar o café com leite estaria sinalizando que eu estava recusando esta cooperação, mas, ao mesmo tempo, estava ocupando seu tempo e solicitando informações. Revelei o meu problema alimentar e o mal-estar foi superado. Com efeito, no período do trabalho de campo na movelaria, que se prolongou até maio de 2005, fui conselheira: emiti opinião para ajudar D. Graça a decidir que regime escolheria na universidade em que ela cursa pedagogia, no ato de renovação de sua matrícula que ficou trancada; quando solicitada a minha opinião sobre um produto que estava sendo construído, ou de onde ficaria melhor um componente de um objeto que estava em construção eu colaborava; ou sobre informações de cursos superiores de design em Belém; tirei dúvidas de Marcos sobre a profissão de designer e sobre os seus ramos após seu ingresso no ensino superior no curso de design.

---

<sup>17</sup> Fiz um teste para ver se utilizaria ou não este equipamento, mas os vários ruídos: o som das máquinas e o de veículos na rua não permitiriam a reprodução audível das entrevistas.

Passei por momentos que me emocionaram. Um deles em agosto de 2004 quando estava entrevistando D. Graça, que falava de seu pai. A emoção foi grande e as lágrimas vieram ao seu rosto. Percebi, então, que não era o momento para pedir que falasse sobre a sua vida ou fazer uma entrevista em profundidade sobre o assunto. Assim, esta entrevista acabou sendo uma das últimas; o mesmo ocorreu com Seu Sebastião que falava muito pouco. Com o passar do tempo e tendo adquirido sua confiança, ele passou a falar mais sobre seu trabalho, a empresa, sobre sua história e sua família<sup>18</sup>. Estas recordações também o enchiam de emoção. No último dia de trabalho de campo na movelaria, conversei com Marcos, e depois ficamos apenas eu e Seu Sebastião. Neste dia ele me contou em detalhe sua vida em São Sebastião da Boa Vista, a migração para Belém, a adaptação na cidade, e falou-me detidamente a respeito do começo da sua aprendizagem na marcenaria (todos já haviam me contado, inclusive ele, mas não tão minuciosamente), constatei a influência materna, mas também a grande admiração destinada ao pai, pelo trabalho e criatividade. Senti que a voz ficou embargada quando disse que seu pai tinha lhe dado, quando menino, uma caixa de ferramentas de carpintaria e que até hoje ele tinha algumas coisas guardadas. Outro momento de grande emoção aconteceu quando perguntei como ele se sentia ao ver seu filho Marcos cursando o ensino superior em design (Marcos passou no vestibular e iniciou o curso em 2005). No início ele não conseguia falar e as lágrimas rolaram em seu rosto. Aos poucos foi falando, e os gestos, palavras, lágrimas expressavam a importância de ter um filho no curso superior. Neste momento senti uma enorme vontade de chorar ao ver sua emoção, sua alegria e a importância que representava para ele ver Marcos em um curso superior (e em um curso de design). Controlei-me para poder terminar a entrevista. Assim, também, descobri-me mais controlada emocionalmente diante de uma situação como esta.

As minhas idas à movelaria aconteciam uma vez por semana, pela manhã, apenas no primeiro dia fui à tarde, sempre com dia marcado previamente; já no fim de meu trabalho de campo, de janeiro de 2005 a maio de 2005, as visitas foram mais espaçadas.

Durante meu trabalho de campo eu percebi como as pessoas da movelaria se viam: A marcenaria e a carpintaria são duas atividades que utilizam a madeira como matéria- prima,

---

<sup>18</sup> Quando o assunto era o trabalho na movelaria, as máquinas, os móveis, os pequenos objetos, seus olhos brilhavam. Sobre a família dele, a princípio foi D. Graça quem me falou, pois quando senti que já podia falar com eles sobre as suas famílias Seu Sebastião estava fazendo um trabalho externo, então aguardei uma oportunidade onde apenas eu e ele conversamos sobre o assunto.

sendo que a marcenaria é voltada à produção de produtos de pequeno porte: móveis, esquadrias (portas, janelas, balancins), molduras, etc., enquanto que a carpintaria está voltada para obras de maior porte em casas, telhados, barcos, por exemplo. As duas atividades exigem o conhecimento da técnica e do processo de produção.

Sendo assim, Seu Sebastião se via como marceneiro porque detinha a técnica e o conhecimento do processo produtivo da marcenaria, considerava-se moveleiro porque era marceneiro. Moveleiro no contexto desta pesquisa é aquele que tem uma movelaria, uma fábrica de móveis, e geralmente nesta fábrica há uma loja. No caso de Seu Sebastião, além de ele ser o proprietário da empresa ele opera máquinas e fabrica seus móveis. Ele se considera artesão porque trabalhava com ferramentas, e artista porque não trabalha apenas pelo dinheiro – a arte tem o sentido de saber fazer, ter o conhecimento para produzir um objeto e com a satisfação que uma pessoa sente em ver ou adquirir uma peça sua.

Marcos, o filho caçula de Seu Sebastião e de D. Graça, via-se como marceneiro e tinha um sonho acalentado (que dividiu comigo) de entrar em uma universidade no curso de design. Isto se concretizou no início de 2005, quando passou a frequentar o curso do Instituto de Estudos Superiores da Amazônia (IESAM). Após seu ingresso no curso, percebi que ele já não sabia quem era, já não se denominava marceneiro mas produtor, começava a ter uma visão diferente, a de quem cria (quem faz um projeto) e de quem produz (esta visão já tinha anteriormente). Para ele era um momento de novas descobertas: saía do mundo do concreto, o da fábrica, e ia para o mundo do abstrato, o do conhecimento (os cálculos, os desenhos, etc...). Este novo mundo do qual estava fazendo parte confundia sua cabeça. Neste momento solicitou-me que o ajudasse a esclarecer esse seu novo estatuto. Queria saber em que poderia trabalhar após a formatura, como seria denominado, dada a variedade de ramos que o design apresentava. Percebia-se como alguém que estava buscando conhecimento para aplicá-lo em um projeto que já existia, que era a fábrica.

D. Graça se via como moveleira. Aqui moveleira tem o sentido de mulher que trabalha na movelaria, geralmente esposa ou filha do proprietário de uma fábrica de móveis, que auxilia nas diversas tarefas que dizem respeito à empresa, apenas não participa do processo de fabricação dos produtos.

Os meus interlocutores na movelaria “Móveis Souza” me vieram no início da pesquisa como a Shirley, arquiteta e designer que trabalhava no P.P.T.A., e que estava fazendo agora

um trabalho para a universidade sobre a movelaria. Depois passei ser vista como a Shirley que estava fazendo um trabalho para a universidade sobre a movelaria; e mais tarde (do meio para o final da pesquisa) apenas como a Shirley.

Na época do final do trabalho de campo, a movelaria estava com sua produção de móveis e pequenos objetos suspensa para dedicar-se apenas a produção de uma linha de beliches que iria para o Caribe, atividade para exportação, da qual vários moveleiros do Sindicato estavam participando. A empresa estava com seus materiais arrumados para mudar de instalação, passaria a situar-se em Marituba, em um centro tecnológico.

Para concluir, algumas questões se colocaram ao longo do trabalho de campo, e que reproduzo a seguir:

1) Por que há apenas uma família, conforme foi levantado até o momento, no Sindicato das Indústrias de Marcenaria do Estado do Pará (SINDMÓVEIS), cuja empresa produz os pequenos objetos a partir dos resíduos de sua produção de móveis, já que existe o incentivo para essa prática e o mercado é interessante?

2) Por que os pequenos objetos remetem ao regional? Que regional é este? Por que se passou a usar espécies de madeiras em cores diversas nos pequenos objetos?

3) Por que se passa a usar elementos identificados como pertencentes à cultura da região nos pequenos objetos de madeira? Quais são as mediações que permitem que isso ocorra e quem são os agentes que participam do processo?

Para responder estas questões, a observação direta na movelaria e nos eventos do setor do qual ela participa foram muito importante para a pesquisa, por ser nesses espaços que estão inseridos os pequenos objetos, onde a família desenvolve as suas atividades cotidianas e/ou eventuais e estabelece relações sociais. Além da observação direta, entrevistas também foram feitas com especialistas de instituições e com as pessoas da movelaria.

Com base nestas questões e a partir da análise dos dados do trabalho de campo pude organizar os capítulos, que estão estruturados na lógica da construção do objeto.

No Capítulo I, procuro entender as condições de constituição da empresa a partir das trajetórias das famílias de Seu Sebastião e Dona Graça. Trato do deslocamento das famílias do proprietário da empresa Móveis Souza e da sua esposa do interior do estado do Pará para Belém, da vida das famílias em seus locais de origem, das condições de migração, e das estratégias de sobrevivência na cidade até a constituição da empresa.

O Capítulo II se refere à empresa, ao seu crescimento e à inserção da família nuclear do proprietário no trabalho da movelaria, à divisão das tarefas, à relação da família com o espaço físico da movelaria. Esta parte do capítulo permitirá entender o vínculo da família com a empresa e as características determinantes (daquela) que estão presentes na movelaria e no processo produtivo praticado na empresa.

O Capítulo III: mostra em que circunstâncias a família passa a utilizar sobras de madeira em que circunstâncias se dá o processo de ambientalização da produção. Procuro apontar o modo como foi construída a “cultura da reciclagem” nas empresas do estado do Pará e como isto chega na movelaria. Além disso, mostrarei como se opera a passagem e a correspondência da ambientalização para a regionalização dos objetos.

No Capítulo IV apresento a etnografia da concepção e criação de um pequeno objeto de madeira, considerado regional por aqueles que o produzem. Procuro traçar uma biografia do objeto, cuja existência concreta e representações remete a mediações e uma série de agentes que contribuem para a sua existência e para a elaboração de significados, dentre os quais o design, recentemente introduzido no estado.

## Capítulo I: Mudando para Belém

Seu Sebastião<sup>19</sup> e D. Graça são os proprietários de uma movelaria, organizada em torno do trabalho familiar, onde são produzidos móveis e os pequenos objetos de madeira, a partir dos quais são tecidas relações sociais, cujas mediações são reveladas nos próprios objetos. Neste capítulo serão analisadas as condições objetivas que deram lugar à formação da empresa “Móveis Souza”, a partir das trajetórias de seus proprietários.

A migração das famílias de origem de Seu Sebastião e Dona Graça do interior do estado do Pará para Belém constitui um acontecimento marcante em suas trajetórias. Será mostrado como eram as vidas das famílias nos seus locais de origem, assim como as condições que contribuíram para a sua partida para Belém. Na cidade, serão detalhadas suas estratégias de sobrevivência, bem como as redes sociais que permitem sua permanência na cidade. O acompanhamento das trajetórias mostra que a nova vida em Belém implica na aquisição de estratégias de sobrevivência na nova realidade. Desta forma, ainda menino, Seu Sebastião é encaminhado para uma marcenaria para aprender o ofício de marceneiro<sup>20</sup>, enquanto que dona Graça adquire experiência no comércio, desde sua chegada na cidade. Analisarei, neste capítulo, de que forma o casal faz uso de seus respectivos capitais sociais a fim de elaborar as estratégias de sobrevivência da família<sup>21</sup>.

### A família de Seu Sebastião

Os pais do atual proprietário da empresa Móveis Souza, Seu Sebastião, moravam em São Sebastião da Boa Vista (Ilha do Marajó) com os seus seis filhos: cinco meninas e o caçula

---

<sup>19</sup> Seu Sebastião é como as pessoas que freqüentam a movelaria se referem ao proprietário. Resolvi, por isso, adotar a mesma denominação tanto no trabalho de campo, como na dissertação. Esta observação é válida também para a esposa de seu Sebastião que é tratada como D. Graça.

<sup>20</sup> Atividade profissional que utiliza a madeira como matéria-prima para produzir objetos de pequeno porte como móveis, esquadrias (portas, janelas, balancins), molduras, etc...

<sup>21</sup> Na elaboração deste capítulo utilizei bibliografia sobre migrações internas, tanto aquela referente ao Pará: MITCHEIN, et al. , 1989; SAWYER, 1989; MOUGEOT; ARAGON, 1986, quanto ao Brasil, de modo mais geral, incluindo HEREDIA, 1979; GARCIA JR, 1983 a, 1983b; ALVIM, 1975, 1987, 1997; DURHAN, 1978; RIDLEY-LEIGH, 1980.

– uma criança do sexo masculino. Viviam nas terras de um tio paterno, que lhes concedera o uso da terra através do “sistema de meio-a-meio”<sup>22</sup>.

*Nós nunca tínhamos terra, sempre plantávamos meio-a-meio. Vamos supor: se a gente plantasse pupunha e desse cinco cachos, dois cachos e meio eram dele [do dono da terra] e dois cachos e meio eram nosso. A madeira também [a madeira que existia no terreno e que era retirada]. Quem ganhava era o dono do terreno. O terreno era do meu tio. Ele levava [de Belém] as coisas que a gente precisava: roupa, açúcar, corte [tecido]. No final do mês ele levava essas coisas que a gente precisava e para pagar a gente trabalhava para ele.*

*Vamos supor ele tinha uma área grande, ele dizia: vocês vão tomar conta desta área aqui. Com três a quatro famílias ele fazia a mesma coisa. Essas famílias trabalhavam neste mesmo sistema: meio- a- meio. (Sebastião. Em 21/05/05)*

O tio era um proprietário de terras que recrutava famílias (num total de três a quatro) para morar e trabalhar nas terras, criando, desta forma, relações de dependência entre as famílias e o dono. O fato de contraírem dívidas para obter artigos como roupas, açúcar, tecidos, necessários à sua sobrevivência, reforçava ainda mais a dependência da família do tio paterno<sup>23</sup>. A terra é elemento fundamental para a família de origem rural se reproduzir, e quando esta não detém sua propriedade, busca outras alternativas para sobreviver. No entanto, isso significa dividir o produto do trabalho e receber ordens.

No caso da família de origem de Seu Sebastião, verificava-se uma condição agravante: a falta de braços para o trabalho, uma vez que as atividades agrícolas, especialmente as que envolvem derrubada da mata e preparo do terreno, são realizadas por homens. No caso estudado, todas as atividades recaíam sobre o pai de Seu Sebastião, uma vez que não tinha filhos do sexo masculino em idade de trabalhar no campo.

O pai de Seu Sebastião desenvolvia múltiplas atividades para manter sua família. Extraíndo madeira da mata, fabricava canoas e móveis rústicos para venda<sup>24</sup> - o ofício de marceneiro,

<sup>22</sup> É o sistema de exploração de terras também denominado meação ou parceria, cuja utilização das terras é paga com parte da produção obtida nelas. Cf. GARCIA JR, Afrânio Raul. *O sul: caminho do roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b, p.52-53.

<sup>23</sup> Este tipo de dependência é semelhante a que o morador do engenho de cana -de- açúcar tem do senhor-de-engenho que é abordada por GARCIA JR, op.cit.

<sup>24</sup> “*Meu pai era lavrador. Tirava a madeira do mato. O móvel que ele conseguiu fazer era feito à mão [...]*”. (Seu Sebastião. Em 21/05/05)

*“O pai de Sabá [Sebastião] tinha negócio de serraria, barco, tinha marcenaria, mexia com negócio de madeira, casco [parte de embarcação]. Ele [fazia canoa de toras de madeiras], mexia com negócio de marcenaria bem rústico, pão também bem rústico, e pesca. Ele se virava”.* (D. Graça. Em 13/05/05).

futura profissão de Seu Sebastião vinha de casa. Verifica-se que as atividades econômicas estavam centradas na figura do pai, embora a mãe participasse na renda familiar. No entanto, sua ação ficava circunscrita à esfera doméstica, sendo, portanto, suas tarefas menos valorizadas. Observa-se, porém, que a mulher detinha o controle da casa, organizando o trabalho feminino naquele espaço. Pelas atividades desenvolvidas pela mulher fica evidente a sua contribuição para a manutenção da família.

*Ela [a mãe de Seu Sebastião] plantava, fazia carvão, serviços domésticos, quando o velho [o pai de Seu Sebastião] saía [da casa para o trabalho]. Tinha muitas plantas medicinais. Tinha muita criação: galinha, porco, peru para alimentação deles. Na época do Círio<sup>25</sup> e do Natal, vendiam, mas para os vizinhos. (D. Graça. Em 13/05/05).*

Mesmo que vendessem esporadicamente, apenas para vizinhos como é o caso do açaí, nota-se que a relação entre vizinhos não é comercial. Em *A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*<sup>26</sup>, há uma situação semelhante a esta em relação ao tratamento entre vizinhos. A autora mostra que não existe relação mercantil entre eles, com exceção da farinha de mandioca. Por ser o produto principal das atividades do “roçado” e exigir mão-de-obra abundante, algumas famílias não conseguem produzi-la, então a compram dos vizinhos e estes a vendem para aqueles que dela necessitem. A compra é, no entanto, motivo de vergonha, já que a mandioca é o produto principal do “roçado”.

*Eles [os componentes da família de Seu Sebastião] tinham plantação de açaí, banana, verduras, mas tudo para o consumo, o consumo deles, eles não vendiam. Quando era safra de açaí, eles vendiam uma rasa<sup>27</sup>, mas para vizinhos, assim [vizinhos que moravam próximos]. (D. Graça. Em 13/05/05).*

Neste contexto, percebe-se que para a sobrevivência das famílias que dependem da terra para se reproduzir, o maior no número de mulheres do que o de homens na fratria, como no caso da família de Seu Sebastião, passa a ser um problema, já que aos homens cabe o trabalho na “lavoura” e outros que proporcionem o sustento familiar por meio de venda de produtos. Na organização do trabalho familiar, o homem se relaciona com o mundo exterior,

<sup>25</sup> Festa religiosa em Belém do Pará realizada no segundo domingo de outubro.

<sup>26</sup> HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. *A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.46-47.

<sup>27</sup> Rasa: medida usada para vender açaí.

enquanto que a mulher trabalha na esfera da casa. Ambos produzem para auto-consumo, podendo, efetuar pequenas vendas para vizinhos. Considerando-se que esse tipo de organização, com clara divisão das tarefas entre os sexos, a assimetria entre o número de homens e o de mulheres na família constitui-se em fator de expulsão do campo.

A precariedade da escola, onde se aprendia apenas a escrever alguma coisa e a tabuada, e o difícil acesso, uma vez que os meninos eram obrigados a remar no casquinho para assistirem às aulas, também aparecia como fator que influenciou a saída. Foi a mãe de Seu Sebastião que insistiu para sair de lá<sup>28</sup>. Queria dar educação aos filhos e é possível que houvesse um outro motivo. Nas áreas rurais do Marajó, as moças se casam ou juntam (como costumam dizer) muito cedo. Se permanecessem no local de origem, a única expectativa em relação ao futuro é que os filhos reproduzam a vida dos pais e sua pobreza. Sair significa tentar escapar a esse destino.

Observei através das análises dos dados coletados em campo, que os motivos que mais fortemente influenciaram a partida da família de seu Sebastião do seu local de origem para Belém foram três: a) A família morava e trabalhava em terras que não eram suas, mas de um parente (tio) paterno. b) Na fratria existia uma forte assimetria, predominando as mulheres. Esta composição, em uma família de origem rural, contribui para que a mão de obra para as tarefas pesadas da “lavoura” fique reduzida. Além do mais, quase sempre a filha sai da casa do pai para morar com seu marido em outro local ou, ainda, o casal vai morar junto à casa dos pais da noiva<sup>29</sup>. Sendo assim, o número de filhos do sexo feminino maior que o do sexo masculino passa a colaborar para a saída das famílias de origem rural de suas terras.<sup>30</sup>; c) A oferta de educação em São Sebastião da Boa Vista era precária, e a dificuldade de acesso à escola era grande. A inexistência de educação adequada e a fragilidade das condições de existência, de modo mais geral, não davam margem a construção de qualquer expectativa de

---

<sup>28</sup> “*Opinião dele [pai de Seu Sebastião] era não sair de lá [São Sebastião da Boa Vista]. Minha mãe: nossos filhos precisam de ensinamento. Era muito difícil pegar um casquinho para ir para escola que só ensinava o nome e tabuada*”. (Seu Sebastião. Em 21/05/05)

<sup>29</sup> No caso da família de Seu Sebastião, a filha mais velha e o marido acompanham a migração da família. Este arranjo é reproduzido em Belém. Quando a família migra, o jovem casal a acompanha e passa a morar na casa dos pais, construindo, mais tarde, sua moradia no mesmo terreno.

<sup>30</sup> Cf. ALVIM, Maria Rosilene. Família e operários de origem camponesa; Uma leitura da crise do Brasil Arcaico. In: LOPES, José Sérgio Leite (coord.). *Cultura & Identidade Operária*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987, p.133 e 135.

mobilidade ascendente para Seu Sebastião e de suas irmãs. A possibilidade de educação para os filhos foi um dos fatores que motivou a migração da família para Belém. Por outro lado, a alternativa das filhas estudarem na cidade, constituía-se também em maneira de impedir que as filhas casassem com os rapazes do local onde moravam. Na realidade, o casamento da filha mais velha serviu como fato desencadeador imediato da migração<sup>31</sup>.

Este evento acabou por precipitar a situação, fazendo com que D. Juliana, mãe de Seu Sebastião, tomasse providências para que a mesma situação não ocorresse com as demais filhas, uma vez que queria evitar a todo custo que reproduzissem a vida que tinha vivido.

A educação para os filhos, principalmente para as filhas, passou a ser vista como uma possibilidade de ascensão social<sup>32</sup>, através de emprego ou um bom casamento.

D. Juliana é quem sentia mais agudamente as necessidades da família no local de origem, não só naquele momento, mas também em relação às expectativas de futuro. Por isso, fêz valer a sua vontade, mesmo diante da resistência do marido.

Na bibliografia antropológica, a maior parte dos trabalhos sobre migração aborda a saída do local de origem como uma prática masculina: onde a decisão de migrar é do homem e/ou quem migra é este<sup>33</sup>. Poucas são as referências bibliográficas a respeito do papel da mulher nos processos migratórios<sup>34</sup>.

As irmãs de D. Juliana moravam em Belém e insistiam para que a irmã deixasse São Sebastião da Boa Vista e fosse morar na cidade, como elas. E era justamente o fato da mãe de Seu Sebastião ter parentes em Belém que lhe permitia pensar na possibilidade de mudar-se para a cidade. O local de destino das pessoas que migram tem relação com o lugar onde

---

<sup>31</sup> “*Aí que ela se desesperou [mãe de Seu Sebastião] porque ela não queria que suas filhas casassem com ribeirinhos. Ela achou que a cidade grande fosse dar um bom casamento*”. (D. Graça. Em 13/05/05).

<sup>32</sup> Ver a esse respeito MITSCHIN, Thomas et.al. *Urbanização selvagem e proletarização passiva na Amazônia: O caso de Belém*. Belém: CEJUP, 1989. Os autores chamam a atenção que os migrantes buscam principalmente na cidade acesso à educação, e a tratamento de saúde, além de emprego.

<sup>33</sup> GARCIA JR, 1983b e MENEZES, Marilda Aparecida. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses –migrantes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; João Pessoa: EDUFPB, 2002.

<sup>34</sup> RIDLEY-LEIGH, Dominique. Mulheres na migração: redes parentesco como uma estratégia de sobrevivência. In: *Encontros Com A. Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p.209

possam encontrar apoio - parentes, amigos ou conterrâneos<sup>35</sup>, que facilitem o processo de adaptação à cidade. Nota-se, no caso estudado, o constante contato entre parentes do local de origem e do local de destino, permitindo que D. Juliana planejasse com suas irmãs a mudança com a família para Belém.

As relações de parentesco contribuem para que o migrante se adapte à cidade e esta adaptação ocorre em três etapas do processo migratório<sup>36</sup>. Na primeira, a pessoa, em seu local de origem, pensa na possibilidade de migrar, junto com seus familiares, para um lugar onde existam parentes com os quais sabe que poderá contar. Na segunda, o migrante recém-chegado ao local de destino, para sobreviver, apóia-se nos parentes que lá se encontram. E a terceira etapa refere-se ao migrante já adaptado ao lugar de destino que mantém laços com os parentes do lugar de origem e do lugar de destino.

No caso da família de Seu Sebastião observamos a ocorrência das duas etapas iniciais. Quanto à terceira, como veremos mais adiante, verificou-se uma ruptura com os parentes do local de origem por conta do retorno definitivo do pai de Seu Sebastião a São Sebastião da Boa Vista, onde este constituiu nova família.

A cidade funciona como pólo de atração para as pessoas que tem dificuldade de sobreviverem na zona rural. Mobilizam todas as expectativas a partir do momento em que decidem sair. Alguns, no entanto, como o pai de Seu Sebastião, não se acostumavam à vida da cidade, e após algumas tentativas resolviam voltar<sup>37</sup>.

Quando chegou a Belém, Seu Sebastião estranhou a cidade, uma vez que a comparava ao local de onde viera. A posteriori, em nossas conversas, ainda valorizava a sua vida no local de origem, produzindo – que podemos chamar de idealização do passado. Para Seu Sebastião, que na época era uma criança de oito anos, a alimentação, o banho no interior da casa, a agitação da cidade com carros que passavam em todas as direções constituíam um novo universo muito diferente daquele de onde viera.

---

<sup>35</sup> DURHAN, Eunice. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p.134.

<sup>36</sup> Segundo RIDLEY-LEIGH, 1980, p.211

<sup>37</sup> “Trouxeram [os membros da família de Seu Sebastião] roupa e muita esperança na mala, dos filhos se tornarem doutores, e que o pai ficasse [em Belém]” (D. Graça. Em 13/05/05).

*O açaí amassado à mão é totalmente diferente. Eu daquele tamanho queria voltar para lá [São Sebastião da Boa Vista]. O banho é muito diferente, a gente pulava no rio, aqui [em Belém] era aquele chuveiro caindo na gente. É mais fácil um daqui se adaptar lá, do que um de lá se adaptar aqui. A gente não conhecia o que era carro, a gente pensava que ia avançar na gente. Para mim que era pequeno foi um sufoco, minha mãe tinha que me segurar. Quando a gente veio de lá [São Sebastião da Boa Vista], veio de canoa à vela. (Seu Sebastião. Em 21/05/2005).*

“Lá” expressa o local de origem, um local que se opõe à cidade, que remete ao que é saudável, à valorização dos recursos naturais, à alimentação mais natural: o açaí amassado à mão, o banho no rio, a tranquilidade. Apesar da cidade oferecer possibilidades de ascensão, observa-se que seu Sebastião fala do seu passado com nostalgia<sup>38</sup>, idealizando a vida junto à natureza<sup>39</sup>, que vê intocada (no sentido de ser perfeita, como se não tivesse sido tocada, não sofresse transformações, uma natureza idealizada). Pensar no passado implica obrigatoriamente em comparações. As dificuldades enfrentadas atualmente na cidade, ou no passado recente, fazem com que, o passado no campo – em oposição à vida na cidade – seja extremamente valorizado.

Ao chegar em Belém, a família de Seu Sebastião se instalou em local próximo àquele onde moravam as irmãs de Dona Juliana, que residiam no Bairro do Jurunas. Os imigrantes, sempre que podem, procuram morar entre conhecidos, e se possível parentes, - alguém de confiança – que os apóie em caso de necessidade e os ajude a conseguir emprego por meio de relações já estabelecidas por esses vizinhos na cidade. A família de D. Juliana desempenha este papel de apoio, servindo como base a adaptação física e psicológica da família de Seu Sebastião.

O pai do Seu Sebastião, ao chegar na cidade, alugou uma casa na Bernardo Sayão. Depois de algum tempo, este e o genro adquiriram a casa, demoliram-na, construindo duas casas novas, a da frente, onde foi morar o jovem casal e a dos fundos para a família. O local era alagado e, portanto, a casa foi construída sobre palafitas. Tanto no que se refere ao local

---

<sup>38</sup> Percebi na entrevista a expressão de saudosismo em Seu Sebastião, o olhar longínquo e a emoção no tom de voz.

<sup>39</sup> C.f ALVIM, Maria Rosilene Barbosa. *A sedução da cidade: os operários camponeses e a fábrica de Lundgren*. Rio de Janeiro: Graphia, 1997, p.68

onde a casa foi construída, quanto ao tipo de construção, revela-se a tentativa de reproduzir na cidade a situação anterior.

*Quem comprou a casa? [Pesquisadora]  
Meu pai e meu cunhado, [o terreno] devia dar uns cinqüenta metros. Ele [o pai de Seu Sebastião] só comprou aquilo porque era parecido com o que ele morava, com o interior. Na Bernardo Sayão, naquele tempo não tinha nada, nem asfalto, nem água encanada, nem luz, era alagado. (Seu Sebastião. Em 21/05/2005).*

*Ele [pai de seu Sebastião] construiu a casa na Bernardo Sayão... tipo casa de interior. O telhado era palha. Tinha só os vãos, as janelas não tinham folhas. Parece de interior. Só tinha as paredes, sem divisão. Era alagado. A casa ficou uma palafita. (Seu Sebastião. Em 21/05/2005).*

A escolha do local e a construção da casa são exemplares, enquanto mostram uma forma particular de chegada, que não é apenas da família aqui estudada, mas dos migrantes de modo mais geral, que buscam referências, na sua situação anterior para construir a sua vida na cidade.

A tentativa de reproduzir na cidade alguns elementos da vida que possuía em São Sebastião da Boa Vista é uma estratégia usada para sobreviver na cidade, ou seja, a partir das experiências de vida, do que lhe é conhecido, tenta apreender a cidade. Nesse sentido, logo na chegada, para os migrantes, opera um “interior interiorizado”, que é subjacente às práticas dos recém-chegados.

Os meus interlocutores, além de expressarem esta dimensão idealizada do “interior”, explicitam outra que se refere ao atraso e à falta de infra-estrutura. Nesse sentido, o bairro do Jurunas se parece também com o interior por ser desprovido de equipamentos urbanos.

Enquanto que o genro de seu Sebastião e a filha mais velha logo conseguiram emprego, ele como policial e ela como operária de uma fábrica de castanhas, o pai de Seu Sebastião nem mesmo procurou trabalho. Ficou num ir-e-vir entre Sebastião da Boa Vista e Belém. Continuou trabalhando no Marajó e era de lá que tirava o sustento da família na cidade. Como podemos ver, na realidade, ele nunca migrou. Apenas visitava Belém. Esta situação permite inferir, que a distância entre o ponto de origem e o ponto de chegada também influi na forma como é feita a migração.

A fragmentação de famílias em função da migração pode ocorrer de maneira temporária quando um indivíduo da família permanece no local de origem e outra parte migra para o local de destino, e depois a família se recompõe quando os que partiram já garantiram recursos para sobrevivência na cidade, o que possibilita a vinda dos que permaneceram no local de origem<sup>40</sup>. No caso aqui analisado, o pai de Seu Sebastião nunca quis realmente mudar-se para Belém, e após idas e vindas retornou definitivamente para São Sebastião da Boa Vista, isso só foi possível, no entanto, em virtude da curta distância entre o ponto de partida e o ponto de chegada e ele preservou suas condições de existência no local de origem, não tendo se verificado qualquer ruptura com este.

*Ele ficou muito pouco tempo, dois anos indo [para São Sebastião da Boa Vista] e vindo [para Belém]. Ele dizia que tinha que voltar. Tinha o terreno, as plantações, não podia deixar só. Ele queria voltar com ela [mãe de Seu Sebastião] para lá [São Sebastião da Boa Vista], mas ela não quis. Ela [mãe de seu Sebastião] dizia que marcou muito quando ele disse que ia embora. [...] Em momento nenhum [o pai de seu Sebastião] disse que ia abandonar<sup>41</sup>. Ele trazia as coisas: galinha, frutas... Toda vez que ele vinha, pedia para ela [mãe de Seu Sebastião] voltar com ele, que não agüentava viver só sem ela.” (D. Graça, em 13/05/05).*

Depois de dois anos, um dia o pai de Seu Sebastião resolveu partir definitivamente<sup>42</sup>. Nas entrevistas, fica clara a insistência do pai para que toda a família retornasse a São Sebastião da Boa Vista. Na memória do filho, a partida definitiva do pai é atribuída à não adaptação à cidade, no entanto, há outros fatores em jogo, que remetem à honra, como a falta de expectativa de conseguir um emprego, ou a dependência da família da mulher.

*Minha mãe deu o incentivo de vir pra cá, porque tinha família aqui [Belém]. Ele [o pai de seu Sebastião] não se adaptou [à cidade]. Ele ganhava o que a floresta dava para ele e vendia. Aqui [Belém] não tinha floresta para pegar, nem rio para pescar. [...] A gente [a mãe e as irmãs de seu Sebastião] se adaptou porque a família da minha mãe deu apoio. Mas ele? [o pai de seu Sebastião] Como a gente ia dar o machado pra ele se aqui não tinha floresta ou mandar ele pescar se não tinha rio. Ele foi embora e teve uma outra família. (Seu Sebastião. Em 21/05/2005).*

---

<sup>40</sup> DURHAN, 1978, p.134.

<sup>41</sup> Na percepção de D. Graça (esposa de Seu Sebastião) a volta definitiva do pai de Seu Sebastião para o local de origem é vista como abandono.

<sup>42</sup> “Disse para ela [mãe de Seu Sebastião] que ia embora que tinha outra família [uma mulher com oito filhos que não eram seus] para lá [São Sebastião da Boa Vista]. Depois que ele disse que ia embora nunca mais ajudou a família.” (D. Graça. Em 13/05/05).

Em *A sedução da cidade: os operários camponeses e a fábrica de Lundgren*<sup>43</sup> ocorreu uma situação semelhante quanto à dificuldade de adaptação dos chefes de família de origem rural, que saem do seu local de origem e vão para Paulista<sup>44</sup> em busca de emprego para a família, principalmente para as filhas, em uma fábrica de tecidos. Alguns, os mais velhos, não se adaptam. Para resolver esta situação, são cedidos pela fábrica pedaços de terra para que eles possam plantar seus roçados, como faziam em seus locais de origem. Considerando-se o papel que desempenhava o pai nas famílias rurais tradicionais – responsável pelo sustento e com autoridade sobre todos os membros da família – observa-se que na cidade o *pater familiae* não dispõe de meios de reproduzir sua condição. Desta forma, a honra desempenha um papel fundamental.

A partida do pai implica numa ruptura definitiva, sendo que o pai constituirá uma outra família casando-se com uma mulher que tinha oito filhos pequenos, reproduzindo aí hiperbolicamente a condição de *pater familiae* ao vir cuidar de uma família que era o dobro de sua família, recuperando desta forma sua honra ameaçada. A insistência de D. Juliana é outro fator que contribui para a ruptura definitiva, pois denota a falta de autoridade do pai de Seu Sebastião. Com efeito, seu filho só veio a receber notícias do pai depois de adulto, após estar casado com D. Graça há oito anos

Após o retorno definitivo do pai de Seu Sebastião para São Sebastião da Boa Vista, D. Juliana passa a ser chefe de família. Visto que não dispõe mais da ajuda do marido mobiliza todos os filhos a fim de garantir o sustento. No depoimento de Seu Sebastião, verifica-se, mais uma vez, como sendo central na construção da lógica nativa a oposição campo-cidade.

*Ela [mãe de Seu Sebastião] pensava uma coisa e a coisa era outra. Quando via que a coisa era outra ela não se deixou abater. Nunca disse para deixar os estudos. Era pior do que lá [em São Sebastião da Boa Vista], lá a gente sobrevivia do que a terra dava. Aqui [Belém] a gente tinha que suar porque quem ia dar para gente? Quem ia bancar nosso estudo? (Seu Sebastião. Em 21/05/2005).*

A mãe de Seu Sebastião com a ajuda das irmãs que moravam perto de sua casa, empregou as filhas como domésticas. D. Juliana foi trabalhar na feira e efetuava algumas

---

<sup>43</sup> ALVIM, 1997, p.14, 82, 99-108.

<sup>44</sup> Cidade do litoral norte de Pernambuco, onde estava instalada a fábrica de tecidos dos Lundgren, e que funcionava como pólo de atração.

vendas nas proximidades da casa onde residiam. Seu Sebastião foi colocado pela mãe como aprendiz na marcenaria de um vizinho. Verificamos que D. Juliana recorre à rede constituída por parentes e vizinhos na obtenção de empregos ou indicação de serviços<sup>45</sup>. Verifica-se aqui que esta lança mão de uma organização familiar da produção, onde os salários de cada um somam-se para que todos possam comer “da mesma panela”<sup>46</sup>.

Antes de ser encaminhado à marcenaria, seu Sebastião começou ajudando a mãe na feira, vendendo também cocadas e bananas na rua. Como a mãe ficava muito tempo fora de casa, o menino acabava indo para a rua. A mãe após repreendê-lo e aplicar-lhe uma “surra” leva-o a casa do vizinho para aprender um ofício.<sup>47</sup>

*[Na marcenaria] Eu não tinha pagamento. Seu Bereco me dava caderno, um lápis, me dava alimentação. Ela [a mãe de Seu Sebastião] estava certa quando me colocou na marcenaria para aprender uma profissão. Porque ela teve uma visão da coisa. Se ele aprender a profissão ele vai ter dinheiro para viver sem ter que roubar. Mas ela não tinha noção de que a marcenaria era difícil. [...] ela não tinha equipamento necessário, ensino como tem hoje. Naquele tempo se aprendia olhando, o visual que chamam. (Seu Sebastião. Em 21/05/2005)”*

Aqui a “rua” é vista como algo perigoso. No depoimento acima, “rua” aparece em oposição à casa e à marcenaria (e também em oposição à vida do campo). Enquanto o espaço da casa é o da segurança, da tranquilidade, da família, e a marcenaria se apresenta como espaço da “boa formação” profissional e moral, da aprendizagem<sup>48</sup> - ou seja, são vistos como

---

<sup>45</sup> “Depois que o marido abandonou, [a mãe de Seu Sebastião] conseguiu uma barraca na feira, foi vender verdura. As filhas, [a mãe de Seu Sebastião] empregou em casa de família, nenhuma terminou o segundo grau, só uma que tirou [...]”. (D. Graça. Em 13/05/05).

<sup>46</sup> BOURDIEU, Pierre. *Le direcinement. La crise de l’agriculture traditionnelle en Algérie*, Paris: Éditions de Minuit, 1964.

<sup>47</sup> “A mãe do Sabá [Sebastião] pegou ele pelo braço levou até a marcenaria e disse – Seu Bereco [o vizinho dono da marcenaria] tome conta deste meu filho, ensine a sua profissão de marceneiro para meu filho que eu não paro em casa e ele se mete muito na rua. Não é preciso pagar nada. Ele [Seu Sebastião] estudava de manhã e à tarde ia para marcenaria. Sábados e Domingos fazia as vendas de banana e cocada.” (D. Graça. Em 13/05/05)

<sup>48</sup> Na marcenaria seu Sebastião começou a aprender um ofício, que orientará a sua trajetória enquanto trabalhador e culminará com a abertura de sua própria empresa. Na época em que Seu Sebastião era criança, o ensino profissionalizante praticamente não existia no Pará. Por isso, aprendia-se o ofício à moda dos antigos artesãos, trabalhando como aprendiz, observando o que faziam os profissionais mais experientes. Para as classes populares migrantes de origem rural a escolarização até o segundo grau (nível médio) era dificilmente concluída, em virtude das despesas decorrentes dos estudos. O aprendizado de um ofício ou o estudo profissionalizante formal poderia acarretar um retorno mais imediato. C. f DURHAN, 1978, p.171-173.

espaços protegidos -; a “rua” mostra-se como o avesso desses dois espaços<sup>49</sup>. Trata-se de um espaço que inevitavelmente levará à “delinqüência” quando a permanência é contínua.

A ruptura com o marido, as enormes dificuldades enfrentadas na cidade, e em particular o insucesso dos filhos na conclusão dos estudos, produzem em Dona Juliana um sentimento de arrependimento, que perdurou durante todos os anos, em que viveu com o filho caçula, até sua morte. Além do mais, para ela, não havia possibilidade de retorno: havia rompido com o marido, não dispunha de recursos próprios que a permitissem voltar e, além disso, seus filhos já haviam construído suas vidas na cidade.

*Ela tinha um arrependimento com ela de deixar o marido dela para lá [São Sebastião da Boa Vista]. Ela abandonou o marido dela para vir atrás de uma educação para as filhas e depois ficou só. Ela dizia que se arrependia de ter deixado o marido, porque quem fica na velhice é o marido. Os filhos cada um tinha a sua vida e ela ficou só [...]. A mulher gostava muito de trabalhar, era muito virada, vendia tapioca, tacacá. Acho que Sabá puxou pra ela. Morreu apaixonada pelo marido. Viveu para os seus filhos. (D. Graça. Em 13/05/05)*

Na expressão “*Os filhos cada um tinha a sua vida e ela ficou só*” a palavra “só” na voz de D. Graça revela a mágoa da mãe em relação às filhas que se casaram e pouco visitaram a mãe, em decorrência de problemas de relacionamento entre esta e os genros. Na realidade pode-se inferir que D. Juliana recriminava as filhas em virtude da falta de reconhecimento da parte destas dos sacrifícios e perdas que havia sofrido para que elas pudessem vir a ter uma vida melhor, uma vez que raramente a viam. A dedicação aos filhos pode ser revelada pela expressão “*Viveu para os filhos*”. Os filhos e o trabalho fizeram com que não se dedicasse a outros relacionamentos, expresso em “*Morreu apaixonada pelo marido. Viveu para seus filhos*”.

Na conclusão desta parte, cabe uma observação. D. Graça mostra-se testemunha privilegiada da memória da família de seu marido. Por um lado, conhece a história em detalhe, por outro vê a sogra como uma vítima das filhas. Por um lado, D. Juliana viveu na mesma casa que D. Graça e, não tendo outra companhia, esta possivelmente lhe contou e recontou sua história, por outro, ao abrigar D. Juliana em sua casa, assume o papel de filha

<sup>49</sup> STREET apud ALVIM, Rosilene. *Constituição da Família e Trabalho Industrial. Um estudo sobre trabalhadores numa fábrica com vila operária*. (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro, UFRJ/Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1985. (mimeo), p.435 e p.437, faz a oposição entre rua e fábrica e o perigo daquela para as crianças que estão fora da proteção do trabalho e da proteção da família.

desta, reconhecendo-se, por causa do apoio prestado, mais filha do que as outras filhas. É nesse sentido, e com esse entendimento que seu depoimento deve ser interpretado.

### **A família de D. Graça.**

Os pais de D. Graça moravam em Jaracuera, município de Cametá, no interior do Estado do Pará. O pai era músico e após o casamento com a mãe de D. Graça passou a ser comerciante, conforme exigência da família da noiva. A partir da união, os dois foram morar em um local denominado Entre Ilhas (Cametá), onde o pai exercia a função de comerciante e a mãe trabalhava em casa. Em Entre Ilhas nasceu D. Graça, a mais velha dos nove filhos do casal: quatro mulheres e cinco homens.

*O pai do meu pai, meu avô era músico e ele tinha um conjunto onde cada filho tocava um instrumento. O meu pai era baterista. A minha mãe era de elite e morava com meu tio. Quando meu pai foi pedir a mão de minha mãe em casamento, meu tio disse que dava, mas só se ele deixasse a música. Porque músico era visto como boêmio, porque trabalhava à noite, era visto como se fosse um marginal. O tio montou um armazém para ele [pai de D. Graça] em um local chamado Entre Ilhas em Cametá. Eu nasci lá. (D. Graça. Em 13/05/05)*

A família de D. Graça vivia do comércio e das trocas que fazia com as pessoas que circulavam no armazém. No local onde moravam havia um curso d'água, o que impedia atividades que dependessem de terra firme, como plantações.

Observa-se que a família de D. Graça ocupa uma posição diferente daquela ocupada pela família de Seu Sebastião, no entanto, o motivo que justifica a saída é o mesmo: a educação dos filhos. No entanto, tanto a forma de saída como a de chegada são distintas<sup>50</sup>.

*Meus pais decidiram, de comum acordo virem para Belém, para que os filhos tivessem estudo. Ele [o pai de D. Graça] vendeu tudo em Cametá. Com o armazém, tinha muitos contatos com fornecedores que lhe indicaram compradores em*

---

<sup>50</sup> Durante o trabalho de campo não obtive dados mais concretos a respeito dos motivos da migração da família de D. Graça para Belém. Apenas os estudos aparecem como justificativa. Porém, percebi, em virtude do tipo de entrevista realizado e do tempo transcorrido na movelaria, que os dados referentes à sua família, principalmente em relação à vida em Entre Ilhas (Cametá), e no que se refere à vinda para Belém, que as respostas foram sempre reticentes, como se não quisesse ou pudesse falar sobre o assunto. Esta observação decorre do fato que D. Graça expõe em detalhe outros momentos de sua vida.

*Belém. Viemos de navio “A Chatinha”. Pai nos deixou no barco pra ir alugar uma casa na Cidade Velha, perto de onde é o Líder. (D. Graça. Em 13/05/05)*

Nesta entrevista, notei a preocupação de D. Graça em dizer que seus pais vieram “de comum acordo” para Belém, ou seja, para mostrar que não houve ruptura em sua família por causa da migração, como na de Seu Sebastião.

A família de D. Graça para migrar irá contar com os contatos que adquiriu através do armazém em Entre Ilhas (Cametá). Apenas uma irmã do seu pai morava em Belém, no entanto, nenhuma forma de apoio ou solidariedade decorre desta relação. São os fornecedores que servem de referência, inclusive fazendo a indicação de um ponto de comércio na cidade.

D. Graça tinha oito anos de idade ao chegar a Belém. Com sua família, passou a morar no Bairro da Cidade Velha, em uma casa alugada. Muitas pessoas que vem do interior do estado e que tinham melhores condições financeiras moravam na Cidade Velha, onde se misturavam casas e comércios, ou então moravam com parentes ou padrinhos que residiam no bairro<sup>51</sup>. O comércio, concentrado na rua Dr. Assis, atendia as pessoas que vinham do interior do estado apenas para fazer compras, e as que moravam no local. Nos armazéns havia inúmeros artigos, os mais variados possíveis. Os armazéns de ferragens vendiam materiais para embarcações, e instrumentos e ferramentas da pesca à agricultura. Atualmente o bairro faz parte do Centro Histórico da Cidade de Belém, e é considerado como referencial para se conhecer a história da cidade. Ele sempre foi considerado um bairro nobre<sup>52</sup>.

A referência dada na entrevista: que a casa alugada quando a família veio para Belém era “perto de onde é o Líder” – O “Líder” é o supermercado que tem esta denominação – indica que a casa ficava no Bairro da Cidade Velha, perto do Bairro do Jurunas.

Em Belém a família passou a morar de aluguel. O pai trabalhava com o comércio, e viajando pelo interior onde vendia vários artigos para poder manter a família. Em função de

---

<sup>51</sup> Informação fornecida por Carolina Viggiano de 36 anos. Em 26.06.2005. e que foi moradora do Bairro da Cidade Velha, nasceu lá, depois foi para Abaetetuba, voltou para Belém com quatorze anos de idade para estudar no Colégio do Carmo (Colégio Religioso no Bairro da Cidade Velha) e morar na casa de uma tia no bairro. Ela disse que muitas pessoas de Abaetetuba, Cametá, Igarapé-Mirim e Bragança moravam na Cidade Velha na casa de parentes para estudar em Belém no Colégio do Carmo que ficava naquele bairro, a proximidade do colégio do local onde moravam foi ressaltada como ponto positivo, além de estar perto do porto o que facilitava as pessoas irem para o “interior” ou chegarem a Belém.

<sup>52</sup> A Cidade Velha era um bairro residencial de classe média. C.f. PENTEADO, Antônio Rocha. *Belém: estudo de geografia urbana*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1968. 2v, p.269.

sua atividade e ausências, a vida da família financeiramente era instável, vivendo altos e baixos.

*A vida com meu pai era de aventura. Eu vivo assim com Sabá, porque eu já vivi assim desde a infância. já estou acostumada. A nossa vida era assim, quando papai estava bem nós éramos patrões, mas quando não, éramos empregados. Quando papai estava bem, as coisas estavam boas, a primeira providência era contratar uma empregada para tirar a gente [D. Graça e os irmãos] e mamãe dos serviços domésticos. Mas quando não, a gente é que fazia. Mamãe lavava roupa para fora e eu com meu irmão distribuíamos as roupas. De repente a vida dava uma guinada. (D. Graça. Em 13/05/05)*

Pelo relato de D. Graça percebe-se a instabilidade da vida financeira da família em Belém, mudando de posições em relações às atividades domésticas, ora são “patrões” ora são “empregados”; a palavra “guinada” reflete bem a mudança que havia na família por conta do sucesso do pai com as vendas. Nota-se a solidariedade de todos os componentes da família, desde as crianças até os adultos, na superação dos momentos de crise financeira.

Observa-se também que o pai está mais voltado às tarefas desenvolvidas fora do lar, enquanto que a mulher e as crianças estão direcionadas às atividades domésticas.

Quando ela diz que o pai é um aventureiro está se referindo às atividades comerciais do pai que exigiam que este viajasse pelos interiores do estado, ao modo de vida em função da atividade desenvolvida, à constante mudança de moradia, além das idas e vindas entre Belém e Cametá com a família, como veremos mais adiante.

O aluguel nas fases de dificuldades era um dos problemas que a família enfrentava. De vez em quando, tinha que sair às pressas da casa onde morava porque o pai atrasava o aluguel. Em uma dessas situações de mudança de moradia, a família de D. Graça foi morar nas proximidades da família de Seu Sebastião, e um dia em que o pai de D. Graça estava viajando pelo interior, uma prima a convidou para ir à festa de aniversário de uma das irmãs de Seu Sebastião. Foi lá que os dois se conheceram.

D. Graça e Seu Sebastião namoravam às escondidas, pois o pai não permitia o namoro pelo apego que tinha à filha. A estratégia utilizada para conseguirem se casar foi a gravidez.

*Para namorar comigo Sabá peitou papai. Papai tinha muito ciúme de mim. A gente namorava escondido porque ele não queria. Para eu poder casar eu tive que ficar gestante. Eu já estava casada com Sabá, o sonho de papai era voltar pra*

*Cametá pra botar um pimental. Levou os sete filhos. Ele dizia que filho é junto com o pai. (D. Graça. Em 13/05/05)*

O casamento ocorreu em 1975 e um ano depois Seu Sebastião iniciou a empresa com um tio materno. Após o casamento da filha, o pai de D. Graça voltou a Cametá para plantar pimenta do reino. Havia conseguido algum lucro em suas vendas com madeira, o que possibilitou esta viagem. Voltou para Cametá com sete filhos. D. Graça e um irmão já estavam casados.

Os filhos não queriam ir para Cametá, queriam morar com a irmã, mas o pai não permitiu, por isso na entrevista há referência à responsabilidade do pai para com os filhos.

O “pimental” (plantação de pimenta de reino) seria uma atividade que o pai desenvolveria em Cametá para poder sobreviver no local. Com esta atividade a família conseguiu se estabilizar e prosperar em Cametá. Após cinco anos de casada, D. Graça viajou para Cametá, junto com o marido, Seu Sebastião e os filhos. Foi ajudar a gerenciar o patrimônio do pai, pois o irmão mais velho (dos homens) havia se separado da esposa em Belém, indo para Cametá, e lá estava gastando parte do patrimônio do pai. Ela ficou trabalhando na “mercearia” (comércio de artigos variados) e Seu Sebastião na plantação de pimenta. Após um acidente de carro provocado pelo irmão de D. Graça em Cametá, no qual morreu uma jovem vizinha da família, o pai abriu falência<sup>53</sup> e toda a família voltou para Belém, sendo que, durante um ano, os pais e irmãos de D. Graça ficaram morando com ela e Seu Sebastião. Depois, com o passar do tempo, o pai de D. Graça se estabilizou financeiramente, voltou para Cametá, comprando casa para cada um dos filhos.

Nota-se a solidariedade entre as famílias nos momentos de necessidade, e a ligação entre elas, seja em Belém ou em Cametá. No momento em que há a necessidade de auxílio para gerenciar o patrimônio do pai, D. Graça assume esta responsabilidade, transferindo-se de Belém com seu marido e filhos para Cametá, e depois, quando os pais e irmãos precisam de ajuda os acolhe em Belém.

Percebe-se que a trajetória de vida de D. Graça está marcada pela figura paterna, a atividade profissional: o comércio, a administração da “mercearia” (comércio de vários artigos), o armazém – com dezoito anos trabalhou com o pai em Belém na sua “mercearia”. O próprio modo de vida, em função das atividades do pai, as instabilidades, os momentos de

---

<sup>53</sup> Trata-se de uma falência mais moral do que material, em que a família considerada culpada perde seus clientes. No interior, em particular, mas não somente, o comércio não é regulado apenas pela lógica econômica, mas também pelas reputações.

dificuldades e bons momentos, bem como as mudanças de locais de moradias, são reveladas na vida de “aventura” proporcionada pelo pai.

Nas trajetórias das famílias de Seu Sebastião e D. Graça encontramos os elementos que explicam as competências específicas desenvolvidas por cada um e que contribuem para o funcionamento da empresa de móveis.

## Capítulo II: A arte da marcenaria na empresa “Móveis Souza”

### O crescimento da empresa e a inserção da família do proprietário nas atividades da movelaria.

Após o casamento do tio com quem trabalhava, e que partiu para o Rio de Janeiro, Seu Sebastião passou a ser o único proprietário da empresa, transferindo-a várias vezes de lugar, sem, no entanto, deixar a região entre o Bairro da Guanabara e o Bairro do Jurunas<sup>54</sup>. A partir de determinado momento, as encomendas se multiplicaram e passaram a ser feitas inclusive por proprietários de lojas de móveis. Desta forma, a empresa que até então havia funcionado sem registro ou alvará, precisou ser legalizada. Além disso, o trabalho passou a exigir maior número de pessoas, assim como a compra de máquinas industriais. Com isso, os componentes da família começaram a dividir as tarefas entre si e a especializar-se, além de procurar informar-se a respeito do mercado de artefatos de madeira e das formas de obter recursos. Pois, até então, apenas Seu Sebastião trabalhava na movelaria<sup>55</sup> para o sustento da família, enquanto D. Graça se ocupava com as tarefas domésticas e a criação dos filhos. Com o aumento de demanda, D. Graça assumiu a parte administrativa, Seu Sebastião, ficou na fabricação e os filhos na montagem. Esta divisão de tarefas teve o objetivo de organizar as atividades, mas sem rigidez<sup>56</sup>.

Todas estas características revelam o crescimento da empresa e transformações no seu modo de produção, embora a base dos trabalhos continuasse sendo artesanal<sup>57</sup>.

---

<sup>54</sup> O tio vendeu algumas máquinas para Seu Sebastião.

<sup>55</sup> A movelaria é uma das atividades da marcenaria. O marceneiro trabalha fazendo todo tipo de serviço em madeira, serviços de porte menor: móveis, esquadrias (portas, janelas, balancins), molduras, etc. E conhece a técnica e o processo de produção.

<sup>56</sup> Ver em ANEXO A - Diagrama 01 de Parentesco da Empresa familiar “Móveis Souza” - Funções da Família quando a Empresa começou a crescer.

<sup>57</sup> MARX, Karl . *O capital*. 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Livro 1, p.388 abordou a redistribuição dos trabalhos dos artífices que trabalhavam com todas as atividades centradas em si e circunstâncias externas como a necessidade de fornecer quantidade maior de mercadoria em determinado prazo, fez com que ocorresse a redistribuição dos trabalhos entre vários artífices, cada um ficava com uma parte do trabalho que era executado simultaneamente. Embora a empresa de móveis “Móveis Souza” esteja em outro contexto, ela não tinha outros trabalhadores além do proprietário, percebo que a inserção da sua família nas tarefas da empresa se deu devido ao aumento de encomendas, o que também modificou o modo de produção que era centrado no trabalho do proprietário.

**Quadro 01 - Crescimento da Fábrica de Móveis (Movelaria - Empresa “Móveis Souza”)**

**Motivo:** Aumento das encomendas, produtos começam a ter maior comercialização.

**Produtos:** Móveis e esquadrias.

**Necessidades surgidas com o aumento da produção:** legalização; máquinas industriais; maior número de trabalhadores; inserção da família nuclear em participar das tarefas da movelaria.

**Base da produção:** artesanal

**Data em que a empresa começou a crescer:** 1987

**Data em que a empresa começou a funcionar legalizada:** 1991

Seu Sebastião contou com a cooperação dos membros da família para que cumprisse os prazos das encomendas e a empresa crescesse. D. Graça, percebendo que o marido não daria conta dos compromissos da movelaria, e em virtude das repetidas solicitações do marido, passou a envolver-se no trabalho da empresa, embora relutasse, pois havia planejado voltar a estudar, cursar uma universidade e ter uma profissão. Decidiu participar com afinco das atividades da empresa, além de encarregar-se das tarefas domésticas e de cursar a faculdade de pedagogia.

Os dois irmãos mais velhos, que eram gêmeos, ajudaram na movelaria, quando adolescentes, como forma de garantir o crescimento da empresa da família, mas não gostavam das atividades lá desempenhadas. Ao atingirem a idade adulta, orientam-se para outras profissões: um deles exerceu a profissão de enfermeiro (este filho já faleceu) e outro a de segurança. Apenas o filho caçula é marceneiro<sup>58</sup>, desempenhando suas atividades profissionais na empresa de móveis da família e participando de todas as atividades: compra de matéria-prima, criação, fabricação, montagem, acabamento, vendas, e entrega dos produtos.

<sup>58</sup> A movelaria é uma das atividades da marcenaria. O marceneiro trabalha fazendo todo tipo de serviço em madeira, serviços de porte menor: móveis, esquadrias (portas, janelas, balancins), molduras, etc. E conhece a técnica e o processo de produção.

### **A divisão do trabalho na movelaria.**

A divisão do trabalho na movelaria “Móveis Souza” depende da cooperação dos membros da família nuclear, sendo que as atividades cotidianas podem ser desempenhadas no interior da fábrica e fora desta e, em certas ocasiões, a família expõe a produção de sua empresa em eventos (as feiras). O trabalho da fábrica é repartido entre pai, mãe e filho caçula, cada um com suas funções (Ver foto 01). As funções de um se compõem com a do outro, de forma a permitir que o trabalho como um todo seja executado, cada um contribuindo para o funcionamento da empresa. Ao pai, cabe a responsabilidade de criação de produtos, fabricação e montagem; à mãe as vendas e a administração, ao filho caçula a criação de produtos, montagem, venda e entrega. No entanto, a divisão de tarefas é bastante flexível, sendo estas organizadas em função das necessidades de produção<sup>59</sup>. Assim, o processo de trabalho caracteriza-se pela contribuição mútua dos membros da família.



Foto 01 – Componentes da família da empresa “Móveis Souza” que trabalham na movelaria: Marcos, D. Graça e Seu Sebastião. Shirley Monteiro em 08/2004

---

<sup>59</sup> Em uma das ocasiões em que eu fiz entrevista na movelaria em 07/2004, o Seu Sebastião havia ido levar móveis para uma Feira em Mosqueiro, onde a mãe estava realizando as vendas, enquanto que o filho caçula ficou responsável pelas vendas na loja da fábrica.

A divisão do trabalho na movelaria entre os familiares do proprietário tem o objetivo de auxiliar na produção, organizar as tarefas que cada um executará para que os objetos sejam produzidos no prazo determinado e também é uma maneira de envolver a família no trabalho da empresa, criando laços de solidariedade entre seus membros através do trabalho<sup>60</sup>.

D. Graça ocupa-se principalmente das vendas, que são realizadas tanto na loja (que ocupa um ambiente da fábrica), quanto em feiras (eventos maiores em que a movelaria participa) e, ainda, na Feira do Artesanato aos domingos na Praça da República. Os homens auxiliam nesta tarefa, mas a responsabilidade maior é da mulher.

Aos homens (pai e filho caçula) cabe a produção (criação, fabricação, montagem). Estas atividades são complexas e perigosas, o que implica ter habilidade para operá-las, ser rápido o suficiente para livrar-se de qualquer acidente e ter força física para levar as peças até as máquinas. Por isso, essas tarefas são direcionadas às pessoas do sexo masculino. O filho, além da produção, ocupa-se também com as entregas e vendas dos produtos fabricados. As continuidades profissionais na família são dignas de nota e são tidas por seus membros como uma tradição. Conforme relatam, o pai de Seu Sebastião era carpinteiro e construía canoas em tora de madeira, enquanto o filho o observava trabalhando e brincava por entre as canoas que ele fazia. A mulher, por seu lado, também reproduz as habilidades comerciais da família. A socialização de Marcos, o filho caçula, no trabalho da marcenaria também iniciou cedo, incentivada pelo pai, Seu Sebastião. Como ainda não estudava, acompanhava o pai nos trabalhos fora da empresa, enquanto que os outros dois filhos estavam na escola:

*O Marquinho foi quem mais conviveu comigo. Quando ia para o apartamento<sup>61</sup> fazer montagem de um móvel, colocação de porta. Eu acho que ele foi vendo eu fazer a arte, acho que ele ser marceneiro, isto foi incentivo. Eu colocava ele sentadinho, levava alimentação, passava o dia inteiro. Ele era muito pequeno, acho que tinha cinco anos. Ele ainda não estudava. Os outros dois [filhos] eu não levava. A Graça falava que eles tinham que estudar. Eu nunca aperreei ninguém para trabalhar, nem empregado. Estes queriam outro rumo. (Seu Sebastião. Em 21/05/2005)*

---

<sup>60</sup> DURKHEIM, Émile. *Da Divisão do Trabalho Social*. Tradução: Eduardo Brandão. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos) p.21, aborda que além dos serviços econômicos que a divisão do trabalho pode prestar, ela tem a função de criar solidariedade entre duas ou mais pessoas.

<sup>61</sup> Apartamento em fase final de construção ou reforma para ser entregue para cliente, em que Seu Sebastião prestava alguns serviços de marcenaria.

Observa-se que a reprodução social do trabalhador, tanto de Seu Sebastião quanto de Marcos, e ainda de D. Graça ocorreu desde cedo, com a socialização no trabalho no núcleo familiar quando eram ainda crianças, a partir da observação do pai trabalhando até as brincadeiras<sup>62</sup>. A socialização de Marcos desde muito cedo na marcenaria e sua profissionalização são motivos de satisfação para seu Sebastião, uma vez que os filhos de muitos de seus amigos marceneiros seguiram outras profissões, não dando mais continuidade à profissão do pai.

Com relação à empresa “Móveis Souza”, o fato de o proprietário ser marceneiro, permite que a movelaria se diferencie de outras empresas, uma vez que Seu Sebastião detém o conhecimento de todo o processo produtivo, trabalhando diretamente na fabricação das peças, enquanto que em outras empresas, os moveleiros herdaram a movelaria da família, contratando marceneiros para a produção<sup>63</sup>. Seu Sebastião é um especialista, condição esta que o diferencia de outros moveleiros, pois além de ser proprietário de uma fábrica de móveis, é marceneiro – domina a arte da marcenaria -, o que constitui, para ele, motivo de orgulho<sup>64</sup>.

---

<sup>62</sup> DUARTE, Fernando Dias. *As redes do suor: a reprodução social dos trabalhadores da pesca em Jurujuba*. Niterói: EdUFF, 1999, p.161 aborda que a reprodução social do trabalhador começa desde cedo, nas experiências de observação das atividades que envolvem a pesca até o brincar entre os objetos e com ações que remetem a pesca como remar, mergulhar, puxar rede, etc., a criança está sendo inserida no mundo do trabalho. Isto ocorre com seu Sebastião e também com Marcos o que os conduz a trabalhar com a marcenaria.

<sup>63</sup>“Há moveleiros que não sabem pregar um prego”. (Marcos, filho do proprietário da empresa Móveis Souza – Entrevista em 07/2004)

<sup>64</sup> HOBBSAWN, Eric J. Artífices e Aristocratas do Trabalho? In: *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária*. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997 (Coleção Pensamento Crítico; v.55). p. 351-2, discute o papel dos trabalhadores qualificados do século XIX conhecidos como artífices. Analisa a diferenciação social dos artífices daqueles que produzem apenas para vender. Dedicar-se a negócio era visto com desprezo, enquanto que o fato de ter um ofício era motivo de orgulho. Na movelaria, para seu Sebastião e seus familiares, ser moveleiro implica conhecer toda a técnica de produção deste ofício e saber executa-lo.

**Quadro 02 - Atividades cotidianas da família na Fábrica de Móveis (Movelarria – Empresa “Móveis Souza”)**

<b>Família</b>	<b>Atividades</b>
<b>Pai</b> (Seu Sebastião)	Criação de produtos, fabricação e montagem.
<b>Mãe</b> (D. Graça)	Vendas e administração.
<b>Filho caçula</b> (Marcos)	Criação de produtos, montagem, venda, entrega.
<b>Tipo de produção:</b> diversificada sob encomenda e linhas da fábrica.	
<b>Produtos:</b> Móveis - camas, mesas, armários, cadeiras, bancos, etc.	
<b>Pequenos objetos de madeira</b> - Início da produção em 2001: revisteiros, porta bíblias, abajures, porta-canetas, bandejas, baús, fruteiras, mesas de centro, porta-chaves, quadros com paisagem utilizando serragem.	

O pequeno empreendimento familiar exige também a realização de atividades fora da fábrica, voltadas para os negócios: conhecer as tendências do mercado e implementar vendas. Assim os membros da família Souza desdobram-se entre reuniões do Sindicato das Indústrias de Marcenaria do Estado do Pará (SINDMÓVEIS) e da Associação dos Moveleiros de Marituba (AMA), além de outras reuniões organizadas por órgãos como: Secretaria Executiva de Indústria, Comércio e Mineração (SEICOM), Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (SECTAM), etc...; os cursos oferecidos por instituições, eventos (feiras produzidas por órgãos municipais, estaduais e particulares) e venda de pequenos objetos na Feira do Artesanato aos domingos.

As reuniões do sindicato, e com outras instituições, e a venda na Feira do Artesanato aos domingos são tarefas de responsabilidade de Dona Graça. O filho Marcos participa das reuniões do sindicato e da associação, quando, por algum motivo, a mãe não pode comparecer. A família se deu conta que se associando ao sindicato e participando das reuniões, poderia obter informações importantes para o crescimento da empresa, inserir-se no circuito dos projetos e ampliar a esfera de negócios<sup>65</sup>. D. Graça começou a participar das

<sup>65</sup> Os projetos não chegavam até eles, a empresa.

reuniões e acabou por revelar-se uma liderança no setor, no que diz respeito a buscar recursos, informações que beneficiassem a movelaria, suas atividades, vendas, participações em feiras, no estado e fora dele, como, por exemplo, as feiras em Macapá (Equinócio) e Fortaleza (Top Model), além de conseguir a adesão de outros associados ao sindicato. O seu interesse inicial era o de obter financiamentos, mas tem consciência de que, para isso, é necessário, também, que a empresa seja reconhecida, participando de eventos, ganhando prêmios, e demonstrando sua competência no setor trabalho<sup>66</sup>.

Os cursos ofertados pelo Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE/PA), pela Secretaria Executiva de Indústria, Comércio e Mineração (SEICOM), pela Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (SECTAM), pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), entre outros, são freqüentados por Marcos. São cursos voltados para capacitação, organização de fábrica e divulgação da empresa. A participação em atividades externas, - em organizações associativas, eventos e cursos -, tem como objetivo imediato a obtenção de recursos, tendo igualmente a finalidade de atualizar a produção por meio das informações que circulam em tais organizações a respeito das tendências de consumo. Estas atividades externas são, portanto, fundamentais para o entendimento da gênese do pequeno objeto de madeira.

### **Participação em feiras e eventos**

As feiras e eventos representam momentos de grande efervescência na vida da fábrica, uma vez que as feiras são os locais de maior divulgação de seu trabalho, onde vendem mais e estabelecem contatos com clientes que, posteriormente, poderão visitar fábricas e lojas, culminando na realização de compras. Desta forma, nos períodos de feiras, o ritmo de trabalho é acelerado e intensificado, tanto antes do evento (para preparar os produtos para a exposição); durante a feira, no caso das vendas serem maiores do que o esperado e o estoque insuficiente, - verifica-se então uma “corrida” na fábrica a fim de levar o produto para exposição, ou fazer entrega diretamente na casa do cliente - e quando são feitas encomendas

---

<sup>66</sup> Isto é o que deseja D. Graça, pois para ela só assim a movelaria terá mais facilidade de obter recursos, aumentando, conseqüentemente, os negócios.

no local da feira, logo depois o seu encerramento, é necessário acelerar a produção para entregar os produtos dentro do prazo combinado com os clientes.

As feiras são preparadas com algum tempo de antecedência. Os promotores dos eventos realizam inicialmente reuniões para definir as regras: o espaço onde vai se expor, o número de peças que pode ficar em exposição, se há a possibilidade de comercialização no local, o valor do espaço quando este não é cedido, o valor do frete para levar a produção até a feira. Estas informações são repassadas através do Sindicato da Indústria Moveleira do Estado do Pará (SINDMÓVEIS) e da Associação, considerando-se que, quando há feiras, o primeiro contato do promotor do evento é com o sindicato e a associação, que repassam para seus filiados as informações. Porém, muitas vezes os convites para participação em feiras são feitos com poucos dias de antecedência, principalmente aqueles que não vão gerar despesas para os convidados (associados do sindicato ou da associação), o que leva a uma mobilização mais intensa dos moveleiros no que se refere à produção e ao que vai ser exposto, produzindo-se aí um período de trabalho intenso dos profissionais e de seus familiares, quando envolvidos nas fábricas.

A intensidade do trabalho durante os eventos (feiras) requer por vezes a convocação do filho mais velho, Márcio, que se ocupa então de atividades no local da feira., como montagem dos móveis e sua “arrumação”<sup>67</sup> para venda. Durante os eventos a comercialização é maior, e o contato com o cliente é fundamental para vendas futuras, portanto a presença permanente de alguém no stand é necessária a fim de fornecer informações e concluir as vendas. Além disso, é necessário que os produtos expostos estejam bem acabados tecnicamente e em quantidade suficiente para venda, seja no local de exposição, seja na fábrica. É necessário que o espaço esteja organizado, de forma a atrair o cliente, para que este entre para conhecer os produtos expostos. A divulgação é igualmente importante e realizada por meio de distribuição de cartões com endereço, telefone da fábrica e loja; panfletos com fotos de produtos, para futuras visitas e compras na fábrica. Nos casos em que são realizadas vendas no local, é importante fazer a entrega dos produtos na casa do cliente, no prazo estipulado.

---

<sup>67</sup> Categoria nativa que inclui a decoração do móvel com vasos de flores e outros objetos, produzindo uma composição que atraia o cliente.

### Quadro 03 - Distribuição das tarefas em eventos (Feiras)

<b>Família</b>	<b>Atividades</b>
<b>Pai</b> (Seu Sebastião)	Montagem do móvel e arrumação para ser vendido.
<b>Mãe</b> (D. Graça)	Vendas.
<b>Filhos:</b> Marcos	Venda e entrega de móveis
Márcio	Venda, organização do espaço; arrumação do móvel para ser vendido; divulgação da empresa através de panfletos, cartões de visitas; entrega dos móveis; preenchimento de recibo.

A venda é o principal objetivo das empresas moveleiras, sendo assim, a empresa “Móveis Souza” escoar seus produtos fabricados para a venda em sua loja, que fica na fábrica, nas feiras do setor moveleiro/madeireiro/artefatos de madeira e na Feira do Artesanato na Praça da República. Esta função (a venda) é especificamente da mulher, mas os filhos a ajudam, é concretizada tanto com os produtos expostos, quanto por encomenda ou através de mostruário.

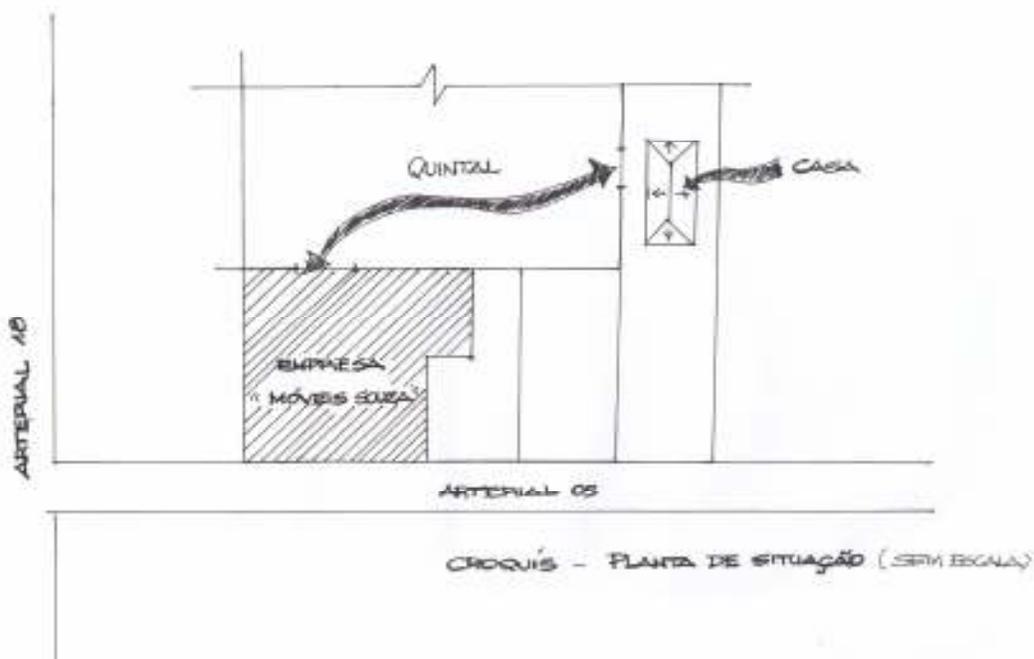
Na feira do artesanato na Praça da República são vendidos pequenos objetos de madeira, e também banquinhos, sendo levados, ainda, mostruários dos móveis maiores para serem apresentados aos clientes que podem se interessar e fazer encomendas. Neste local, as vendas ficam a cargo da mulher.

### O espaço físico da Fábrica de Móveis

Na empresa “Móveis Souza”, os espaços da fábrica e o da casa se interpenetram. Os ambientes estão dispostos de acordo com o padrão de uma moradia, e de acordo com o momento são utilizados ora na produção, ora como espaços domésticos. Desde agosto de

2004, a família está residindo no mesmo imóvel onde está instalada a fábrica. Mesmo antes desta mudança, percebia-se que os espaços da movelaria eram dispostos e tratados como os de uma casa.

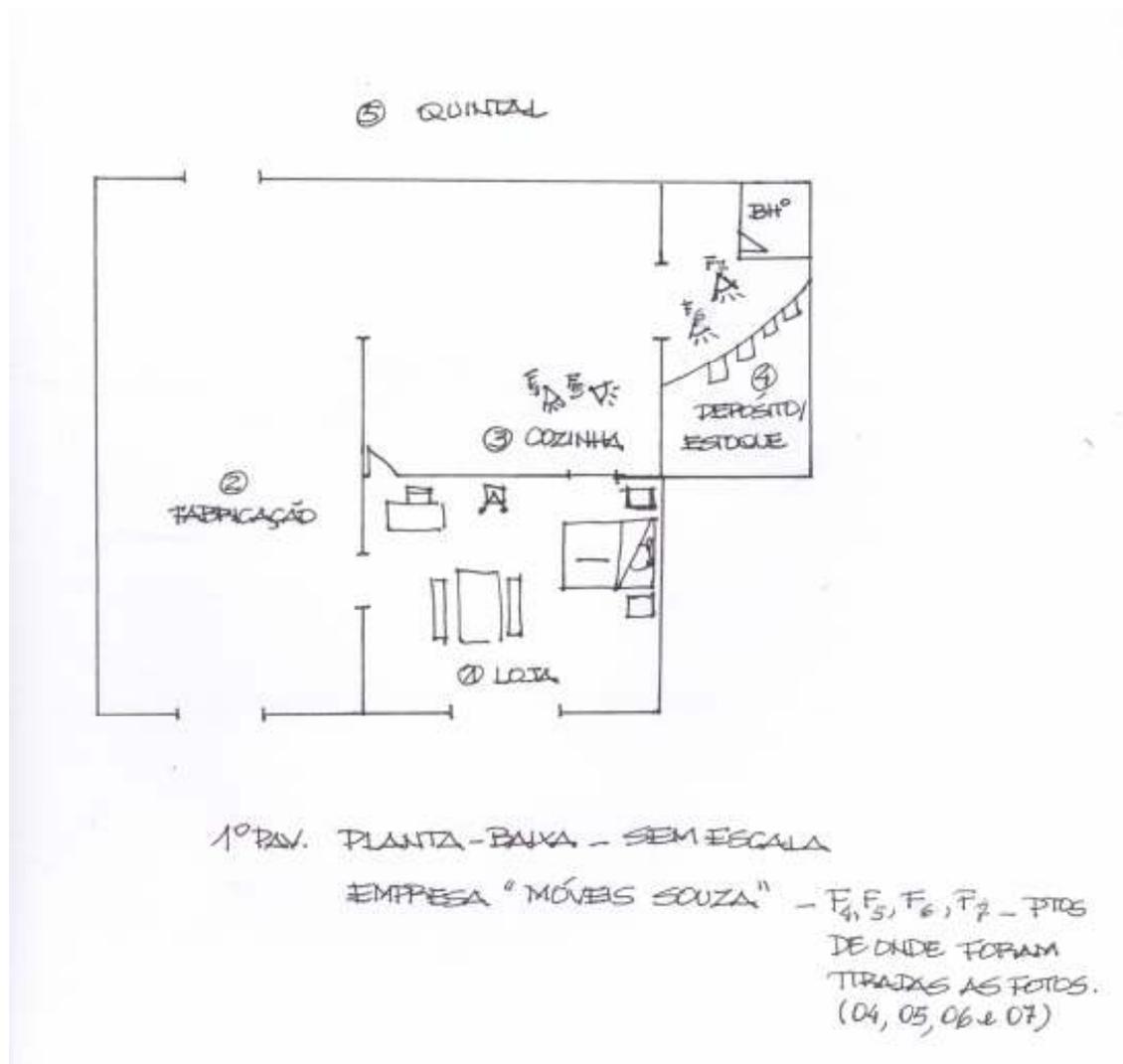
Com a doença que ocasionou o falecimento de um dos filhos gêmeos de Seu Sebastião e D. Graça, Marcelo, a família não quis continuar morando na casa no bairro do Jurunas, onde funcionava a movelaria<sup>68</sup>, em virtude das recordações que o espaço evocava. Como não dispunham de renda suficiente para pagar um aluguel, a Associação dos Moveleiros de Marituba (AMA), da qual eles eram sócios, cujos membros haviam acompanhado a situação pela qual haviam passado, cedeu um galpão à família, onde atualmente está instalada a movelaria “Móveis Souza”, localizado na Cidade Nova VII, Arterial 18, no município de Ananindeua no Estado do Pará, sendo que a casa onde passaram a residir era alugada e adjacente à movelaria. Com isso, elas se comunicavam através do quintal. (Ver Desenho – 01: Croquis da Planta de situação da Empresa “Móveis Souza”)



Desenho – 01: Croquis da Planta de Situação da Empresa “Móveis Souza” – Sem escala. Desenho: Shirley Monteiro.

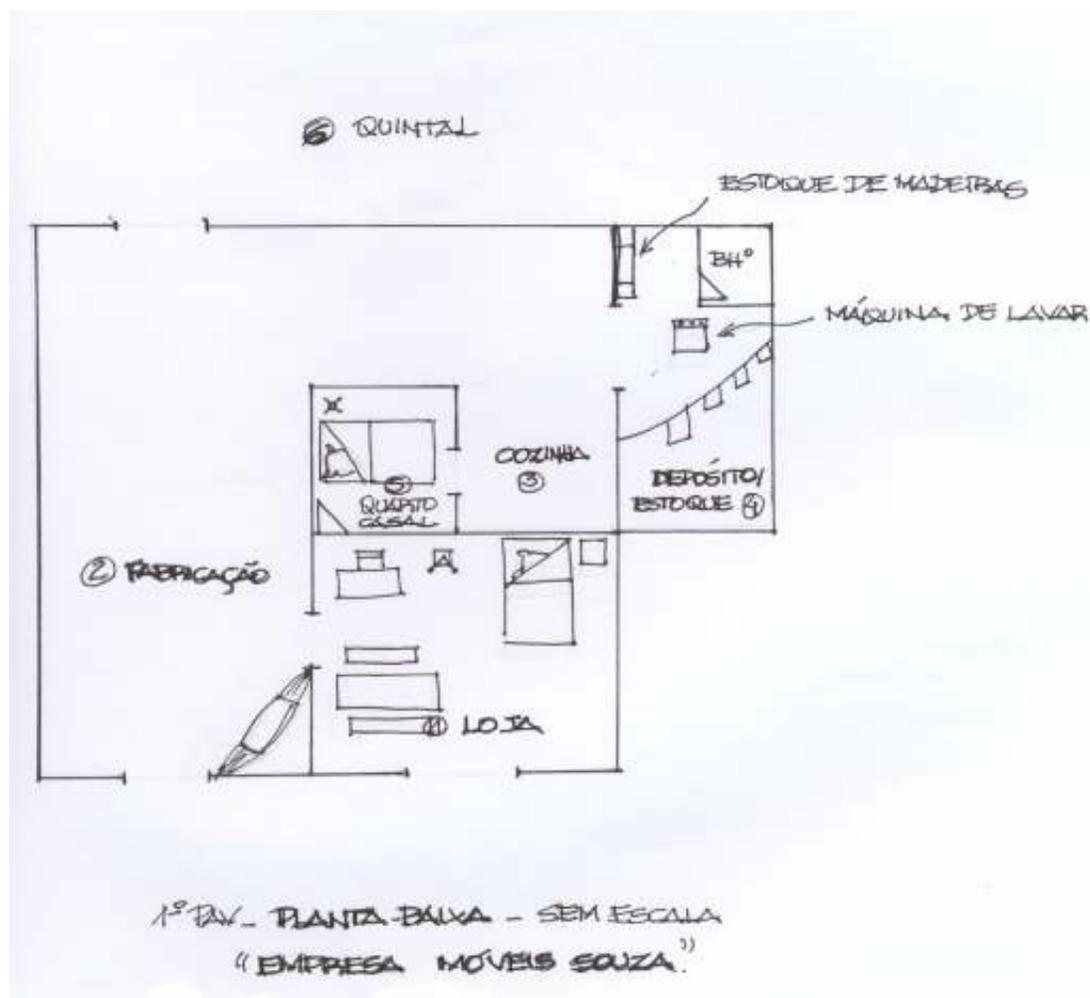
<sup>68</sup> Pelas informações obtidas a movelaria não ocupava o mesmo espaço da moradia.

Mesmo antes de a família passar a residir na movelaria, os espaços desta retratavam os espaços domésticos, e quando a mudança ocorreu de fato houve apenas uma adaptação simples para receber o quarto do casal, espaço para o filho dormir e alguns mobiliários de cozinha<sup>69</sup>.



Desenho – 02: Croquis da Planta – baixa da Empresa “Móveis Souza” antes da mudança da família para a empresa – Sem escada. Desenho: Shirley Monteiro.

<sup>69</sup> Cf. Desenho – 02: Croquis da Planta – baixa da Empresa “Móveis Souza” antes da mudança família para empresa e Desenho – 03: Croquis da Planta – baixa da Empresa “Móveis Souza” após a mudança da família para a empresa.



Desenho – 03: Croquis da Planta – baixa da Empresa “Móveis Souza” após a mudança da família para a empresa – Sem escala. Desenho: Shirley Monteiro.

Desta forma, os espaços da movelaria são constituídos de:

Loja (1)<sup>70</sup> – É o primeiro espaço de contato com a rua, e a porta de entrada para o universo da movelaria. Em exposição estão vários móveis, mas o que chama atenção é uma mesa grande, toda em madeira, com dois bancos corridos, onde são recebidas as pessoas que ali chegam. Neste espaço, encontra-se uma mesa de escritório e uma cadeira, em cima desta mesa fica o café que é servido ao visitante, cliente, vizinho, e próximo está uma televisão que fica ligada para a distração dos que aí chegam. Este primeiro espaço assemelha-se a uma

<sup>70</sup> Os números, com que os ambientes são designados, correspondem à numeração em planta-baixa da movelaria.

grande sala de estar de uma residência, é o lugar onde são recebidas as pessoas que vêm da rua. De acordo com o grau de intimidade que possuem com a família, e mediante sua permissão, transitam igualmente nos demais compartimentos da casa, dando-se o mesmo em relação à fábrica de móveis: há pessoas que ficam apenas no espaço da loja e outras que entram nos espaços mais reservados, no caso, a fábrica (fabricação(2)) propriamente dita, um grande espaço com máquinas, ferramentas, pó de madeira, produtos em madeira por terminar (montar), produtos acabados (finalizado em todo o seu processo de fabricação). Este ambiente, onde se encontram todas as idéias materializadas - as inovações, os experimentos, a criação - é um espaço cuja entrada, como já fiz referência, depende do consentimento da família do proprietário<sup>71</sup>. Lá tudo está exposto: a criação, as condições de trabalho, os riscos e tudo que se está produzindo. Assemelha-se a um quarto de uma casa, dada a intimidade que há nele e os segredos aí guardados. Cabe ressaltar que no acesso da loja para a fábrica não é possível perceber como é constituído este espaço, exatamente como ocorre em uma residência, onde a privacidade do quarto é mantida longe dos olhos dos curiosos, dos visitantes<sup>72</sup>.



Foto 02 – Espaço da loja da Empresa “Móveis Souza”: Alguns móveis expostos e D. Graça sentada à mesa onde as visitas e clientes são recebidos.  
Shirley Monteiro em: 18/08/2004

---

<sup>71</sup> Este é o espaço onde as idéias tomam forma. Em algumas empresas, quando se está executando ou fabricando algo novo - uma inovação - não é permitida a presença de estranhos nesta área.

<sup>72</sup> Ver foto 02 do espaço da loja (1) e foto 03 do espaço da fabricação(2).



Foto 03 – Acesso ao espaço de fabricação a partir do espaço da loja. Shirley Monteiro em: 08/2004

A cozinha (3) – É um espaço pequeno, onde são preparados pratos rápidos e café. É constituída de armário de duas portas, suspenso; abaixo deste, há um espaço para panelas que ficam penduradas e logo abaixo uma prateleira em madeira. Em uma das paredes; na perpendicular (da que faz 90° graus com esta) há um balcão aberto com prateleiras (duas), onde na parte de cima está um fogão de duas bocas e na lateral deste balcão, um botijão de gás; na outra lateral (Ver foto 04), há uma estante com prateleiras onde estão localizadas ferramentas utilizadas na fábrica (Ver foto 05). Como em uma casa, a cozinha está ligada ao preparo da alimentação, sendo que os equipamentos (armários, panelas, vasilhas plásticas), que pertenciam à residência da família, foram levados para a fábrica. A cozinha é um pedaço da casa transportado para a fábrica, até na maneira despojada, simples, de organizar os utensílios, sem a formalidade dos espaços de fábricas que mantêm empregados, onde os operários possuem uma copa ou restaurante para as refeições, havendo, via de regra, uma pessoa designada para seu preparo. Na “Móveis Souza” a família, que são os trabalhadores, prepara as refeições no espaço da fábrica.



Foto 04 – Cozinha. Shirley Monteiro em: 07/2004



Foto 05 – Cozinha: Estante de ferramentas. Shirley Monteiro em: 07/2004

O depósito-estoque de madeira (4)–É o espaço da fábrica menos visível. Neste local, há dois tipos de estoque: um que fica em frente e na lateral do banheiro, e nele estão as madeiras compradas da serraria; e outro na lateral da cozinha, onde há resíduos de madeira no chão e partes de móveis e pequenos objetos, aguardando a montagem. Este ambiente da fábrica assemelha-se a área de serviço da casa, nota-se a presença de um varal com roupas femininas e toalhas, e um banheiro. (Ver foto 06 e foto 07). Depois da mudança da família para a movelaria este espaço também recebeu uma máquina de lavar. (Ver foto 08)



Foto 06 – Depósito: Varal de roupas. Em segundo plano estão sobras de madeiras e partes de móveis. Shirley Monteiro em 07/2004



Foto 07 – Depósito: Varal. Em segundo plano partes de móveis. Shirley Monteiro em 07/2004



Foto 08 – O depósito recebeu máquina de lavar após a mudança da família para empresa. Na lateral do banheiro estoque de sobras de madeiras de serraria de exportação. Shirley Monteiro em 08/2004.

O acesso existente entre a fábrica e a casa que a família ocupava assemelha-se ao quintal de uma casa, é nele que há verde - mesmo sendo grama, mato, capim - com terra preta

e árvores. Esta descrição corresponde ao primeiro pavimento da empresa<sup>73</sup>. (Ver foto 09 e foto 10)



Foto 09 – Vista do quintal a partir do espaço da fabricação. Shirley Monteiro em 08/2004



Foto 10 – Quintal: Comunicação da empresa e a casa que anteriormente era ocupada pela família. Shirley Monteiro em 08/2004

---

<sup>73</sup> O segundo pavimento é um depósito que será destinado futuramente à pintura, uma vez que a poeira da fábrica, no piso inferior, dificulta esta atividade. Não tive acesso a este local, por isso, minha análise restringe-se ao primeiro pavimento, mas, verifiquei que as dimensões do segundo pavimento correspondem às da loja.

**Quadro 04 - A Fábrica de Móveis (Movelaria – Empresa “Móveis Souza”) com vínculos com a casa – Comparações entre os ambientes da fábrica e de uma casa.**

<b>Ambientes da Fábrica</b>	<b>Ambientes da casa contidos na fábrica.</b>
Loja	Sala de Estar
Fabricação	Quarto
Cozinha	Cozinha
Depósito/Estoque	Área de Serviço
Banheiro	Banheiro
Quintal	Quintal

Poucas alterações ocorreram com a mudança da família para a movelaria: uma pequena parte do espaço da fabricação recebeu alguns painéis para vedação, formando o quarto do casal; na loja, uma cama, que fica em exposição pela manhã para venda, é o leito do filho durante a noite; e a cozinha recebeu uma geladeira. Percebe-se que as alterações que ocorreram em decorrência da mudança não foram radicais, já que o espaço da movelaria já era tratado como um espaço doméstico.

Observa-se que a família tenta reproduzir na fábrica o espaço doméstico mesmo antes de passar a residir nela. Isto é evidente nos espaços que têm as suas funções semelhantes aos de uma casa. Por outro lado, percebe-se que, com isto, os trabalhadores da movelaria têm maior controle de tudo o que diz respeito à empresa e de tudo o que se passa na casa e, enquanto estão trabalhando na fabricação ou na venda de algum objeto eles também podem dar atenção aos assuntos domésticos. Por exemplo, certo dia, Seu Sebastião estava no espaço de fabricação e Marcos na loja, quando um funcionário da companhia de energia elétrica chegou e Marcos foi chamar o pai. Seu Sebastião interrompeu a sua tarefa e foi atender o rapaz e em pouco tempo o problema estava resolvido. Outra vez, a mãe estava com panelas no fogão enquanto o pai e o filho trabalhavam na fabricação; ela ficava um pouco na loja e um

pouco na cozinha. Assim, quando chegou um cliente na loja, ela foi atendê-lo e pediu que Marcos cuidasse da panela no fogão. Depois de ter atendido o cliente voltou para a cozinha.

A não separação entre o espaço de trabalho e o espaço doméstico na movelaria proporciona um controle tanto do processo produtivo como também do que ocorre com a família e do que diz respeito ao espaço doméstico, além de revelar uma inversão, enquanto a maioria das profissões as pessoas saem de casa para exercê-la, ou seja, o espaço em que a atividade profissional é desempenhada é fora da casa<sup>74</sup>. Com isso, observa-se que a formalização de empresas por meio de registro configura-se apenas como uma exigência do mercado. Observo, além disso, que esta forma de organização do trabalho pode ser generalizada para muitas outras empresas, como ocorre, por exemplo, nas cerâmicas de Icoaraci e que guarda igualmente alguma relação com a forma de organização do trabalho no campo, onde vida e trabalho se confundem. Igualmente, verificamos existir apenas relativa monetização do tempo de trabalho, diferindo, portanto da forma capitalista de produção. A interiorização de elementos como o orgulho da profissão, da capacidade de criar e de uma concepção própria de arte e estética caracterizam este modo particular de produção.

---

<sup>74</sup> Quando houve a transformação das relações de trabalho artesanal para relações de trabalho capitalistas ocorreu a separação entre casa e trabalho. Cf. ALVIM, 1987, p.123.

### Capítulo III: A ambientalização da produção na empresa “Móveis Souza”

Neste capítulo analisarei as condições que fazem com que a empresa passe a utilizar sobras de madeira bem como o processo através do qual os integrantes da família Souza passam a atribuir novos significados a esta operação e à própria produção da empresa. A reutilização de restos, que passa a ser conhecida como “reciclagem” será analisada para um contexto industrial mais amplo, de modo a apreender o significado da apropriação de discursos e práticas verdes pelo setor industrial, e na pequena indústria em particular. Finalmente, serão apontadas algumas associações específicas a que meio ambiente e Amazônia (ou Pará) remetem.

#### Entre estratégias de reprodução e etiqueta ambiental<sup>75</sup>

A empresa “Móveis Souza” começou a utilizar sobras de madeiras de serraria de exportação para fabricar seus móveis (Ver foto 11) em 1997, em virtude da escassez da madeira e do seu elevado preço<sup>76</sup>, como forma de continuar no mercado. As sobras de serraria de exportação passaram a ser uma possibilidade de resolver os problemas da movelaria, já que eram mais fáceis de serem adquiridas, e eram vendidas pela metade do preço da madeira comprada anteriormente pelo proprietário da empresa. Estes resíduos<sup>77</sup> ficavam no pátio da serraria onde Seu Sebastião comprava as sobras. Muitas vezes acabavam se estragando, ou eram vendidos para lenha, ou para serem queimados ou eram doados para caminhoneiros para

---

<sup>75</sup> A respeito da etiqueta ambiental, consultar LOPES LEITE, José Sérgio (Coord.) et. al. *Ambientalização dos conflitos sociais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. (Coleção Antropologia Política; 29). Os autores inspirados no conceito eliasano da etiqueta da corte consideram que a educação ambiental e as práticas ambientalmente corretas constituem uma etiqueta contemporânea, cujos valores e normas são fortemente interiorizados.

<sup>76</sup> As madeiras de espécies e qualidades melhores eram destinadas à exportação, assim a quantidade de madeira para atender o mercado interno destinada a ser matéria – prima na movelaria era reduzida e o preço elevado. Segundo Seu Sebastião, a madeira que mais permanece no estado é o Angelim Pedra - *Hymenolobium*, porque, em virtude de suas características é de difícil exportação, ficando no país e sendo a mais utilizada pelos moveleiros. Pela minha experiência profissional no setor madeira/ móveis, a madeira Angelim Pedra - *Hymenolobium* é uma madeira bastante difícil de ser trabalhada. Geralmente danifica as ferramentas e máquinas nela utilizadas.

<sup>77</sup> As sobras de madeiras de serraria de exportação são aquelas que não alcançam as dimensões exigidas para exportação ou apresentam algum defeito como manchas.

serem vendidos ou eram jogados na caldeira (este procedimento era utilizado em serrarias grandes), tudo isto com uma única intenção: a de limpar o pátio.



Foto 11- Sobras de madeiras de serraria de exportação utilizadas na produção de móveis. Shirley Monteiro em: 07/2004

Observa-se pelo descrito que os resíduos eram considerados lixo, algo que atrapalhava a serraria de exportação, trazia problemas, causava a desordem e cuja ordem era estabelecida eliminando-os do pátio, fazendo limpeza. A partir do final dos últimos anos do século passado, as sobras de serraria de exportação passaram a ser valorizadas como matéria - prima para o setor moveleiro, uma vez que eram sobras beneficiadas<sup>78</sup>, vinham acompanhadas de nota fiscal e da informação a respeito da origem da madeira. Desta forma, a procura por este tipo de resíduos aumentou rapidamente, e as serrarias foram aumentando o preço<sup>79</sup>, não doando mais o material, conforme prática anterior.

---

<sup>78</sup> Serradas e lixadas.

<sup>79</sup> Nos anos 90 e 91 as sobras segundo seu Sebastião proprietário da empresa custavam em torno do equivalente em setembro/2004 a R\$ 60,00 (sessenta reais) o metro. O preço destas sobras em setembro/2004 estava custando R\$ 300,00 (trezentos reais) o metro.

Em dificuldades financeiras, a procura por doação ou compra de sobras aparece como uma estratégia de sobrevivência da empresa, ou nas palavras de Certeau<sup>80</sup>, ao se referir ao trabalho com sucatas, uma estratégia do cotidiano plena de criatividade e resistência. Em uma das entrevistas Seu Sebastião relata que alguns anos antes de passar a utilizar as sobras, recebeu a visita de um técnico do Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE/PA) que comentou de passagem que o lucro da movelaria poderia estar nos resíduos. Embora isto tenha ocorrido bem antes de Seu Sebastião adotar esta prática, e em sua entrevista tenha feito esta referência sem entrar em detalhes, é possível que, dispondo da informação, no momento de crise em que se mobilizam todos os recursos materiais e simbólicos disponíveis, Seu Sebastião tenha lançado mão desta informação.

A movelaria “Móveis Souza” começou a utilizar as sobras de madeiras de serraria de exportação na produção de móveis, utilizando o contraste das cores das madeiras que eram coladas para serem aproveitadas. No primeiro momento, tanto os colegas de profissão, quanto os consumidores desvalorizavam esses móveis, pelo fato de haverem sido fabricados a partir de sobras de madeiras. Achavam, por isso que esses artefatos deveriam ter um preço mais baixo. No entanto a novidade do uso das cores de madeiras chamava a atenção, uma vez que não era usual na produção local. Na primeira exposição (1998) em que apresentaram os móveis fabricados a partir de sobras encontraram resistências<sup>81</sup>.

---

<sup>80</sup> CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 2000. p.8

<sup>81</sup> “Quando o Sabá [Sebastião] chegou, eles [moveleiros que estavam expondo] achavam que ele estava doido. Quem é que vai comprar isso? Sabá [Sebastião] tu estas ficando doido? Onde já se viu Sabá [Sebastião] móveis de duas cores? [...] Quando se fala em sobra por parte do cliente há uma desvalorização. Eles acham porque é sobra, [então] tem que ser mais barato” (D. Graça, “Móveis Souza” 09/2004).

Em 2001, A movelaria “Móveis Souza” ganhou o Prêmio Design<sup>82</sup> em primeiro lugar em 2001 concedido pelo Programa Paraense de Design (P.P.D) durante a FEMATEC<sup>83</sup>. Esse prêmio incentivou outras marcenarias a produzirem móveis coloridos. Assim, as sobras de madeira de serraria de exportação passam a ser um material comum na produção das movelarias, e os objetos produzidos a partir destas a serem bem comercializados. Não apenas o prêmio, mas a atuação de uma série de instituições influenciaram a construção de novos padrões de produção e consumo, tema este que será tratado no próximo capítulo.

Por conta deste incentivo e da atuação de diversos intermediários, a partir de 2001, a movelaria aproveita os resíduos das sobras da produção de móveis para a fabricação dos pequenos objetos de madeira (Ver foto 12), ou seja, as sobras de madeiras de serraria de exportação são aproveitadas por duas vezes, na produção de móveis, e do resíduo destes são feitos os pequenos objetos (Ver foto 13). No entanto, os profissionais da empresa enfrentam a dificuldade de não terem máquinas apropriadas para a fabricação dos pequenos objetos. Esta não é uma dificuldade apenas da movelaria “Móveis Souza”. Atualmente muitos moveleiros deixam de aproveitar os resíduos de sua produção por este motivo, as máquinas são caras e importadas. Torna-se difícil reciclar a madeira nesta perspectiva de transformá-la em objetos pequenos. Assim, para os proprietários de pequenas e micro empresas o reaproveitamento das sobras<sup>84</sup>, segundo dizem, é inviável.

---

<sup>82</sup> “Na Cidade Nova todos os colegas do Sabá [Sebastião] estão trabalhando com móveis coloridos. Eles vêem que o Sabá [Sebastião] vai para feira e vende. O grande incentivo para o Sabá [Sebastião] foi o Prêmio Design. Eles [os colegas] convidam para associações...”. (D. Graça, “Móveis Souza” 09/2004).

<sup>83</sup> Feira de Moveis, Artefatos de Madeiras e Tecnologias Apropriadas, realizada em 19 a 28 de outubro de 2001. Promovida pela Secretaria Executiva de Ciências, Tecnologia e Meio Ambiente com apoio de outras instituições (Secretaria Especial de Estado de Produção; Universidade do Estado do Pará; Secretaria Executiva de Indústria, Comércio e Mineração; Universidade do Estado do Pará; Programa Paraense de Design; Programa Paraense de Tecnologias Apropriadas, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico; Financiadora de Estudos e Projetos; Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa do Pará; Sindicato da Indústria de Marcenaria do Estado do Pará).

A movelaria “Móveis Souza” concorreu com um conjunto de mesa com quatro bancos, onde utilizava sobras de madeira fazendo o contraste entre as madeiras Roxinho – *Peltogyne* e Pau Amarelo – *Euxylophora Paraensis*. Este prêmio foi incentivo para Seu Sebastião continuar a trabalhar com sobras de madeiras e fazer o uso das cores com espécies diferentes.

<sup>84</sup> Iniciativas foram tomadas para que os moveleiros trabalhassem com os resíduos de sua produção fabricando pequenos objetos, mas esbarram nesta dificuldade que até o momento não foi solucionada. Segundo D. Graça, reuniões foram feitas com moveleiros e instituições para saber o que era necessário para eles trabalharem na produção de pequenos objetos a partir de resíduos. Todos citaram a necessidade de adquirir máquinas apropriadas. Foram dadas sugestões para que estudantes de Engenharia e de cursos profissionalizantes de mecânica de instituições como Universidade Federal do Pará (UFPA) e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) pudessem adequar e desenvolver máquinas para os pequenos objetos. Nesta reunião segundo D. Graça os moveleiros falaram que trabalhariam com pequenos objetos se tivessem as máquinas, porém após esta reunião nem uma providência ou resposta foi tomada pelo órgão público responsável.

O caso da empresa de móveis Souza é particular. No capítulo anterior foi mostrado que ciclicamente a empresa trabalha de forma acelerada, sendo obrigada a adaptar sua organização ao momento, mas também que há momentos em que a produção cai. As características de organização da empresa, em que os significados do tempo escapam aos de um tempo industrial monetizado, e as trajetórias particulares de Seu Sebastião e Marcos – voltadas para a criação e a arte – constituem condições objetivas para que a empresa possa produzir os pequenos objetos de madeira. Com efeito, estão dadas as condições para que esta família de *bricoleurs* lance mão de todos os recursos para reproduzir suas vidas e sua arte e a produção do pequeno objeto resulta desse contexto particular. D. Graça, no entanto, reclama da inexistência de apoio no sentido de garantir condições adequadas à produção<sup>85</sup>



Foto 12- Sobras de madeiras da produção dos móveis utilizadas na fabricação de pequenos objetos. Shirley Monteiro em: 07/2004

---

<sup>85</sup> “As pessoas dizem para vender as máquinas grandes e comprar as pequenas, mas são as máquinas grandes que deixam as sobras para as pequenas”. (D.Graça, “Móveis Souza” 09/2004).



Foto 13- Resíduos de madeiras da produção de móveis guardados em uma caixa para serem reaproveitados por meio de colagem. Marcos mostra através da união de duas peças a possível criação de um novo pequeno objeto. Shirley Monteiro em: 07/2004

No ano de 2001 a movelaria fez algumas mesas com troncos de árvores (Ver foto 14) e (Ver foto 15), resto de limpeza de um terreno – resíduo público, o que não se tornou uma prática efetiva em virtude da falta de transporte para levar os troncos de árvores, que muitas vezes eram encontrados na rua, até a movelaria. Até o momento não se sabem a quem recorrer para conseguir levar à movelaria troncos de árvores provenientes da poda de árvores da prefeitura nas ruas. Certa vez, o proprietário da empresa sondou os trabalhadores da prefeitura que desenvolviam este tipo de atividade, mas eles cobraram R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais), que seriam divididos entre eles para entregar na empresa os troncos de árvore, cujo destino habitual é o lixão do Aurá.



Foto 14 - Mesa criada com tronco de árvore.  
Shirley Monteiro em: 09/2004



Foto 15 - Mesa para telefone criada a  
partir de tronco de árvore. Shirley Monteiro  
em 09/2004

Observa-se que os profissionais da movelaria iniciam o aproveitamento de sobras de madeira em decorrência de um momento de crise na empresa. No entanto, uma série de

agentes externos constrói, ao mesmo tempo em que isso se dá, uma ética de produção ambientalmente correta, que tem por objetivo a produção sustentável, cuja chave para o setor produtivo é o reaproveitamento de materiais. Absorvem, desta forma, “a reciclagem de materiais” em seu processo produtivo, não só das madeiras beneficiadas e das sobras de madeira de exportação, mas também em estado mais bruto, do tronco de árvores até o pó da serragem das madeiras, para ser usado na decoração de potes e quadros. Essas novas técnicas, juntamente com uma nova linguagem foram apreendidas em cursos, palestras e oficinas de que participaram<sup>86</sup>. Na construção do processo de ambientalização, intervêm, embora de forma indireta, outros agentes. Constatei que a forma como se referem a reciclagem, meio ambiente, natureza, preservação, assemelha-se a discursos de empresas que encontrei na *internet*, tendo a árvore como referencial de preservação da natureza.

*Se uma pessoa vê numa rua uma cadeira sem uma perna poderia levar para ajeitar que seria aproveitada, ia durar muito. Muitas árvores não seriam derrubadas. Aquele móvel vai durar muito, dá tempo de crescer uma árvore e não pegar uma árvore para fazer um móvel daquele, mas fazer aproveitamento. (Seu Sebastião .09/2004)*

Verificamos no depoimento acima grande semelhança com o teor de um texto encontrado em site na internet:

*Cada 50 quilos de papel usado, transformado em papel novo, evita que uma árvore seja cortada. Pense na quantidade de papel que você jogou fora até hoje e imagine quantas árvores você poderia ter ajudado a preservar. (Reciclagem. Disponível em: <[http: www.compam.com.br](http://www.compam.com.br)> Acesso em 30/11/2004)*

A reciclagem pode ser apreendida e associada à preservação do meio ambiente, não só na prática como no discurso, conforme o exemplo da movelaria, que utiliza a reciclagem em todo o seu processo produtivo a partir do que é absorvido com as informações adquiridas em cursos, palestras e outros eventos.

---

<sup>86</sup> Em uma palestra da Federação das Indústrias do Estado do Pará (FIEPA) viram que um palestrante fazia seus móveis de tronco de árvores, reproduzindo o discurso do aproveitamento deste material, ressaltando o valor da natureza.

Através do que foi abordado na movelaria “Móveis Souza”, nota-se que a reciclagem feita pela pequena empresa de móveis está apenas iniciando no estado do Pará, porém com uma série de dificuldades<sup>87</sup> a serem vencidas. Por isso, a maioria de moveleiros não se sente disposta a adotar esse tipo de produção sem o apoio do governo e de outras instituições. Para melhor entender como o aproveitamento de sobras de madeiras passa a fazer parte do processo produtivo da movelaria empresa “Móveis Souza” deter-me-ei, a seguir, sobre a ambientalização do setor industrial no Pará, de forma mais geral, uma vez que, conforme visto, verifica-se a circulação de um novo discurso e, com isso a internalização de novos comportamentos.

### **A ambientalização do setor industrial no Pará**

Por não se tratar do objetivo central de minha dissertação, não realizei uma pesquisa exaustiva a respeito do processo de ambientalização propriamente dito. No entanto, realizei uma busca na internet, entendendo que o que encontraria poderia ser significativo deste processo no estado. Portilho<sup>88</sup> sugere que o “consumo verde” só teria sido possível após o deslocamento da questão ambiental da produção para o consumo e aponta três fases na consecução deste evento: a primeira, a partir da década de 70, do “ambientalismo público”<sup>89</sup>; a ambientalização do setor empresarial a partir dos anos 80; e a emergência, a partir da década de 90, com os efeitos sobre o meio ambiente de estilos de vida e consumo das sociedades afluentes. Se pensarmos em termos de Brasil e Pará, estes eventos também se verificam, no entanto com um deslocamento temporal de cerca dez anos, conforme podemos constatar na literatura brasileira a respeito de meio ambiente. A partir dos anos 80, (90 no Brasil) e possivelmente em virtude do evento Rio 92, as empresas deixam de lado sua imagem de “vilão da ecologia” e passam a adotar a imagem de “amigo do verde”, conforme denominou

---

<sup>87</sup> Em termos de máquinas e equipamentos, mas também pela falta de uma política efetiva sobre o aproveitamento de resíduos no estado.

<sup>88</sup> PORTILHO, Fátima *Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania*. São Paulo: Cortez, 2005.

<sup>89</sup> Preferências públicas pela qualidade ambiental e simpatia pelos grupos ambientalistas e seus objetivos PORTILHO, 2005, a partir da definição de Buttel e Larson.

Portilho. A autora comenta que as empresas efetuam uma “apropriação ideológica” do discurso ambiental, enfatizando “os tradicionais mecanismos de mercado e as inovações tecnológicas, com ênfase para o binômio tecnologia limpa/consumo verde, adaptando a temática ambiental à sua lógica interna”. Entre a possibilidade de lucro e a tecnologia limpa, o reaproveitamento<sup>90</sup> rebatizado de “reciclagem”, passa a ocupar um espaço central no processo produtivo<sup>91</sup>. A autora revela um deslocamento das questões ambientais para o consumo tema já tratado por Douglas e Isherwood em 1979, data da publicação na Inglaterra de “O mundo dos bens”.

Douglas e Isherwood em *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*<sup>92</sup> propõem um estudo sobre o consumo com o viés antropológico, e comparando com os dados da pesquisa percebi que este assunto aparece nos *sites* como um dos pontos principais que contribuíram para se pensar em reciclagem, uma vez que a grande quantidade de objetos descartados provocou o aumento do lixo e, em consequência disso, houve a preocupação de utilizá-lo de forma racional e de maneira a preservar o meio ambiente, tendo a reciclagem como alternativa.

Em livro anterior, Douglas em *Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu*<sup>93</sup> a autora aborda a sujeira como um fator de desordem e a higiene como fator que estabelece a ordem. A leitura deste trabalho levou-me à seguinte questão: como elementos que eram considerados sujos e eram descartados, que causavam problemas ao homem e danos ao meio ambiente, em virtude de seu acúmulo, foram transformados em algo de valor? Com efeito, a reciclagem estabelece a ordem e o que antes era considerado lixo e sem valor, passa a ser revalorizado. A reciclagem é tratada de passagem no âmbito da antropologia do consumo,

---

<sup>90</sup> Aproveitamento e uso de sobras são categorias que remetem à pobreza, à necessidade, à bricolagem, enquanto que a expressão mais recente “reciclagem” remete à adequação à nova etiqueta.

<sup>91</sup> A esse respeito, conferir igualmente o processo de obtenção do selo verde e seus efeitos em LEITE LOPES et al., 2004

<sup>92</sup> DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron., 2004.

<sup>93</sup> DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu*. Lisboa: Perspectiva do Homem, edições 70, 1966.

não tendo encontrado publicações na área das ciências sociais que abordem diretamente o tema<sup>94</sup>.

Passarei agora a apresentar os dados encontrados, assim como minhas análises resultantes da busca realizada na *internet*. Preocupe-me inicialmente em encontrar sites que contivessem informações acerca do que é reciclagem para, em seguida empreender uma busca das empresas instaladas no Pará que valorizassem este tema, após o que, comparei toda a pesquisa com os dados coletados em campo para minha dissertação e observei que o teor de muitas das informações fornecidas pelos profissionais da movelaria, no que se refere a reciclagem, resíduos e preservação do meio ambiente, assemelhavam-se a algumas que encontrei em *sites*, e em alguns artigos de revistas eletrônica.

Na etapa, selecionei os sites do Comércio de Papéis e Aparas Mooca Ltda. <<http://www.compam.com.br>>, Compromisso Empresarial para Reciclagem (CEMPRE) <<http://www.cempre.org.br>> e Ambiente Brasil, portal do meio ambiente <<http://www.ambientebrasil.com.br>>, por oferecerem material com conteúdo para uma análise mais detalhada sobre o tema reciclagem.

Na página do Compam, encontramos a reciclagem definida como o retorno da matéria-prima ao seu ciclo de produção e como termo usado popularmente para designar todas as operações envolvidas neste retorno.

*Reciclagem é um conjunto de técnicas que tem por finalidade aproveitar os detritos e reutiliza-los no ciclo de produção de que saíram. É o resultado de uma série de atividades, pela qual materiais que se tornariam lixo, ou estão no lixo, são desviados, coletados, separados e processados para serem usados como matéria-prima na manufatura de novos produtos.*

O Compromisso Empresarial para Reciclagem (CEMPRE) reúne uma associação de empresas privadas<sup>95</sup> de vários setores industriais que promovem a reciclagem. É uma organização sem fins lucrativos, fundada em 1992, e que tem como objetivo conscientizar a

---

<sup>94</sup> Os materiais encontrados sobre reciclagem eram geralmente folhetos informativos sobre coleta seletiva de lixo, e alguns poucos livros técnico sobre resíduos sólidos, geralmente da área de engenharia.

<sup>95</sup> Entre as empresas associadas estão a ALCAN, a Natura, a Nestlé e a Coca-Cola, que possuem lojas, filiais, no estado do Pará, ou que divulgam campanha de reciclagem em supermercados de Belém, caso da ALCAN em 07/2004.

sociedade da importância da redução do lixo, de sua reutilização e de sua reciclagem (Teoria dos Três Erres: reduzir, reutilizar, reciclar), através de seminários, publicações e pesquisas técnicas voltados para pessoas formadoras de opinião: diretores de empresas, prefeitos, organizações não governamentais(ONGs) e acadêmicos. É, em outras palavras, uma organização que se propõe a ensinar a nova etiqueta referente ao comportamento ambiental adequado.

No *site* Ambiente Brasil há uma página denominada “Ambiente Resíduos”, dedicada aos assuntos resíduos e reciclagem. A introdução desta página faz referência aos resíduos como um dos graves problemas do mundo:

*Os resíduos são resultados da sobra de atividades da comunidade em geral, sejam industriais, domésticas, hospitalares, comerciais ou agrícolas. Resíduos podem ser ainda resultado das atividades da área de serviços, assim como de uma simples atividade pública, como a varrição.*

Em uma outra página do mesmo *site* que trata de reciclagem, é definido o que é reciclagem e como esta palavra foi introduzida no Brasil a partir do vocabulário internacional.

*A reciclagem é um processo industrial que converte o lixo descartado (matéria-prima secundária) em produto semelhante ao inicial ou outro. Reciclar é economizar energia, poupar recursos naturais e trazer de volta ao ciclo produtivo o que é jogado fora. A palavra reciclagem foi introduzida ao vocabulário internacional no final da década de 80, quando foi constatado que as fontes de petróleo e outras matérias primas não renováveis estavam e estão se esgotando. Reciclar significa = Re (repetir) + Cycle (ciclo).*

Analisando as páginas da *internet* utilizadas nesta primeira etapa do trabalho, foi observado que a reciclagem é vista como o retorno de uma matéria-prima ao ciclo de produção para gerar um novo produto, sendo que esta prática é associada ao consumo, à industrialização, ao meio ambiente e ao lucro.

A crise do petróleo (entre os anos 70 e 80) é invocada, em grande escala, como desencadeadora do processo que levou à reciclagem, como alternativa de resolver o problema.

O aumento do consumo de bens pela população também contribuiu, mas em menor escala, para o surgimento da reciclagem, pois gerou uma maior quantidade de lixo. O consumo passa a ser, então, um dos fatores mais evidenciado no processo que leva à reciclagem.

Nas duas situações, das empresas (grande escala) e do consumidor (pequena escala), o consumo passa a ser visto como o grande vilão do desequilíbrio ecológico. Na pesquisa, foi verificado que a maior responsabilidade é colocada ao homem (a pequena escala) por este desequilíbrio, pelo lixo que produz através dos bens que consome e que descarta. Porém, esta atitude tem a contribuição de um conjunto de outros elementos (a tecnologia, a grande produção de bens pelas indústrias, o poder aquisitivo, o perfil do consumidor) em que o consumo é apenas um deles, mas a este é dado o maior relevo, transformando-se no grande vilão. Esta visão do consumo, onde a produção é valorizada em detrimento do consumo, é moralista, visto que este é tido como responsável dos problemas que ocorrem na sociedade contemporânea<sup>96</sup>. Mas o consumo sempre vai existir, pois ele marca através dos bens a vida do homem em todas as ocasiões (nascimento, aniversários, casamento, morte, etc...) e faz parte do relacionamento com as outras pessoas, com a própria pessoa e com o tempo. Sendo assim, os bens de consumo estão envolvidos por uma significação simbólica central<sup>97</sup> e, em consequência, a função do consumo é a de suprir a necessidade simbólica, por isso os bens transmitem mensagens sobre as pessoas que os possuem ou que os possuíram, e que podem ser lidas mesmo quando eles (ou parte deles) são descartados, como no caso das embalagens encontradas no lixo. Mas pelo que foi observado nos *sites* analisados, não é esta a perspectiva considerada nas páginas, mas a de que o consumo é um mal da sociedade contemporânea, por isso, o resultado final do processo de consumo em qualquer atividade humana, os resíduos, são considerados como lixo, sujeira, o que ficou em grande evidência na pesquisa.

Os resíduos considerados como lixo, sujeira, são causadores da desordem na sociedade contemporânea, pois como são originados do consumo, considerado também como fator de desequilíbrio da sociedade (seja o consumo para as atividades das fábricas ou domésticas), ele não poderia deixar de ser um fator causador de problemas sociais. Um desses problemas é a falta de espaços específicos para serem depositadas grandes quantidades de resíduos

---

<sup>96</sup> C.f DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004, p.10-11.

<sup>97</sup> Só como referência pensar a centralidade das obrigações de dar, receber e restituir para a antropologia, e que envolvem tanto bens materiais, quanto simbólicos.

produzidas pela população<sup>98</sup>, o que faz com que sejam jogados em qualquer lugar (ruas, praças, praias, etc.), gerando a poluição ambiental; além disso, há o longo tempo que levam para serem absorvidos pelo ambiente<sup>99</sup>, contribuindo ainda mais para a poluição. Estes problemas pedem solução, medidas para reorganizar, reordenar as ações, que viabilizem uma outra maneira de pensar a sujeira, de forma a organizar o espaço das fábricas, das casas, da cidade, do ambiente, e a vida social. Uma das medidas tomadas foi a aprovação das leis de proteção estabelecidas pela Constituição (ANEXO B – Constituição da República Federativa do Brasil (1988) TÍTULO VIII DA ORDEM SOCIAL CAPÍTULO VI - DO MEIO AMBIENTE – Art. 225 e §§ 1º a 6º); que geraram a nova postura<sup>100</sup> adotada pelas empresas, principalmente para serem aceitas no mercado. As empresas procuram então conscientizar as pessoas, a fim de que colaborem com a preservação do meio ambiente. As pessoas passam então a ser responsáveis por fazer a coleta seletiva do lixo por elas produzido. A reciclagem tem grande importância, como uma das medidas para promover a nova maneira de pensar a sujeira e estabelecer a ordem.

A reciclagem passa a ser, no âmbito empresarial, uma das medidas que mais se propaga nesta nova relação com o meio ambiente, é uma maneira de ordenar a sujeira tanto das empresas, como do homem, do meio ambiente e da vida social. As grandes empresas desenvolvem procedimentos de maneira a promover a reciclagem, a redução de resíduos, a educação de seus funcionários, a reutilização de materiais como parte de suas atividades dentro da nova postura ambiental que assumem; sendo assim, algumas instalam equipamentos que fazem a reciclagem dos materiais de acordo com o ramo de atividade em que atuam. Esta atitude também contribui com a melhoria da imagem da empresa perante a sociedade por ser uma empresa que se preocupa com o meio ambiente. Portanto, as grandes empresas passam a ser divulgadoras desta nova atitude que é a reciclagem, e os seus resíduos passam a ser

---

<sup>98</sup> Esta informação é bastante evidenciada nas páginas pesquisadas na internet.

<sup>99</sup> De um modo geral, observa-se nas páginas da internet sobre reciclagem e meio ambiente, tabelas e informações sobre quanto tempo leva um material para ser absorvido pelo ambiente.

<sup>100</sup> Esta nova conduta deve ser seguida pelas empresas, pois assim elas adquirem prestígio e privilégios, como empresas preocupadas com o meio ambiente, seus produtos podem ser aceitos tanto no mercado nacional como no internacional e terem suas imagens valorizadas positivamente perante a sociedade. Esta nova postura assemelha-se as regras de etiquetas utilizadas na corte Francesa no reinado de Luís XIV, analisada em *A sociedade da corte*, seguindo as regras de etiquetas o cortesão tinha o objetivo de possuir um comportamento adequado para receber privilégios do rei e se distinguir das outras pessoas. Aqui traço um paralelo com as empresas que adotam a nova postura ambiental que por sua atitude criam distância em relação as que não a seguem. C.f ELIAS, Norbert. *A sociedade da corte*. 2 ed. Lisboa: Estampa, 1995, p.86 e LOPES LEITE, 2004, p.27

valorizados e transformados em energia ou em outra matéria que contribua para o processo produtivo em que atuam. Neste momento, a reciclagem está muito vinculada às fábricas, ao processo produtivo e à engenharia.

A tentativa de ordenação da sujeira, também pode ser observada no “passo a passo” colocado na maioria dos *sites* encontrados na *internet*, onde são descritas as etapas da “receita” para empreender a coleta seletiva para a reciclagem: a separação dos materiais segundo a sua classificação (papéis, plásticos, metais, vidros), para isso nas cidades são distribuídas lixeiras com cores padronizadas que identificam os materiais. Este procedimento é o primeiro a ser seguido para transformar, ordenar a sujeira, o resíduo, e atribuir-lhe tanto nova forma física, com um outro valor. Assim o lixo passa de sujeira a algo valorizado e que gera renda e empregos. Com a reciclagem criou-se um mercado dos recicláveis, onde alguns materiais perdem sua forma originando outros ou são reutilizados na criação de outros objetos, o que é o caso do artesanato, que com a nova “cultura da reciclagem” também passa a ser mais valorizado e a gerar renda para as pessoas que desenvolvem esta atividade profissional, e assim sendo, muitos dos resíduos (folhas, galhos de árvore, sobras de madeiras, etc) que antes eram descartados são utilizados no processo de criação de objetos artesanais. As ONGs passam a ter uma grande participação nesta propagação, pois adotam este procedimento (a reciclagem) como uma das atividades dos seus programas sociais. Nota-se, assim, que a reciclagem sai do âmbito da engenharia, o que ocorria nas fábricas e passa a ter um caráter mais social, retornando a ela com uma nova roupagem, associada à responsabilidade social, já que as empresas apóiam ou tomam iniciativas, parcerias, onde a reciclagem é a atividade principal e está direcionada às comunidades<sup>101</sup> em que atuam, “gerando emprego e renda”<sup>102</sup> para essas comunidades. Um exemplo dessas ações é mostrado pela empresa Alcan-Alumínio do Brasil, que em julho de 2004 promoveu o projeto Ecolata com o objetivo de fazer com que as pessoas que consumiam bebidas em lata, devolvessem as latinhas aos supermercados para reciclagem. O valor arrecadado seria revertido em materiais esportivos para escolas municipais dos bairros que estavam participando da promoção. Outro exemplo é o da empresa Albrás que criou três oficinas de reciclagem/reaproveitamento a fim de atender a comunidade, além de cinco unidades de compostagem de lixo urbano em cinco municípios do estado do Pará, com o objetivo de gerar emprego e renda, segundo os sites consultados.

---

<sup>101</sup> Ou enquanto lócus de intervenção.

<sup>102</sup> Não entro aqui na discussão do mérito destes projetos e de sua adequação ao grupo ao qual se dirige.

No estado do Pará as grandes empresas contribuem ao trazerem para o estado a prática da reciclagem, uma vez que procedem de outros estados (inclusive com acionistas do exterior), e que já haviam adotado esta prática. As empresas, associação e federação que tiveram seus *sites* analisados nesta segunda etapa do trabalho foram: Associação das Indústrias Exportadoras de Madeira do Estado do Pará (**AIMEX**) <<http://www.aimex.com.br>>; **Eidai do Brasil Madeiras S/A** <<http://www.eidai-brasil.com.br>>; Federação das Indústrias do Estado do Pará (**FIEPA**) <<http://www.fiepa.org.br>>; ALUMÍNIO BRASILEIRO S/A (**ALBRÁS**) <<http://www.albras.net>>; **Companhia Vale do Rio Doce (CVRD)** <<http://www.cvrd.com.br>>; Companhia Siderúrgica do Pará (**COSIPAR**) <<http://www.cosipar.com.br>>. Dentre as empresas pesquisadas individualizarei a Aimex e Eidai por tratar-se de uma associação e uma empresa voltadas para o processamento de madeira, passando a seguir a comentários a respeito do conjunto das empresas.

A Associação das Indústrias Exportadoras de Madeira do Estado do Pará (AIMEX). Foi fundada em 1981 e atualmente possui 56 empresas associadas que são responsáveis pela exportação de produtos serrados e manufaturados do Estado do Pará; faz do estado o maior centro produtor e exportador de madeira tropical do Brasil. Na página da AIMEX na internet encontram-se algumas informações em relação ao meio ambiente. Sendo a mais relevante a preocupação em fazer com que as empresas associadas trabalhem com o manejo florestal. Basicamente as preocupações referem-se ao respeito ao tempo de maturidade das árvores de valor comercial para o abate, com o abate em si e o transporte da madeira para que não causem danos às árvores vizinhas, e o replantio na área onde houve o abate. Para isto a associação possui um laboratório de sementes florestais e o centro de difusão tecnológica que a ajudam a desenvolver técnicas de extração de madeira com baixo impacto florestal e fornecem sementes para o replantio.

Eidai do Brasil Madeiras S/A – É uma empresa associada a AIMEX. É importante ressaltar que das empresas associadas a AIMEX apenas a Eidai e uma outra empresa (a Amazon Woods LTDA) possuem endereço eletrônico cadastrado no *site*.

A empresa chegou ao estado do Pará em 1973, a convite do governo; está localizada em Icoaraci. Possui como principal acionista a Eidai CO. Ltd., fabricante de equipamentos domésticos e produtos de madeira no Japão. Desenvolve desde 1976 projetos de reflorestamento.

Ganhou o prêmio Confederação Nacional da Indústria (CNI) de Ecologia em 2000 pela transformação do lixo industrial em adubo orgânico, onde cascas de toras de

madeiras descartadas na produção de compensados, juntamente com outros produtos são a matéria-prima utilizada neste composto orgânico produzido pela Eidai. A empresa produz um tipo de aglomerado, *tecpanel*, produto resultante da necessidade de se aproveitar os resíduos de madeiras beneficiadas do seu parque industrial.

Nesta etapa da busca, foi percebido que a reciclagem tem sua divulgação disseminada a partir dos anos 80 e 90, período em que a Constituição traz em seus artigos leis de proteção ao meio ambiente. Neste período, também, as grandes empresas são implantadas no estado, geralmente com acionistas estrangeiros que já possuíam experiências, tecnologia, conhecimento para tratar das questões ambientais, como é o caso dos acionistas das empresas Eidai e Albrás. Com a nova postura em relação ao meio ambiente, a energia e o uso da matéria-prima passam a ser a preocupação das empresas, pois contribuem para os problemas ambientais. A energia necessita de mais recursos naturais para ser gerada e o uso indiscriminado da matéria-prima, sem a preocupação com a sua extração, utilização, desperdício e o seu descarte, traz toda ordem de problemas ambientais (poluição, devastação, etc...). Por isso as empresas tiveram que se adaptar à nova regra ambiental<sup>103</sup>, pois isto afeta a sua imagem. Nos *sites* analisados, é freqüente a existência de uma página sobre o meio ambiente, onde estão listadas as ações para a sua preservação. Em geral essas páginas usam a cor verde em suas imagens e/ou fotos da fauna e flora amazônica e a frase “respeito ao meio ambiente”, observada em todos as páginas analisadas, para expressar que as empresas possuem diretrizes voltadas à preservação ambiental, ou seja, que ela está enquadrada nas regras desta nova conduta social: a ambiental.

Assim, a reciclagem é adotada pelas grandes empresas que são implantadas no Estado do Pará como um dos itens que contribuiriam para a preservação do meio ambiente, contribuindo para que esta prática seja adotada por pequenas empresas e em programas sociais incentivados por elas. Um exemplo desta iniciativa é a criação pela Albrás de três oficinas de reciclagem/aproveitamento onde a comunidade é envolvida, assim como a criação, em cinco municípios do estado, de Unidades de Reciclagem e Compostagem de Lixo. Estas duas iniciativas, segundo o *site* da empresa, geram emprego e renda para as pessoas das comunidades envolvidas. Além disso, o que era descartado transforma-se em produtos para comercialização.

---

<sup>103</sup> É incentivada por prêmios às empresas como o de Ecologia; Conservação e uso racional de energia, etc...

As demais empresas, analisadas através dos seus *sites*, usam a reciclagem nos seus processos de produção ou gerando novos produtos, como é o caso da Eidai, que utiliza resíduos de madeira para fabricação de painéis de aglomerado e as sobras das cascas de madeira para fabricação de compensado.

A reciclagem é uma outra maneira de se pensar o lixo, de vê-lo não como sujeira mas algo de valor, do qual as pessoas pudessem separar e gerar renda e transformá-lo em outro objeto. Atualmente esta prática é muito valorizada e disseminada, porém ainda muito recente nas empresas do estado de um modo geral, pois, pelo analisado, as grandes empresas, a associação e a federação ainda estão vinculando a reciclagem aos seus respectivos processos produtivos.

### **O processo de ambientalização e a identificação do regional**

As páginas das empresas, conforme mostrado acima, associam meio ambiente – e preservação de meio ambiente através da prática da reciclagem – ao verde, à fauna e à flora, à floresta amazônica, construindo uma articulação, ou até mesmo superposição, como mostra Antonaz<sup>104</sup> entre os significados de meio ambiente e Amazônia. Portanto, as práticas envolvendo materiais da floresta, como madeiras recicladas e sementes, por exemplo, são imediatamente remetidas tanto a práticas de preservação quanto à Amazônia.

Na introdução abordei rapidamente em que momento surge o interesse pelo regional por ação da Comissão Nacional do folclore e quais as implicações associadas. Na Amazônia, Vicente Salles contribui com a comissão. Na região outras pesquisas relevantes foram realizadas a respeito das manifestações populares. Entre seus autores, podemos citar Napoleão Figueiredo que tratou das mais diversas manifestações culturais, como cerâmicas, práticas

---

<sup>104</sup> ANTONAZ, Diana “Agendas 21 na Amazônia: dinâmicas de alternância entre embates e alianças”. *Colóquio Socioantropologia da Modernidade: Macrossistemas Técnicos e Paradoxos do Progresso*. UFF/PPGA e Sorbonne/Université Paris 1. Centre d'études des technique des connaissances et de pratiques, julho 2005.

xamânicas, festas de santo, mitos e lendas. Mais recentemente, Maués, estudou festas de santo e xamanismo<sup>105</sup>.

Retomo esse momento, porque, me parece que o “regional paraense”, como é utilizado agora tem outras conotações, ou seja, algo que era pouco valorizado, por ser considerado atrasado é reinventado sob outra roupagem, pouco tendo a ver com o regional dos folcloristas e da invenção da nação. Trata-se de um regional cujos constituintes são a chegada das grandes empresas e a valorização da natureza e do meio ambiente. No entanto, regional remete a tradição. Mas Hobsbawm<sup>106</sup> mostra que muitas das tradições que parecem ou são consideradas antigas, na realidade, são bastante recentes ou são inventadas. Parece-me que, no caso estudado, o regional está sendo reinventado através da mediação da ambientalização, mas ao mesmo tempo vai agregando aquilo que é tido como sendo da tradição.

Um outro elemento intervém na construção do regional, que remete à valorização das etnias e à diversidade cultural, tema este abordado por diversos autores<sup>107</sup>, e que funcionaria como resposta a uma pretensa globalização. No Brasil, observamos a ascensão política das populações tradicionais, entre as quais, as sociedades indígenas e as quilombolas.

Na construção do “regional paraense” observamos uma operação de natureza política com reflexos sobre a economia. Trata-se de englobar a Amazônia no Pará ao invés do contrário. Desta forma tudo o que se refere à Amazônia, diz respeito igualmente ao Pará. Esta forma de identificação é claramente política, uma vez que se ampliam as características de identificação de um estado para uma região e para significados simbólicos muito mais amplos. Com efeito, o mundo inteiro conhece a Amazônia, poucas pessoas fora do Brasil o Pará.

De fato, no caso da movelaria estudada, nota-se, que a partir do uso criativo das sobras de madeiras, tirando partido das cores, os profissionais usaram de maneira estratégica esta possibilidade, para continuarem no mercado, divulgando que trabalhavam com o regional, ao perceber, que a partir de determinado momento, agregar esta característica significava valorizar a peça fabricada através de práticas ambientalmente corretas e que

---

<sup>105</sup> MAUÉS, Heraldo. *A ilha encantada: medicina e xamanismo*. Belém: UFPA, 1990.

<sup>106</sup> HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Coleção Pensamento Crítico; v. 55)

<sup>107</sup> Por exemplo, BHABHA Homi *O local da cultura*. Belo Horizonte, UFMG, 1998 e HANNERZ, Ulf “Cosmopolitas e locais na cultura global” in Featherstone (org), *Cultura Global* Petrópolis : Vozes, 1999.

permitiam novas criações de objetos que remetiam ao regional, e construindo, desta forma um diferencial com referência à movelaria.

No caso da produção dos pequenos objetos são diversos os agentes que intervêm na sua produção. É disso que tratarei no próximo capítulo.

## Capítulo IV: Os artifices do regional paraense

Neste capítulo, ocupo-me dos agentes que inventaram este regional paraense contemporâneo. Na primeira parte, a partir da etnografia da confecção de um *pequeno objeto de madeira*, procurarei resgatar tanto a biografia do objeto nos aspectos concernentes à sua concepção e fabricação, quanto a ação dos profissionais, no sentido de inventa-lo e atribuir-lhe significados. Tentarei, a seguir, mostrar quais os outros personagens que desempenharam papéis centrais na reinvenção do regional ao qual me referi no capítulo anterior.

O objeto, cuja concepção e fabricação tive oportunidade de acompanhar, é uma fruteira – um pequeno objeto de madeira produzido na empresa “Móveis Souza”, a partir dos resíduos de madeira da produção de móveis. Tratarei da descrição do objeto, das características fundamentais da sua tecnologia e de suas implicações sociais. Sendo assim, posso tratar mais especificamente do objeto evidenciando em sua forma, material, concepção e produção, a relação com a invenção do “regional paraense”, e as questões levantadas pela pesquisa, que me propus a responder.

A leitura do capítulo IV (As canoas e a navegação) do livro *Argonautas do Pacífico Ocidental*<sup>108</sup>, no qual o autor aborda a canoa como um elemento da cultura material dos Trobriandeses, e através dela vai descobrindo outros aspectos que ajudam a compreender aquela sociedade, levou-me a refletir sobre a relevância de entender o objeto no contexto em que ele está inserido, os valores materiais e simbólicos atribuídos ao objeto e sua tecnologia tanto no que diz respeito às pessoas que o produzem, quanto àquelas que dele fazem uso. Tudo isso colaborou para que eu não fizesse apenas uma descrição do objeto e de sua tecnologia, mas buscasse entender os valores associados a este. Para mim, isto tem um significado particular, marca o esforço para a construção de um outro olhar. Em minha área de atuação profissional, voltada para a arquitetura e o design, trabalhei tanto com objetos de grande escala (construções), quanto de pequena escala (objeto do cotidiano: móveis, utilitários e decorativos, etc), produzindo e interferindo na cultura material. A minha preocupação central voltava-se para o objeto em si, sua forma e sua tecnologia, e as relações com as pessoas eram voltadas para o uso e a estética, ou seja, produzir a sensação do belo. Esta

---

<sup>108</sup> MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. 3ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

pesquisa proporcionou-me uma visão muito mais ampla; a respeito da gama de informações e análises que um objeto pode despertar, para além de sua tecnologia, ou seja, a respeito das relações sociais e culturais (e, porque não políticas), que podem ser lidas nos objetos. Assim, a partir da leitura de Malinowski, eu tracei o corpo do trabalho, o que deveria ser abordado para a compreensão da essência do objeto para os profissionais da movelaria, como reflexo do consumo e de gostos específicos, refletindo, portanto, importantes segmentos em que está inserido. Além de Malinowski, também, o texto de Fournier e Freeman<sup>109</sup> serviu-me de inspiração e como base de comparação. As autoras mostram a partir da observação de um artesão como a tradição da cerâmica em Mata Ortiz foi inventada, a partir de elementos como a necessidade de sobreviver, as exigências do mercado e a ação de intermediários estrangeiros.

### A arte dos marceneiros nos pequenos objetos

Quando iniciei o trabalho de campo na movelaria, procedi à observação dos vários tipos de objetos confeccionados e, com o auxílio das entrevistas com a família que os produz, fui descobrindo cada um deles, detendo-me sobre aqueles que continham as características que eu poderia utilizar em minha pesquisa, ou seja, os que possuíam características elaboradas a partir das construções nativas de “regional paraense”. Sendo assim, percebi que uma fruteira possuía todos esses elementos e era reconhecida pela família como exemplo de um pequeno objeto que fazia referência ao regional. A percepção desta referência não foi imediata. Foi sendo construída através da observação em um processo que envolveu várias visitas à movelaria, bem como a eventos nos quais a empresa expunha seus produtos.

Em minha primeira entrevista com Marcos, este havia mencionado que a concepção da fruteira se inspirara na forma de uma canoa indígena. Porém como ainda não havia visto o objeto, não conseguira perceber concretamente o que isso significava. Quando tive a oportunidade de observar o objeto, associei a base de sua criação a uma rede. Marcos se deu conta de minha interpretação e, então, falou-me detalhadamente sobre a sua concepção e produção. Outra situação semelhante se deu quando atribui às marcas<sup>110</sup> que o objeto apresentava, perceptíveis de perto e através do tato, ausência de acabamento mais refinado.

---

<sup>109</sup> FOURNIER, Patricia; FREEMAN, Andrea K. L. El razonamiento en etnoarqueología, el caso de la tradición alfarera de Mata Ortiz, Chihuahua, México. *Boletín de Antropología Americana*, nº 23, julho, 1991. p. 109-118.

<sup>110</sup> Parte do objeto que não recebia o lixamento, criando desníveis e texturas que aqui estou chamando de marcas.

No entanto, mais tarde, verifiquei que estas denunciavam a falta de máquinas apropriadas para a produção deste objeto. A insuficiência de recursos para adquiri-las obrigava os marceneiros a adaptar as máquinas utilizadas na produção de móveis para a fabricação de pequenos objetos. Relato isto, para demonstrar a inadequação de investigações realizadas, tendo como base objetos, livros e documentos - que era o que eu estava acostumada a fazer - sem restituir o ponto de vista dos agentes e as condições objetivas de sua produção, o que pode resultar em descrição divergente da realidade etnográfica<sup>111</sup>.

De modo a favorecer a compreensão do objeto no contexto em que ele está inserido, neste capítulo, adoto técnicas de análise tradicionalmente utilizadas no estudo de culturas materiais, acrescentando a observação das práticas dos artistas, a partir daí apresentar minhas reflexões a respeito do objeto e dos significados e relações a que este remete. Para tanto, organizo o texto em duas partes:

**Descrição do objeto** – abordo a impressão geral produzida pelo objeto, as pessoas que o constroem, o que ele representa para as pessoas da movelaria;

**Características fundamentais da tecnologia do objeto** – Analiso os problemas de construção e de ordem tecnológica que se apresentaram para os produtores e de que maneira eles os solucionaram;

---

<sup>111</sup> Cf. MALINOWSKI, 1984, p.87-8

**Descrição do objeto – Impressão geral produzida pelo objeto; as pessoas que o constroem, o que ele representa para as pessoas da movelaria.**

A produção de pequenos objetos<sup>112</sup> na movelaria “Móveis Souza” começou em 2001, como alternativa de aproveitamento das sobras dos resíduos de móveis. Constituiu também uma estratégia alternativa de sobrevivência da família e da empresa, uma vez que o móvel, por ser caro, pode levar algum tempo até ser comercializado, enquanto que os pequenos objetos, de preço mais baixo, são vendidos em maior quantidade e de forma contínua<sup>113</sup>.

Há mercado amplo para estes produtos, pois são fáceis de transportar, embalar e exportar. O contraste entre cores de diferentes espécies de madeiras é muito apreciado, e os objetos assim produzidos são facilmente vendidos, uma vez que as pessoas compram estes objetos em virtude do apelo ao regional, o que faria referência às características da cultura local, valorizada, conforme foi visto, a partir de um processo de ambientalização. De fato, a empresa, ao produzir pequenos objetos, faz referências à natureza e ao regional, pelo uso de espécies de madeiras com cores diferentes e elementos que são atualmente interpretados como cultura local: traços e objetos de origem indígena, elementos da flora e da fauna, entre outros.

Sob a denominação de pequenos objetos<sup>114</sup> incluem-se revisteiros, porta-bíblias, porta-canetas, bandejas, relógios, banquinhos, baús, fruteiras, abajures, mesas de centro, porta-chaves, porta-escovas dentais, mesinhas para telefone, porta-jóias (feitos de galho de árvore), quadros com paisagens locais, confeccionados com a utilização de serragem, toc-toc (utensílio usado para facilitar a quebra de caranguejo quando cozido, pronto para degustação). Na movelaria “Móveis Souza” a criação, fabricação e montagem dos pequenos objetos são

---

<sup>112</sup> Objetos de pequenas dimensões fabricados em madeira: revisteiros, porta-canetas, luminárias, porta-chaves, chaveiros, descanso de panelas, descanso de pratos, descanso de copos, caixas, porta-jóias, porta-guardanapos, fruteiras, etc. Esta definição foi elaborada a partir de minhas observações em campo e de material bibliográfico. Cf. INSTITUTO DE PRODUTOS FLORESTAIS. *POM: Pequenos Objetos de Madeira*. Manaus [s.n], 1996, p.37-94.

<sup>113</sup> BOURDIEU, Pierre em "La société traditionnelle. Attitude à l'égard du temps et conduite économique". In *Sociologie du travail*, 1, janvier - mars 1963, p.24 - 44. Mostra que os camponeses algerinos trabalham de acordo com duas lógicas econômicas – a da provisão e a da previsão. A primeira subentende a garantia da sobrevivência imediata enquanto que a segunda leva em consideração a expectativa de sobrevivência ao longo do tempo.

<sup>114</sup> Aqui nesta classificação de pequenos objetos dada pelas pessoas da movelaria entram mesas e bancos pequenos, observei que esta classificação que incluía os móveis de pequenas dimensões na categoria de pequenos objetos constituía-se em uma estratégia de divulgar outros produtos da movelaria, não apenas para a pesquisadora, mas igualmente onde o trabalho de pesquisa viesse a ser apresentado.

trabalho de artistas, - dos marceneiros Seu Sebastião e Marcos, seu filho. No caso da fruteira, os dois colaboraram na experiência de execução do objeto.

Além de garantir a sobrevivência da família, suprimindo as suas necessidades mais imediatas<sup>115</sup> os pequenos objetos satisfazem outras necessidades das pessoas da movelaria, tanto dos marceneiros que os constroem, quanto de D. Graça que participa da venda dos objetos e colabora com suas opiniões no que se refere aos produtos da movelaria. Os pequenos objetos suprem a necessidade de reconhecimento ou legitimação, que é alcançada quando a elaboração mental dos especialistas é concretizada no objeto e quando este é admirado por todos (pessoas que freqüentam a movelaria, como também outras que conhecem os objetos em feiras, exposições e outros eventos). A criatividade<sup>116</sup> é o principal diferencial no processo de concepção<sup>117</sup> e juntamente com o gostar do trabalho, - o que implica em não trabalhar apenas visando lucro, fazem com que Seu Sebastião e Marcos considerem o que produzem arte. Arte, - para Seu Sebastião e para Marcos também tem o sentido de saber fazer, está relacionada com a produção, com o possuir conhecimento para fabricar um objeto<sup>118</sup>, mas não é apenas isto, está relacionada com o deleite, a satisfação que um cliente sente ao ver uma peça produzida por eles – neste momento eles se reconhecem como artistas. A fruteira se insere neste contexto.

A fruteira, o elemento da cultura material produzido pela empresa “Móveis Souza”, é um pequeno objeto fabricado com resíduos provenientes da produção de móveis da empresa. A sua criação partiu da observação de um brinquedo de miriti: uma canoa que Marcos classificou como canoa indígena e tentou reproduzir em sobras de madeira, com o objetivo de confeccionar um objeto útil. Sendo assim, para chegar a ser uma fruteira o objeto

---

<sup>115</sup> Ter o dinheiro para comprar a alimentação do dia; pagar a passagem do ônibus, etc...

<sup>116</sup> A criatividade aqui está relacionada a não copiar nada de alguém ou de revistas. Isto é importante para que Seu Sebastião considere que o que ele produz seja arte.

<sup>117</sup> Criação, para os marceneiros da movelaria “Móveis Souza”, é reproduzir na madeira uma idéia, uma forma na qual se inspiraram. A criação aqui é o concreto, é ir “fazer na prática”, o que significa ir para as máquinas. Ou seja, é repassada na madeira com a ajuda das máquinas apropriadas, sem um esboço prévio no papel (isto dificilmente ocorre), pois, para eles, o processo de fabricar, faz com que eles busquem soluções adequadas, já que o rascunho no papel não dá a dimensão da dificuldade de se fazer o objeto.

<sup>118</sup> Cf. ALVIM, Maria Rosilene Barbosa. Artesanato, tradição e mudança social: um estudo a partir da ‘arte do ouro’ de Juazeiro do Norte. In: RIBEIRO, Berta G. et al. *O artesão tradicional e o seu papel na sociedade contemporânea*, Rio de Janeiro: FUNARTE; Instituto Nacional do Folclore, 1983, p.54, 55 e 57.

passou por várias etapas de construção, levando cinco meses<sup>119</sup> para chegar à forma e a tecnologia que atualmente possui. Porém Seu Sebastião em entrevista<sup>120</sup> relatou que tinha visto o objeto em uma exposição em uma mesa, e sua forma havia chamado a sua atenção, por assemelhar-se a um barco. Com esta inspiração, decidiu criar um novo objeto na movelaria<sup>121</sup>. Estas duas explicações dadas por Marcos e Seu Sebastião para a origem da concepção da fruteira estarão presentes, complementando-se para explicar o que o objeto possui de regional. Para Marcos, a concepção do objeto se inspira em uma canoa indígena, enquanto que para Seu Sebastião representa um barco. Percebe-se, desta forma, que Marcos procura referências consideradas as mais tradicionais, e portanto constitutivas do regional, - mas que não fazem parte de sua vivência, enquanto que Seu Sebastião concebe o objeto a partir de uma memória incorporada. Isso mostra que Marcos e D. Graça estão mais próximos de “o regional”, construído na sua acepção de mercado, enquanto que Seu Sebastião cria a partir de sua experiência vivida.

---

<sup>119</sup> Os cinco meses não foram dedicados em tempo integral a construção do objeto, pois possuíam outros trabalhos na movelaria (a fabricação de móveis), o tempo dedicado a experiência com a fruteira foi o tempo disponível após a produção de móveis.

<sup>120</sup> Entrevista em 21.05.2005.

<sup>121</sup> O que percebi é que o objeto que Seu Sebastião produziu a partir da forma que lhe chamou atenção resultou em um outro objeto, pois o que ele criou passou a ter articulação, usar resíduos, dimensões diferenciadas e uma importância a mais para ele pela forma, a forma de barco bem definida passou a ser primordial no objeto. O uso dela, por Seu Sebastião e a sua relevância está relacionada com sua história de vida, o barco foi um elemento presente na sua infância em São Sebastião da Boa Vista e nos dois primeiros anos após sua chegada e de sua família a Belém.

## Características fundamentais da tecnologia do objeto - Os problemas de construção e de tecnologia

### Quadro 05- Descrição do objeto: Fruteira.

Descrição física do objeto: Fruteira  
 Empresa: Móveis Souza  
 Proprietário: Sebastião M. Souza  
 Diretor: Sebastião M. Souza  
 Razão Social: Sebastião M. Souza  
 Endereço: Cidade Nova VII, Arterial 05, nº04 esquina com Arterial 18.  
 Município: Ananindeua.  
 Estado: Pará.  
 Objeto: Fruteira.  
 Material: Sobras de madeiras.  
 Uso: Utensílio utilizado para colocar frutas e como objeto decorativo  
**Dimensões:**  
 Dimensões totais do objeto em sua forma aberta: 54cm x 28 cm x 17 cm.  
 Base: 28 cm x 28 cm  
 Abas laterais:  
 Parte inferior: 27 cm  
 Parte superior: 13 cm  
 Altura: 21 cm  
 Suporte da base (pé da fruteira): 28 cm x 1 cm x 4 cm  
 Dimensões do objeto fechado: 28 cm x 29 cm x 20 cm

**Descrição:** O objeto é composto de cinco partes: dois suportes (pés da fruteira), uma base e duas abas laterais. (Ver foto 16). É constituído de quarenta e três réguas de madeiras de duas espécies diferentes: Pau - Amarelo - *Euxylophora paraensis* e Tatajuba - *Bagassa guianensis*, sendo que quinze réguas com dimensões de 28cm x 1cm x 1cm estão na base, e quatorze réguas de dimensões de 1cm x 20 cm x 1 cm estão em cada aba lateral do objeto. As réguas da base são espaçadas entre si em 1cm e entre elas, em cada extremidade, há uma régua pertencente às abas laterais. A articulação entre base e abas laterais é feita na parte inferior destas através, de um pino metálico que atravessa o interior de todas as réguas, arrematado na extremidade da base com um rebite<sup>122</sup> metálico. Este tipo de articulação permite a movimentação entre as duas partes do objeto, base e as abas laterais, favorecendo seu fechamento, reduzindo assim as suas dimensões. (Ver foto 17). Na parte superior das abas laterais as réguas são arredondadas (boleadas), e unidas através de um pino metálico arrematado com um rebite metálico nas extremidades. Os suportes fazem parte da base, possuem 4cm de altura e a partir 3cm de largura na parte inferior possuem uma meia elipse que os torna vazados e elevam o objeto da superfície sobre a qual é colocado.

**Referência à cultura regional:** Canoa indígena. O objeto foi concebido a partir de uma canoa de brinquedo feita em miriti.

<sup>122</sup> Rebite tipo de parafuso cujas extremidades possuem acabamento tem a função de fixação.



Foto 16 – Fruteira na sua dimensão total.  
Shirley Monteiro em 08/2004



Foto 17 – Fruteira fechada.  
Shirley Monteiro em 08/2004

### **Etapas da experiência de construção do objeto**

**1ª Etapa:** As régua nas extremidades da base foram coladas com as régua das partes inferiores das abas laterais. Estas, por sua vez, tiveram as régua das suas partes superiores todas coladas, ou seja, nesta primeira etapa o objeto não era articulado. Todas as régua na união entre a base e as abas laterais estavam coladas, impossibilitando a sua articulação. Nesta fase uma tia de Marcos foi à movelaria e opinou que o objeto poderia ficar interessante como um revisteiro. Como outras pessoas que freqüentavam a movelaria expressam a mesma opinião, o objeto passou a ser pensado como um revisteiro.

**2ª Etapa:** Para tornar o objeto articulável foram usadas dobradiças entre a régua da base e as régua das abas laterais do objeto. Porém, as dobradiças, que ficavam aparentes, constituíam um problema, uma vez que os marceneiros pretendiam mostrar apenas a madeira.

Além disso, as dobradiças eram desproporcionais ao tamanho das réguas utilizadas, uma vez que não foram encontradas as de tamanho adequado<sup>123</sup>. Foram empreendidas experiências com outros materiais para solucionar o problema de articulação do objeto, como um fio e um rebite que foram usados como alternativa de solução para o problema. Essas experiências produziram uma que satisfizesse os construtores do objeto.

**3ª Etapa:** As dobradiças foram retiradas, o pai de Marcos, Seu Sebastião, sugeriu que se utilizasse um pino metálico para atravessar todas as réguas e nas extremidades os rebites, ao invés de colar as réguas. Desta forma, o objeto ganhou a articulação desejada e tornou-se dobrável. Como revisteiro, possuía bordas e dimensões maiores.

**4ª Etapa:** Foi percebido que o revisteiro poderia ser transformado em uma fruteira de mesa diminuindo suas dimensões e retirando as bordas. A fruteira acabou tendo maior aceitação comercial do que o revisteiro, sendo produzida em maior quantidade.

### **Processo de fabricação do objeto (Atualmente)**

São as seguintes as máquinas utilizadas atualmente na fabricação da fruteira: a serra circular, para o corte da madeira; o disco de lixa, para lixar a madeira; a furadeira de mão (furadeira manual) para furar as réguas de madeira para receber o pino metálico que as atravessa; e a pistola de ar comprimido para pintar com verniz impermeabilizante P.U (Poliuretano) o objeto após ter passado o selador (tipo de tinta utilizada para fechar os poros da madeira). (Ver foto 18)

---

<sup>123</sup> "Tivemos dificuldades com a dobradiça, a intenção era mostrar só a madeira, foi difícil de achar a dobradiça ideal pequena, não tinha. Como se tornou difícil até se colocou fio com rebite na ponta" (Marcos. Em 14.08.2004).



Foto 18 – Seu Sebastião com a pistola de ar comprimido que é utilizada para pintar a fruteira. Nesta foto ele demonstra a maneira de usá-la em outro objeto. Shirley Monteiro em 18/2004.

No que diz respeito à tecnologia utilizada na fabricação do pequeno objeto de madeira, a inadequação das máquinas utilizadas ainda representa um problema. Na empresa “Móveis Souza”, os marceneiros adaptam as máquinas que produzem móveis para a produção de pequenos objetos. Nestas ocasiões a fabricação de móveis é suspensa. Como as máquinas de móveis (Ver fotos 19, 20, 21 e 22) são destinadas à fabricação de peças maiores, quando são utilizadas para os pequenos objetos deixam marcas na madeira (principalmente em relação ao corte) que podem ser solucionadas com a lixa. Porém, como a empresa não possui a lixa de bancada (a máquina apropriada para lixar peças pequenas), as marcas são obrigatoriamente retiradas a mão, sendo que o lixamento manual exige tempo e nem sempre é perfeito, uma vez que o disco de lixa tem dimensão inapropriada para a tarefa e não consegue atingir com precisão áreas de pequenas dimensões, resultando em rugosidades, - texturas que apresentam desníveis na superfície do objeto -, ou seja, as réguas de madeira não são lixadas uniformemente, ficando as marcas aparentes. Esta situação revela, por um lado, o quanto a pequena empresa é desprovida de recursos financeiros, não podendo adquirir as máquinas necessárias à produção de pequenos objetos, e por outro, a ausência de apoio das instituições que incentivam o aproveitamento de resíduos da produção de móveis para a fabricação dos pequenos objetos<sup>124</sup>.

<sup>124</sup> Aqui pela abrangência do assunto, apenas cito a ausência de apoio para resolver o problema da necessidade de máquinas adequadas à produção dos pequenos objetos, que foi detectada nas entrevistas que realizei na movelaria e com especialistas de algumas instituições que desenvolveram e/ou apoiaram a fabricação de pequenos objetos com aproveitamento de resíduos de madeira.



Foto 19 – Máquina utilizada na fabricação de móveis: Juntora tem a função de “fatiar a madeira”. Seu Sebastião demonstra como usa-la. Shirley Monteiro em 08/2004.



Foto 20 - Seu Sebastião utilizando a “Esquadrejadeira” máquina utilizada na fabricação de móveis, tem a função de “esquadrear” o desenho na madeira, ou seja, colocar o desenho no esquadro segundo o ângulo de 90°. Shirley Monteiro em 08/2004.



Foto 21 - Seu Sebastião utilizando a Topia, máquina com a função de tornar a madeira e fazer baixos relevos. Shirley Monteiro em: 08/2004



Foto 22 - Seu Sebastião utilizando a serra de fita, máquina para serrar madeira. Shirley Monteiro em 08/2004

Lixar as peças que constituirão a fruteira, na movelaria de um amigo que possui a lixa de bancada faz parte de uma solução encontrada pelos marceneiros da empresa “Móveis Souza” para produzir os objetos quando estão sem tempo para lixar cuidadosamente as peças. Por esta alternativa eles pagam o dono da movelaria que presta este serviço, mediante pagamento em dinheiro ou em objetos para a venda.

Observa-se que a produção de pequenos objetos resulta de especificidades e uma multiplicidade de condições: da trajetória dos artistas e de sua relação com os objetos, do tipo de empresa em que a produção-arte está imbricada com a invenção de um mercado particular, e, ainda da rede de relações pessoais e institucionais, que lhes dão acesso a informações e alguns recursos.

### A intervenção dos especialistas

Ao longo deste texto mostrei que na produção, circulação e consumo do pequeno objeto intervêm uma série de agentes, ligados a instituições públicas federais e estaduais e a algumas instituições privadas. Nesta última parte da dissertação abordarei de que formas se dão as intervenções desses agentes. Procurarei também analisar alguns dos efeitos dessas intervenções.

Denomino de especialistas a profissionais que detêm um conhecimento aprofundado e especializado a respeito de determinado tema (design, sustentabilidade, mercado, técnicas de produção entre outros) e, que, no caso estudado, fazem parte de instituições governamentais, universidades e ONGs, e algumas organizações do setor privado. Com relação à movelaria, são aqueles que sugerem novas técnicas, o uso de novos materiais, e contribuem para produzir novos gostos de consumo. Dentre as principais instituições que mantêm especialistas que intervêm na forma acima descrita, estão: o Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE/PA); o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI); a Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (SECTAM); Programa Paraense de Design (P.P.D); a Secretaria Executiva de Indústria, Comércio e Mineração (SEICOM); a Federação das Indústrias do Estado do Pará (FIEPA); e o Sindicato das Indústrias de Marcenaria do Estado do Pará (SINDMÓVEIS), além de universidades. Verifica-se a intervenção tanto de organizações de constituição recente, cuja criação é decorrente do processo de ambientalização, como a SECTAM, o SEBRAE/PA e o P.P.D, enquanto que as outras são organizações já há existentes há várias décadas e que buscam adequar a sua intervenção (ou seu discurso) às novas etiquetas e éticas, que envolvem meio ambiente, justiça social, valorização da diferenciação cultural, - o que remete à revalorização do regional.

Dentre as organizações acima citadas tive oportunidade de fazer entrevistas com especialistas do Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE/PA), do Programa Paraense de Tecnologias Apropriadas (P.P.T.A) da Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (SECTAM) e do Programa Paraense de Design (P.P.D). Pude verificar a influência destas instituições através de cursos, palestras e reuniões na construção desse “regional paraense” mediado pela ética ambiental e a valorização da diferença cultural. Esses traços comuns a todos os intermediários se traduzem pela utilização do design, a busca de uma marca para os produtos locais, o uso de materiais como madeira, fibras entre outros e o aproveitamento de resíduos (principalmente da madeira), a agregação de valor aos produtos existentes, a utilização de elementos da cultura local como fonte de inspiração para criação de novos produtos.

Estes elementos comuns aos intermediários exerceram forte influência na produção da movelaria “Móveis Souza” e na elaboração dos pequenos objetos de madeira. Se tomarmos a fruteira como exemplo, em sua biografia encontramos elementos como: bricolagem, design, reciclagem, utilização de elementos da cultura local como fonte de inspiração, a maioria dos quais inspirados por especialistas e apropriados e traduzidos pelos marceneiros e a administradora da fábrica de acordo com as condições de sua realidade objetiva.

A fabricação de pequenos objetos de madeira a partir dos resíduos da produção de móveis foi incentivada por intermediários<sup>125</sup>, porém esbarrou na dificuldade tecnológica, pois são necessárias máquinas específicas de pequenas dimensões para a fabricação destes pequenos objetos, encontradas em São Paulo, Rio de Janeiro, Itália, Estados Unidos<sup>126</sup>. Esse fato demonstra, que apesar das intenções dos especialistas as experiências não podem ser concretizadas plenamente, em virtude das escolhas políticas de dirigentes de instituições.

---

<sup>125</sup> A Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (SECTAM) foi um deles, pois que incentivou esta prática no Programa Paraense de Tecnologias Apropriadas (P.P.T.A)

<sup>126</sup> Informações obtidas em entrevista em 28.10.2004 na Feira de Móveis, Artefatos de Madeiras e tecnologias Apropriadas com Flávio Abreu da empresa Fragmentos da Amazônia, que trabalha com marchetaria com fragmentos de madeira de várias espécies. Confeciona principalmente quadros. Gervásio (nome fictício) – trabalha há quatro anos com pequenos objetos de madeiras, compra madeira para a fabricação dos objetos. Informou - me que as máquinas para a fabricação de pequenos objetos só são encontradas na Itália e nos Estados Unidos.

### O design enquanto elemento de mediação e tradução

O design aparece como um elemento central na criação de objetos que vem a ser associados com esta construção de regional paraense contemporâneo. Por um lado absorve os elementos da nova etiqueta e das éticas contemporâneas, voltadas para a preservação do meio ambiente e para a valorização das diferenças culturais – entenda-se aí, regional paraense -, por outro intervém como mediador estético, traduzindo o regional para gostos de consumo de pessoas mais afluentes. Esse regional paraense, com as características aqui descritas, implica na necessidade de transformar algo identificado com a Amazônia em objetos de consumo voltados para amplas camadas da população. E o design opera esta transformação. O tratamento dado por Bourdieu<sup>127</sup> aos *gostos* das pessoas permite uma análise do significado do design enquanto mediador. Com efeito, nossas escolhas e gostos revelam (embora mascarados), nosso estatuto social, mas também nossas aspirações e pretensões. O design serve, então como elemento que possibilitará a ampliação dos produtos, transformando a rudeza nativa, e além disso contém elementos que permitem que as pessoas aspirem a um mundo melhor, contribuindo para a transformação de seu estatuto de consumidor, isto é passa a ser um consumidor consciente<sup>128</sup>.

A preocupação com o design<sup>129</sup> nos produtos locais surge no estado a partir de 1988. O consultor do Laboratório Brasileiro de Desenho Industrial (LBDI) para área de artesanato, Eduardo Barroso vem a Belém a convite do Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE/PA) e procura persuadir a direção da instituição acerca da importância do design para o artesanato, além da importância de se criar cursos de design e um programa de design. Em decorrência de sua proposta, o Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE/PA) convida várias instituições do estado para uma reunião em 1988. Esta reunião

---

<sup>127</sup> BOURDIEU, 1979.

<sup>128</sup> Consultar DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004 e PORTILHO, 2005 a respeito das coerções que as pessoas sofrem para que adotem formas conscientes de consumo, o que implica em consumo ambientalmente correto e socialmente justo.

<sup>129</sup> O design tem por função melhorar aspectos funcionais, estéticos e ergonômicos de um produto para atender as necessidades do consumidor. É uma ferramenta que agrega valor aos produtos tornando –os mais competitivos no mercado. “[...] é um dos principais instrumentos para as empresas competirem no mercado nacional e internacional.” BRASIL. CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. *A importância do Design para sua empresa*. Brasília, 1998, p.9

visava a estruturação de esforços com o objetivo de introduzir a aplicação do design no sistema produtivo do Estado do Pará. Esta reunião frutificou resultando na criação do Programa Pará Design, na implantação do curso de especialização em Design de Mobiliário da Universidade Estadual do Pará (UEPA), financiado pela Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (SECTAM) através do Fundo Estadual de Ciência e Tecnologia (FUNTEC), e na abertura do curso de graduação em design industrial (que depois passou a se denominar desenho industrial), em fevereiro de 1999. Esses cursos tinham por objetivo formar designers, especialistas na valorização das formas e conteúdos simbólicos dos objetos, como forma de valorização da economia paraense.

O curso de especialização de design de mobiliário da Universidade Estadual do Pará (UEPA) e de graduação de design industrial foi implantado com a colaboração Jorge Hernandez Fonseca – Eng<sup>o</sup> Mecânico pela Universidade de Havana; Mestre e Doutor em Teoria e Metodologia do Projeto pela Universidade Federal de Santa Catarina, que estava há dois anos no Brasil a convite do Laboratório Brasileiro de Desenho Industrial (LBDI). Em Santa Catarina, Jorge Hernandez Fonseca conhece Antônio Herlindo, que cursava mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina, e que no ano de implantação dos cursos de design na Universidade Estadual do Pará (UEPA), virá a ser o coordenador dos cursos nesta universidade.

O curso de especialização de design de mobiliário, do qual eu fiz parte da primeira turma, tinha a preocupação nas suas disciplinas com o meio ambiente, mais especificamente com o aproveitamento de resíduos, o uso de materiais locais: fibras, madeiras, o incentivo do uso de madeiras que não eram conhecidas comercialmente, o uso de suas cores; a utilização dos elementos da cultura local como fonte de inspiração para a criação de produtos. A implantação dos cursos significa a institucionalização e transformação da forma de produzir.

Em setembro de 1999 é inaugurado o Programa Paraense de Design (P.P.D), vinculado à Federação das Indústrias do Estado do Pará (FIEPA), também organizado por Jorge Hernandez Fonseca, com vinte oito instituições /entidades parceiras:

**Do Governo do Estado:** Secretarias Especiais: Proteção Social, Produção, Promoção Social, Infraestrutura; Secretarias Executivas: entre estas secretarias do estado destaco a SAGRI, SEICOM, SECTAM SETEPS;

**Da Sociedade:** Do Sistema da Confederação das Indústrias: CNI, FIEPA, SENAI/PA, SEBRAE/PA, IEL, IDEPAR;

**Das Universidades:** UEPA, UFPA, UNAMA, CEFET/PA;

**Prefeituras:** Belém, e Ananindeua.

Entre os objetivos básicos do Programa Paraense de Design (PPD) está a introdução das técnicas de design e desenvolvimento de produtos no sistema produtivo do Estado do Pará. O Programa Paraense de Design (P.P.D) trabalha em três linhas, segundo os eixos produtivos do estado: design de móveis, design de objetos, a partir de artesanato e design de jóias.

É importante ressaltar que a maioria dos profissionais que estão atualmente trabalhando com design na Universidade Estadual do Pará (UEPA), no Instituto de Estudos Superiores da Amazônia (IESAM), na Universidade da Amazônia (UNAMA), no Programa Paraense de Tecnologias Apropriadas (P.P.T.A) da Secretaria Executiva de Meio Ambiente (SECTAM)<sup>130</sup>, no Sindicato das Indústrias de Marcenaria do Estado do Pará (SINDMÓVEIS), no Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE/PA) e no Programa Paraense de Design (P.P.D), foram alunos do primeiro curso de especialização de Design de Mobiliário. Dentre os elementos centrais estavam a preocupação com a reciclagem, com a preservação do meio ambiente, com o uso de madeiras da Amazônia, a utilização das cores das espécies destas madeiras para agregar valor aos produtos, e com a utilização de elementos da cultura local como fonte de inspiração para criar objetos. Sendo assim são as instituições através destes especialistas que promovem a construção de um regional paraense através da mediação do design, aplicando-se aos setores de madeira/móveis, jóias e artesanato. Estes valores, segundo as entrevistas realizadas com designers fazem parte do instrumental desses especialistas. A comparação entre um antes em que tudo o que era regional era desqualificado, e um depois (que envolve a mediação do design), quando o regional é valorizado por meio do uso de matérias primas, como madeiras menos conhecidas<sup>131</sup> e resíduos de movelaria, sementes e fibras naturais e técnicas como a

---

<sup>130</sup> “O PPTA é um programa que tem objetivo difundir tecnologias aos pequenos e médios produtores. Não significa dizer que quando procurados por empresas grandes não atenda, pelo contrário. Os setores do PPTA são floricultura, fruticultura, jóias, moveleiro e artefatos de madeira, design e o setor de apoio a gestão de comunidade e setor de informação”. (Entrevista com Ivone Braga – Economista; Coordenadora da Coordenadoria de Apoio e Fomento aos Setores Produtivos (COAPRO) da SECTAM. Em 09/2004).

<sup>131</sup> A utilização de espécies de madeiras amazônicas menos conhecidas comercialmente foi incentivada pelo Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) através do Laboratório de Produtos

sobreposição de cores. Agregar valor e gerar emprego e renda, discurso associado aos projetos sustentáveis, está presente igualmente nos discursos dos designers entrevistados. Por outro lado, o regional inspira-se em representações de lendas, mitos, paisagens e na culinária. Outra questão recorrente é a superposição das características inerentes à Amazônia (ou região norte) às do Pará<sup>132</sup>, operação esta já comentada no capítulo anterior.

Outro elemento relevante associado à produção do regional, é que esta se dá por meio de agentes externos à região, vindos do laboratório de Santa Catarina. O especialista que irá implantar os cursos voltados para uma produção regional é um cubano, do antigo quadro do Instituto de Design de Havana. O regional do qual estou falando se refere a “elementos da região”, mas cujo uso é construído a partir de agentes externos. Talvez tenha sido este o motivo de sua adoção inicial pelas instituições paraenses, para além das possibilidades práticas. Com efeito, para uma outra época e um outro contexto, Daou<sup>133</sup>, em seu livro sobre a *belle époque* amazônica, mostra como foi construído o gosto as elites, que mandavam buscar na Europa objetos de consumo individual, e construíam suas cidades mandando chamar renomados artistas da Europa e da capital, reproduzindo em Belém e Manaus o fausto das capitais européias. Identificamos intelectuais paraenses, como Cláudio Ribeiro e Nilson Pinto, entre outros, além de especialistas de outro estado e país como sendo artífices centrais da produção do regional.

### **A reprodução do regional**

A estrutura de organizações citada acima serve como base de formação e organização dos setores de produção que passam a ser incentivados a produzir à moda regional. Assim, o FUNTEC (SECTAM) ofereceu curso para especialistas e para os moveleiros, ensinando a utilizar madeiras alternativas e madeiras menos conhecidas, assim como noções de design. A UEPA envia seus alunos do curso de design para desenvolver seus projetos de moveis e objetos em movelarias, difundindo desta forma as técnicas ensinadas no

---

Florestais (LPF), onde designers nacionais e internacionais foram convidados para criarem móveis e outros produtos com estas madeiras, o que culminou com a Exposição Coletiva de Design .

<sup>132</sup> “O regional para mim é toda a região Norte. Exemplo é a divulgação de todos os nossos produtos paraenses, exemplo: este produto é do Pará, da região Norte”. (Frank Jr – Designer Industrial, foi aluno da 1ª turma do curso de graduação de design industrial da UEPA que teve início em 1999. atualmente gerente do setor moveleiro. Em 09/2004)

<sup>133</sup> DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

curso. Palestras e oficinas também servem para esse fim. Desta forma, o uso de troncos de árvores provenientes da limpeza de terrenos próximos a movelaria – resíduo público, foi apresentada em uma palestra na Federação das Indústrias do Estado do Pará (FIEPA) em que o palestrante mostrou seus móveis feitos de troncos de árvores, utilizou o discurso de aproveitamento deste material e ressaltou o valor da natureza.

Esta teia de instituições preocupa-se com a capacitação técnica e administrativa das empresas e, além disso, com a sua organização, visando a criação e comercialização dos produtos. No caso dos pequenos objetos, a questão tecnológica aparece como um entrave. Nota-se uma preocupação com marcas e nomes de produtos que remetam ao regional.

O Sindicato, Sindicato das Indústrias de Marcenaria do Estado do Pará (SINDMÓVEIS), que os moveleiros participam tem convênio com várias instituições garantindo espaço para associados em feiras e outros eventos, além de ter o papel de centralizar e divulgar informações, constituindo-se igualmente em intermediário do processo.

### **Traduções e apropriações do regional e de seus elementos constitutivos pelos profissionais da empresa “Móveis Souza”**

A influência do design proposto pelos intermediários na arte dos marceneiros é perceptível, principalmente no que diz respeito à criatividade, ao discurso referente à agregação de valor e à utilização de elementos da cultura local. Marcos, em trecho de sua entrevista, mostra como faz uso desses elementos:

*[design] é quando a gente cria alguma coisa e agrega valor nela: que seja prática e funcional, que seja bonita também. Não adianta ser cheio de curvas porque não dá para ser fabricado, não condiz com a realidade de nossas máquinas.*

*Tanto os móveis quanto os pequenos objetos têm design? [Pesquisadora]*

*Sim, buscamos trabalhar o máximo da matéria-prima, buscando trabalhar o regional.*

*Sobre a criatividade: A criatividade está dentro do design.*

(Marcos. Em 17/09/2004).

Em outro momento, no primeiro dia em que fui a movelaria, perguntei a Marcos:

*Qual é o diferencial nas peças da movelaria? [Pesquisadora]*

*É a criatividade.*

*O que é criativo nos produtos? [Pesquisadora]  
É trabalhar com as cores das madeiras, tentamos absorver ao máximo as coisas regionais nos móveis e nos pequenos objetos. (Marcos. Em 15/07/2004)*

A criatividade é o diferencial nos produtos da movelaria, é a essência da arte. É o que faz os marceneiros da movelaria “Móveis Souza” se distinguirem dos que fazem cópias<sup>134</sup> de objetos, sejam móveis ou pequenos objetos de madeira. Por isso há uma certa preocupação em não copiar nada de outros marceneiros, de revista ou qualquer outra fonte, Verifica-se que a autoria é central, uma vez, que entre moveleiros, a cópia não é considerado produto do marceneiro que a confeccionou. A criatividade nos produtos se expressa no uso das cores das madeiras da região e na utilização de elementos da cultura local. Sendo assim, o design é utilizado pelos intermediários como instrumento para construir o “regional paraense”, pois, já que além de mostrar beleza e funcionalidade, serve para agregar valor aos produtos existentes e aos que serão criados com esta intenção, esta construção favorece os produtos assim produzidos na competição nos mercados nacional e internacional. “Agregação de valor” pode ocorrer pelo uso do material (materiais locais: madeira, resíduos de madeira; fibras, etc...), pela sua forma, por fazer referência a cultura local.

A participação dos profissionais da movelaria em cursos, palestras, feiras, reuniões em sindicato e associações promovidos pelos intermediários (técnicos, especialistas e instituições) comunicam a representação do “regional paraense” que é reproduzida na movelaria, a partir da necessidade da empresa manter-se no mercado<sup>135</sup>, pois com o preço da madeira elevado foram utilizadas as sobras de madeira de exportação como alternativa para produção de móveis. A técnica das combinações das cores de variadas espécies de madeiras e de suas colagens surgiu como possibilidade de aproveitar as sobras para a fabricação dos móveis, isto passou a ser um diferencial da empresa e a partir de então os objetos que assim eram produzidos, em função aí da clara intervenção dos intermediários, passaram a ser denominados “regionais”, principalmente porque utilizavam madeiras da região, da Amazônia. Esta prática passou a ser uma característica da empresa que foi incentivada pelos intermediários (instituições, técnicos, especialistas) e se estendeu aos pequenos objetos de madeira que constituem uma estratégia de sobrevivência da família e da empresa, uma vez

---

<sup>134</sup> A cópia de um produto depõe contra aquele que copiou. É um problema sério na área de design.

<sup>135</sup> O mercado, os intermediários, a necessidade da sobrevivência, que aqui são mencionados são elementos determinantes que contribuem com a construção da tradição cerâmica em Mata Ortiz. Embora seja um outro contexto, cito este trabalho, pois na construção do regional paraense também encontro estes elementos e verifico a força que eles possuem nesta construção. C.f. FOURNIER; FREEMAN, 1991.

que se deram conta que a venda desses objetos proporcionava à família quantias em dinheiro de maneira contínua para sua sobrevivência, o que não ocorria com os móveis.

## Considerações Finais

Iniciarei estas considerações, comentando os resultados encontrados para as questões formuladas na introdução. A indagação a respeito dos motivos de haver apenas uma família (a da empresa “Móveis Souza”), - entre as empresas associadas ao Sindicato das Indústrias de Marcenaria do Estado do Pará (SINDMÓVEIS), que trabalha produzindo pequenos objetos de madeira -, foi de fundamental importância, uma vez que me ofereceu a chave para a construção de meu objeto e para o desenho da dissertação. É este percurso que me proponho a percorrer nestas notas finais. Foi necessário descobrir que “ser artista” para Seu Sebastião quer dizer não trabalhar apenas pelo dinheiro, uma vez que a arte significa saber fazer, ter o conhecimento para produzir um objeto e poder ter a satisfação de alguma pessoa admirar ou adquirir uma peça sua. Apenas em uma cooperação, onde não se trabalha apenas pelo lucro, mas pela *satisfação* de criar e dar prazer aos outros, é possível criar e produzir objetos sem dispor de meios adequados. Esta mesma organização particular, resultado das trajetórias e capitais sociais dos membros da família, onde tempo e espaço escapam à monetização, onde casa e trabalho se confundem e se sobrepõem oferece as condições necessárias à produção do pequeno objeto, apesar da falta de condições objetivas. São todos *bricoleurs* que reinventam a vida a cada dia.

É a prática da bricolagem que leva a família a começar a produzir a partir de sobras de madeira. Os discursos ambientalistas são escolhidos porque passam a estar presentes no universo em que circula, e os membros da família percebem que este discurso pode efetivamente “agregar valor”. Por sua vez, o discurso ambiental remete à natureza e Amazônia, operando-se a transformação do que é ambiental em regional. E isso explica também a sobreposição de madeiras diferentes, que traduz a natureza e o regional.

A produção do pequeno objeto pela família Souza mostra que para que esse discurso possa ser reproduzido e chegue até eles, torna-se necessária a ação de numerosos intermediários – a maioria especialistas, na acepção weberiana – cuja ação pessoal, e relações personalizadas são muito mais operativas do que o papel que as instituições onde se inserem lhe atribuem. Com efeito, diversas novas instituições voltadas para o meio ambiente e atividades econômicas sustentáveis são criadas, cuja ação se soma à de outras mais antigas, que se reconvertem às etiquetas ambientais e de respeito às diferenças. No entanto, conforme

foi visto na dissertação, sua ação concreta não oferece o apoio demandado por aqueles que se propõem a demandar os pequenos objetos.

A pesquisa mostrou que na construção da identificação de regional intervêm atores de outros países e estados do país, o que se dá principalmente por meio da introdução do *design*. Mostra-se finalmente como se implanta e constitui a especialidade no estado do Pará, assim como o papel que se propõe a desempenhar, influenciando padrões de produção circulação e consumo.

Finalmente quero ressaltar o quanto foi acertada a escolha de trabalhar a partir de um estudo de caso questões, como regional, que de outra ficariam abstratas e de cunho generalizante. A observação prolongada, a análise objetivada do material, e a produção etnográfica foram fundamentais para que pudesse produzir os resultados aqui apresentados.

O uso de espécies de madeiras em cores diversas nos pequenos objetos, mais especificamente na fruteira, insere-se nesta construção, pois são utilizadas madeiras da região, da Amazônia, evidenciando suas cores, fazendo referência também a reciclagem, elemento que faz parte desta nova conduta, pois são utilizados resíduos da produção de móveis, que por sua vez são madeiras descartadas pela serraria de exportação.

O papel dos intermediários é importante, neste processo de construção do “regional” pois eles transitam entre os intelectuais, as instituições e os artesãos ou produtores, levando para estes últimas informações, saberes capazes de transformar. Assim, mais especificamente na movelaria “Móveis Souza”, chega o design, a reciclagem, a valorização dos elementos da cultura local que juntamente com as necessidades da família e da empresa, acrescidos da história de vida de seu proprietário e de sua esposa, são reelaborados, unidos para mostrar o que é o “regional” expresso em um objeto, e que retorna já reelaborado para as instituições, intelectuais e para a sociedade. Assim, o material, a forma, a produção do objeto fazem referência a este “regional paraense”.

Os intermediários, juntamente com a família, foram importantes. Pude verificar através deles as dificuldades tecnológicas encontradas na produção dos pequenos objetos de madeira: a falta de máquinas apropriadas para a produção dos pequenos objetos de madeira, a falta de recursos financeiros para comprá-las, a dificuldade de encontrá-las no mercado local (pois são máquinas mais facilmente encontradas em estados do sudeste do Brasil ou no

exterior) e a falta de uma ação mais concreta (além do discurso) das instituições que incentivam a produção de pequenos objetos a partir de resíduos de madeira.

## Referências

ALVIM, Maria Rosilene Barbosa. Família e operários de origem camponesa; Uma leitura do Brasil Arcaico. In: LEITE LOPES, José Sérgio (coord.). *Cultura & Identidade Operária*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987. p.123-145

\_\_\_\_\_. Artesanato, tradição e mudança social: um estudo a partir da ‘arte do ouro’ de Juazeiro do Norte. In: RIBEIRO, Berta G. et al. *O artesanato tradicional e o seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: FUNARTE; Instituto Nacional do Folclore, 1983.

\_\_\_\_\_. *Constituição da Família e Trabalho Industrial. Um estudo sobre trabalhadores numa fábrica com vila operária*. (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro, UFRJ/Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1985. (mimeo)

\_\_\_\_\_. *A sedução da cidade: os operários camponeses e a fábrica de Lundgren*. Rio de Janeiro: Graphia, 1997.

ANTONAZ, Diana “Agendas 21 na Amazônia: dinâmicas de alternância entre embates e alianças”. *Colóquio Socioantropologia da Modernidade: Macrossistemas Técnicos e Paradoxos do Progresso*. UFF/PPGA e Sorbonne/Université Paris 1. Centre d’études des techniques des connaissances et de pratiques, julho 2005.

APPADURAI, Arjun. “Introduction: commodities and the politics of value” In: Appadurai (org) *The Social Life of Things – commodities in cultural perspective*, Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p 3-63

ARANTES, Antonio Augusto et al. *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. 3ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. (Coleção Momento). 206p.

AUGÉ, Marc. *Os domínios do parentesco*. Lisboa: Edições 70, 1978.

BHABHA Homi *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre "La société traditionnelle. Attitude à l'égard du temps conduite économique". In: *Sociologie du travail*, 1, janvier - mars 1963, p.24 - 44.

\_\_\_\_\_. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Éditions de Minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/ Editora Bertrand Brasil S.A., 1989.

\_\_\_\_\_. *Le direcinement. La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*, Paris: Éditions de Minuit, 1964.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Média*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

BRASIL. CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. *A importância do design para sua empresa*. Brasília, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. 16 ed., atual. e ampl. São Paulo: Saraiva, 1997. (Coleção Saraiva de Legislação).

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2000.

DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DEBOER, Warren. Figuring Figurines: the case of the Chachi, Ecuador. In: *Recent Advances in the Archaeology of Northern Andes*. Los Angeles: Oyela-Caycedo e J.S.Raymond. University of California. 1998.p. 121-127.

DENIS, Rafael Cardoso. Design, cultura material e o fetichismo dos objetos. *Arcos.*, v.1, n. único. 1998. p. 15-39.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu*. Lisboa: Perspectivas do Homem, edições 70, 1966.

DUARTE, Fernando Dias. *As redes do suor: a reprodução social dos trabalhadores da pesca em Jurujuba*. Niterói: EdUFF, 1999.

DURHAN, Eunice. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

DURKHEIM, Émile. *Da Divisão do trabalho social*. Tradução: Eduardo Brandão. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos)

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. 2 ed. Lisboa: Estampa, 1995.

EXPOSIÇÃO COLETIVA DE DESIGN – DESIGN & NATUREZA: MANEJO SUSTENTÁVEL, Ago.1999, São Paulo. Catálogo...[S.l.:s.n], 1999.

FORTES, Meyer. O ciclo de desenvolvimento do Grupo doméstico. Brasília: Universidade de Brasília (textos de Aula, Antropologia 6). 9p. [Traduzido de "Introduction" in Goody, J. (Ed) *Developmental Cycle in Domestic Group*. Cambridge: Cambridge University Press, p.1-14. (Cambridge Papers in Social Anthropology N°1)]

FOURNIER, Patrícia; FREEMAN, Andrea K. L. El razonamiento en etnoarqueología, el caso de la tradición alfarera de Mata Ortiz, Chihuahua, México. *Boletín de Antropología Americana*, nº 23, julho, 1991.p. 109-118.

GARCIA JR, Afrânio Raul. *Terra de Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983a.

\_\_\_\_\_. *O sul: caminho do roçado, estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b.

GODELIER, Maurice. Moeda de sal e circulação das mercadorias entre os baruya da Nova Guiné. In: CARVALHO, Edgar Assis de (org.). *Godelier: antropologia*. São Paulo: Ática, 1981. p. 126-148

HANNERZ, Ulf “Cosmopolitas e locais na cultura global” in Featherstone (org), *Cultura Global* Petrópolis: Vozes, 1999.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. *A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOBSBAWM, Eric J. *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária*. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBSBAWM, Eric, RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Coleção Pensamento Crítico; v. 55)

INSTITUTO DE PRODUTOS FLORESTAIS. *POM: Pequenos Objetos de Madeira*. Manaus: [s.n], 1996. p. 37-94

JORNAL O LIBERAL. Belém, 1980.

LABURTHE-TOLRA, Philippe, WARNIER, Jean Pierre *Etnologia Antropologia*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LANDIM, Leilah. Múltiplas identidades das ONGs. In: HADD, Sérgio (org.). *ONGs e Universidades: desafios para a cooperação na América Latina*. São Paulo. Abong: Peirópolis, 2002, p.17-50.

LEITE LOPES, José Sérgio (coord.) et al. *A ambientalização dos conflitos sociais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. (Coleção Antropologia da Política; 29)

LÉVI - STRAUSS, Claude. A Família. In: *O Olhar distanciado*. Lisboa: Edições 70, p. 27-40.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. 3ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *A ilha encantada: medicina e xamanismo*. Belém: UFPA, 1990.

\_\_\_\_\_. *Uma outra invenção da Amazônia*. Belém: CEJUP, 1999.

MITSCHEIN, Thomas et.al. *Urbanização selvagem e proletarização passiva na Amazônia: O caso de Belém*. Belém: CEJUP, 1989

NEWTON, Dolores. Cultura Material e História Cultural. In: RIBEIRO, Darcy. et. alii. *Suma Etnológica Brasileira*. v.2 - Tecnologia indígena, Petrópolis: Vozes/FINEP, 1987. p.15-25.

MARX, Karl. *O capital*. 12ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Livro 1.

MATTA, Roberto da. Espaço- casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil. In: *A casa & a rua*. 5ed. Rio de Janeiro: 1997.

MENEZES, Marilda Aparecida. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses - migrantes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; João pessoa: EDUFPA, 2002.

MORGAN, Prys. Da Morte a uma Perspectiva: a Busca do Passado Galês no Período Romântico. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER; Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997 (Coleção Pensamento Crítico, v.55), p.53-109.

MOUGEOT, Luc; ARAGON, Luís *Migrações internas na Amazônia. Contribuições teóricas e metodológicas*. Belém :UFPA/NAEA, 1986.

NORONHA, Maria Noronha. *De camponesa a “madame” : trabalho feminino e relações de saber no meio rural*. São Paulo: Loyola, 1986

PENTEADO, Antonio Rocha. *Belém: estudo de geografia urbana*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1968. 2v.

PESEZ, Jean- Marie. História da cultura material. In: LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PORTILHO, Fátima *Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania*. São Paulo: Cortez, 2005

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*, 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

REVISTA DO PROGRAMA PARAENSE DE DESIGN. Belém: Sagrada Família, n.1, set. 1999.

\_\_\_\_\_. Belém: [s.n], n.2, mai.2003.

RIBEIRO, Berta G, VELTHEM, Lúcia Hussak van. Coleções etnográficas: documentos materiais para a história indígena e a etnologia. In: CUNHA, Manuela (Org.) *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/SMC/FAPESP, 1992: p.106-112.

RIBEIRO, Berta G. Os estudos de cultura material: propósito e métodos. IN *Revista do Museu paulista*. Nova série, Vol. XXX, nº 30, 1985. p.13-41.

RIDLEY-LEIGH, Dominique. Mulheres na migração: redes de parentesco como uma estratégia de sobrevivência. In: *Encontros Com A Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980 (vol. 26)

SAWYER, Donald Rolfe *Inventário da produção técnico-científica sobre migração na Amazônia legal*. Belém : SUDAM Divisão de Documentação, 1989.

SCHWARCZ, Moritz, Lilia. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO PARÁ. *Cara Paraense: a identidade cultural como diferencial competitivo para o mundo dos negócios*. Belém: SEBRAE, 2003.

SOUSA, H. Inglês (Herculano Inglês). *O cacaulista*. 2ed. Belém: EDUFPA, 2004. (Coleção Amazônia)

STRATHERN, Marilyn. "Parts and wholes. Refiguring relationship in a post-plural world". Ed. Adam Kuper *Conceptualizing society*, London and New York, Routledge, 1992.

THIESSE, Anne-Marie. *La création des identités nationales (Europe XVIII-XX)*. Paris: Éditions du Seuil, s/d.

TREVOR- ROPER, Hugh. A invenção das tradições: a Tradição das Terras Altas (Highlands) da Escócia. In: In: HOBBSAWM, Eric; RANGER; Terence. *A invenção*

*das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997 (Coleção Pensamento Crítico, v.55), p.25-50.

TORNAY, Serge. O estudo do parentesco. In: COPANS, Jean (org.) *Antropologia: ciência das sociedades primitivas?*, 1971.p. 57-140

VERÍSSIMO, Francisco Salvador e BITTAR, William Seba Mallmann. *500 anos da casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço da moradia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e Missão. O Movimento Folclórico Brasileiro, 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte/Fundação Getulio Vargas, 1997

ALCAN ALUMÍNIO DO BRASIL. Disponível em < <http://om.br> > Acesso em 3/11/2004

ALUMÍNIO BRASILEIRO S/A. Disponível em<<http://www.albras.net> > Acesso em 3/11/2004

AMBIENTE BRASIL *Ambiente Resíduos*. Disponível em: <<http://www.ambientebrasil.com.br> > Acesso em 30/11/2004

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA QUÍMICA. Disponível em <<http://www.abquim.org.br> > Acesso em 11/10/2005.

ASSOCIAÇÃO DAS INDÚSTRIAS EXPORTADORAS DE MADEIRA DO ESTADO DO PARÁ. Disponível em: < <http://www.aimex.com.br>> Acesso em 26/10/2004.

COMÉRCIO DE PAPÉIS E APARAS MOOCA LTDA. *Reciclagem. Net-Portal da Reciclagem e do Meio Ambiente*. Disponível em: <<http://www.compam.com.br> > Acesso em 30/11/2004.

COMPANHIA VALE DO RIO DOCE. Disponível em<<http://www.cvrld.com.br> > Acesso em 3/11/2004

COMPANHIA SIDERÚRGICA DO PARÁ. Disponível em <<http://www.cosipar.com.br>> Acesso em 01/12/2004.

COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM (CEMPRE). Disponível em: <<http://www.cempre.org.br>> Acesso em 01/12/2004

EIDAI DO BRASIL MADEIRAS S/A. Disponível em: <<http://www.eidai-brasil.com.br>> Acesso em 3/11/2004

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARÁ. Disponível em: <<http://www.fiepa.org.br>> Acesso em 3/11/2004

NAROTZKY, Viviana. Stories of things: history of design and material culture. The open university, 2002. Disponível em < <http://www.glaadh.ac.uk/documents/narotzky>> Acesso em 10.01.2006.

NOGUEIRA, Sandra. Cultura material - A emoção e o prazer de criar, sentir e entender os objetos. In: Congresso Virtual, *Ciudad Virtual de Antropologia y Arqueologia*, Argentina, disponível em < <http://www.naya.com.ar>>. Acesso em 29 setembro 2004

ROSE, Ricardo. *A evolução do mercado ambiental, o mercado ambiental brasileiro e a contribuição alemã*. Disponível em < <http://www2.uol.com.br/ambienteglobal>> Acesso em 15/12/2004.

**Fonte manuscrita:** Caderno de campo

**Fontes orais:** Entrevistas

Seu Sebastião: 15/07/2004; 18/08/2004; 10/09/2004; 17/09/2004; 21/05/2005.

D. Graça: 06/08/2004; 14/08/2004; 18/08/2004; 10/09/2004; 17/09/2004; 13/05/2005;

Marcos: 15/07/2004; 14/08/2004, 18/08/2004; 10/09/2004, 17/09/2004; 21/05/2005, 14. 07.2005.

Raimundo Silva – Marceneiro, Técnico do Programa Paraense de Tecnologias Apropriadas (PPTA) - 13/07/2004.

Orlandina Araújo – Secretária do Sindicato das Indústrias de Marcenaria do Estado do Pará (SINDMÓVEIS) – 21/07/2004

Andreza: Vendedora na MOSTRA SEBRAE DE MÓVEIS E DECORAÇÃO – 24/08/2004.

Maria Carolina Viggiano – Arquiteta e urbanista com especialização em design de mobiliário, bolsista do Programa Paraense de Tecnologias Apropriadas (PPTA) no setor de jóias da Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (SECTAM) – 08/09/2004

João Carlos Monteiro – Engenheiro Químico do Programa Paraense de Tecnologias Apropriadas (PPTA) – 12/09/2004.

Ivone Braga – Economista, coordenadora da Coordenadoria de Apoio e Fomento aos Setores Produtivos da Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (SECTAM) onde está vinculado o Programa Paraense de Tecnologias Apropriadas (PPTA). – 15/09/2004.

Frank Jr – Designer Industrial; gerente do setor moveleiro do Programa Paraense de Tecnologias Apropriadas (PPTA); ex-aluno da primeira turma de design industrial da Universidade Estadual do Pará (UEPA) – 15/09/2004

Rodrigo Vianna – Arquiteto com especialização em design de mobiliário, trabalhou como bolsista do Programa Paraense de Tecnologias Apropriadas (PPTA) no setor moveleiro da Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (SECTAM). Atualmente trabalha no laboratório sensoramento remoto – 22/09/2004

Jorge Hernandez Fonseca – Engº Mecânico pela Universidade de Havana; Mestre e Doutor em Teoria e Metodologia do Projeto pela Universidade Federal de Santa Catarina, que colaborou na implementação dos cursos de especialização de design de mobiliário e de graduação em desenho industrial na Universidade Estadual do Pará (UEPA), organizou o Programa Paraense de Design (P.P.D) e atualmente coordena o curso de graduação em design no Instituto de Estudos Superiores da Amazônia (IESAM), além de ser consultor da Federação das Indústrias do Estado do Pará (FIEPA) – 22/09/2004.

Francisco Brito – Licenciatura Plena em Ciências Sociais; Gestor do Setorial Madeira Móveis do Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE/PA) – 13/10/2004.

Gervásio (nome fictício) – Produz pequenos objetos de madeira, compra madeira para fabricação dos objetos (não utiliza resíduos de qualquer outra produção sua) – 28/10/2004.

Marcelo Araújo – Consultor do Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE/PA) em Paragominas-Pa – 03/11/2004.

Flávio Abreu – Empresa: Fragmentos da Amazônia; artesão e proprietário trabalha com marchetaria com fragmentos de madeiras de várias espécies e cores diferentes – 02/11/2004.

Geraldo Vasconcelos – Consultor do Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE/PA) em Santarém-Pa.

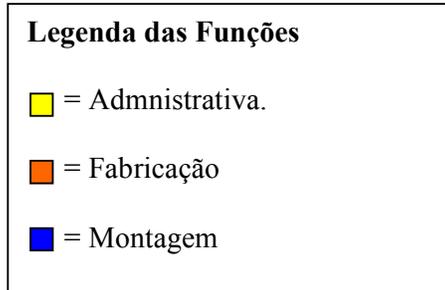
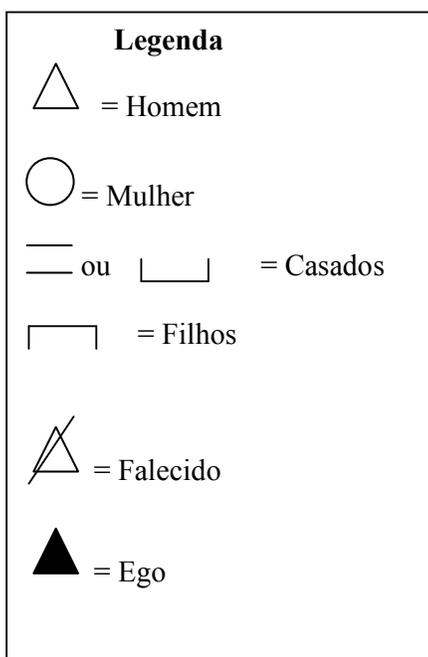
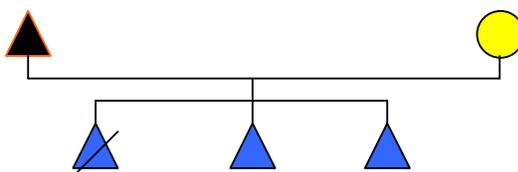
Sindicato das Indústrias de Marcenaria do Estado do Pará (SINDMÓVEIS): 06/07/2004; 13/07/2004; 21/07/2004.

Eventos:

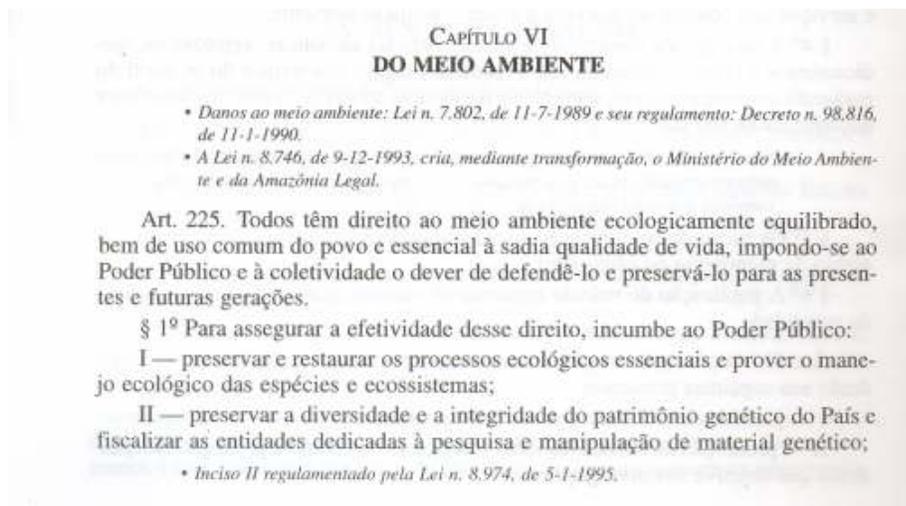
FEMATEC: 28/10/2004; 02/11/2004; 03/11/2004.

Mostra SEBRAE DE MÓVEIS E DECORAÇÃO: 14/08/2004; 24/08/2004.

ANEXO A - Diagrama 01 de parentesco da empresa “Móveis Souza” - funções da família quando a empresa começou a crescer.



**ANEXO B - Constituição da República Federativa do Brasil (1988). TÍTULO VIII DA  
ORDEM SOCIAL CAPÍTULO VI – DO MEIO AMBIENTE – Art.225 e §§ 1º a 6º**



III — definir, em todas as unidades da Federação, espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos, sendo a alteração e a supressão permitidas somente através de lei, vedada qualquer utilização que comprometa a integridade dos atributos que justifiquem sua proteção;

IV — exigir, na forma da lei, para instalação de obra ou atividade potencialmente causadora de significativa degradação do meio ambiente, estudo prévio de impacto ambiental, a que se dará publicidade;

• Vide nota ao § 4º.

V — controlar a produção, a comercialização e o emprego de técnicas, métodos e substâncias que comportem risco para a vida, a qualidade de vida e o meio ambiente;

• Inciso V regulamentado pela Lei n. 8.974, de 5-1-1995.

VI — promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente;

VII — proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais a crueldade.

• Código de Caça: Lei n. 5.197, de 3-1-1967.

• Código de Pesca: Decreto-lei n. 221, de 28-2-1967.

• Código Florestal: Lei n. 4.771, de 15-9-1965.

§ 2º Aquele que explorar recursos minerais fica obrigado a recuperar o meio ambiente degradado, de acordo com solução técnica exigida pelo órgão público competente, na forma da lei.

• Código de Mineração: Decreto-lei n. 227, de 28-2-1967.

§ 3º As condutas e atividades consideradas lesivas ao meio ambiente sujeitam os infratores, pessoas físicas ou jurídicas, a sanções penais e administrativas, independentemente da obrigação de reparar os danos causados.

§ 4º A Floresta Amazônica brasileira, a Mata Atlântica, a Serra do Mar, o Pantanal Mato-Grossense e a Zona Costeira são patrimônio nacional, e sua utilização far-se-á, na forma da lei, dentro de condições que assegurem a preservação do meio ambiente, inclusive quanto ao uso dos recursos naturais.

• Política Nacional do Meio Ambiente: Lei n. 6.938, de 31-8-1981, Lei n. 6.902, de 27-4-1981 e Lei n. 7.347, de 24-7-1985 (ação civil pública).

§ 5º São indisponíveis as terras devolutas ou arrecadadas pelos Estados, por ações discriminatórias, necessárias à proteção dos ecossistemas naturais.

• Terras devolutas: Decreto-lei n. 9.760, de 5-9-1946, arts. 1º, 5º, 164 e segs., 175 e segs. e mais: Lei n. 6.383, de 7-12-1976, Lei n. 6.925, de 29-6-1981, Decreto-lei n. 1.414, de 18-8-1975 e Decreto n. 87.620, de 21-9-1982.

§ 6º As usinas que operem com reator nuclear deverão ter sua localização definida em lei federal, sem o que não poderão ser instaladas.